REVISTA DA SEMANA

Nº 1 ★

Cr$ 3,00 em todo o Brasil



4

JÁ ESTÁ À VENDA!

O ALMANAQUE EU SEI TUDO

PARA 1950

MARAVILHOSO LIVRO DE 400 PÁGINAS QUE PERMITIRÁ AO LEITOR

ESCOLHER O ASSUNTO DA SUA PREFERÊNCIA

Os 120 anos da benemérita Academia Nacional de Medicina ★ A vida de Alexandre Dumas (Pai) ★ O casamento entre diferentes povos e países ★ As maravilhas da natureza ★ Existe no mundo uma fotografia do Cristo ★ O culto dos animais no Egito ★ Caçando demônios com armadilhas ★ As Sete Maravilhas do Mundo ★ Não há muita diferença entre um suicídio e um assassínio.

AMPLIAR OS SEUS CONHECIMENTOS GERAIS

O "Câmbio", sua história e sua técnica ★ Morreremos de sêde? ★ A vida das estrêlas ★ Será fácil para você verificar se tem boa ou má estrêla ★ O simbolismo chinês ★ Que está acontecendo com a duração da nossa vida? ★ Curiosidades da Festa do Natal ★ Prestes a se esclarecer o mistério da vida?

CONHECER COISAS ÚTEIS EM QUALQUER TEMPO

Que quer dizer "Hurrah"? ★ Qual o peixe mais rápido? ★ As assinaturas nas obras de arte. Como conhecê-las? ★ Como cresce o seu filho? ★ Que foi a Atlântida? ★ Socorros urgentes para cortes, fraturas, queimaduras, estados de choque, etc. ★ As palavras e os seus significados ★ Significados dos nomes próprios ★ Origem de frases célebres ★ Curiosidades matemáticas ★ Falsos sinônimos ★ Vocabulário científico.

TER À SUA DISPOSIÇÃO TÔDAS AS INFORMAÇÕES SÔBRE O ANO

O ANO SANTO — Calendário das Festas Móveis até 2008 ★ Festas religiosas fixas ★ Concordância das principais Eras ★ Começos das Estações ★ Festas nacionais do Brasil ★ Festas continentais ★ O quadro das festas móveis ★ O Ano Agrícola ★ O Ano Aeronáutico ★ O Ano Artístico ★ O Ano Esportivo ★ O Ano Horoscópico ★ O Ano Científico ★ Tábua Lunar ★ Calendário Perpétuo ★ Tabela do nascimento e ocaso do Sol.

Uma comédia para o Teatro do Amador:
"PRIMEIRO ANIVERSÁRIO"

Um romance completo:
"SE A MOCIDADE SOUBESSE. . ."

E MAIS:

Curiosidades para todos os gostos
Os Campeões de 1949
Artigos especiais
Como é fácil saber tudo
Centenários de 1949
Cidades centenárias do Brasil
Os mortos do ano
Contos e Narrativas históricas
Desafios para sua inteligência
Páginas para seu recreio
Páginas de Arte
Viajando pelo mundo
Testes para a sua memória
Páginas infantis
Os nomes do ano
Retratos — Tricromias.

Encontra-se à venda em tôdas as bancas de jornais de tôdas as cidades do Brasil

PREÇO PARA TODO O BRASIL: CR$ 15,00 — PEDIDOS À

Cia. EDITORA AMERICANA

Pelo Reembolso Postal ou mediante Vale do Correio
RUA MARANGUAPE, 15 ★ RIO

ABERTURA DO ANO SANTO EM ROMA

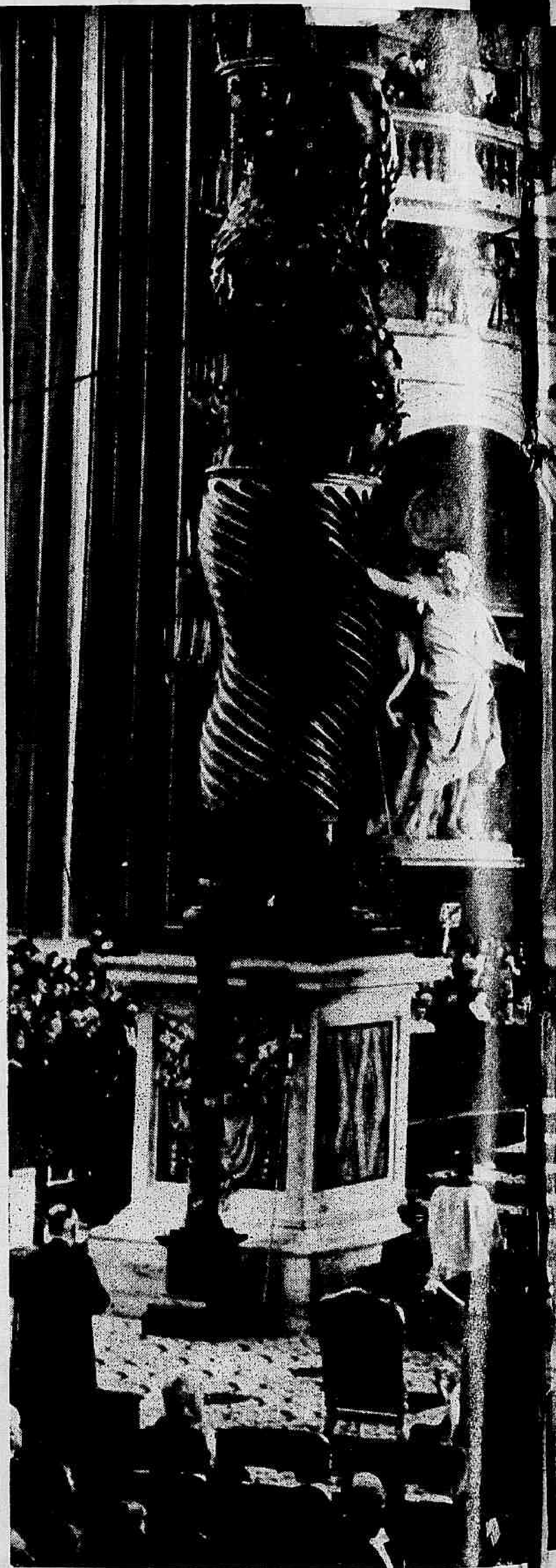


Momento culminante em que eram iniciadas, no Vaticano, as grandes solenidades do Ano Santo, na véspera do Natal: Sua Santidade o Papa Pio XII, acompanhado de cardeais e outros altos dignitários católicos, dá o primeiro golpe de martelo para a abertura da Porta Santa. Desde êsse momento estava oficialmente inaugurado o Ano Santo, que se estenderá até o Natal de 1950. — Nas páginas seguintes, oferecemos aos leitores outros imponentes flagrantes dêsses históricos acontecimentos desenrolados no Vaticano



Sua Santidade, ocupando a poltrona papal, abençôa os presentes na Basílica de São Pedro e profere as primeiras palavras do ritual, estendendo sua bênção a todos os católicos. Em baixo, a mitra e a tiara do Papa, levadas em cortejo



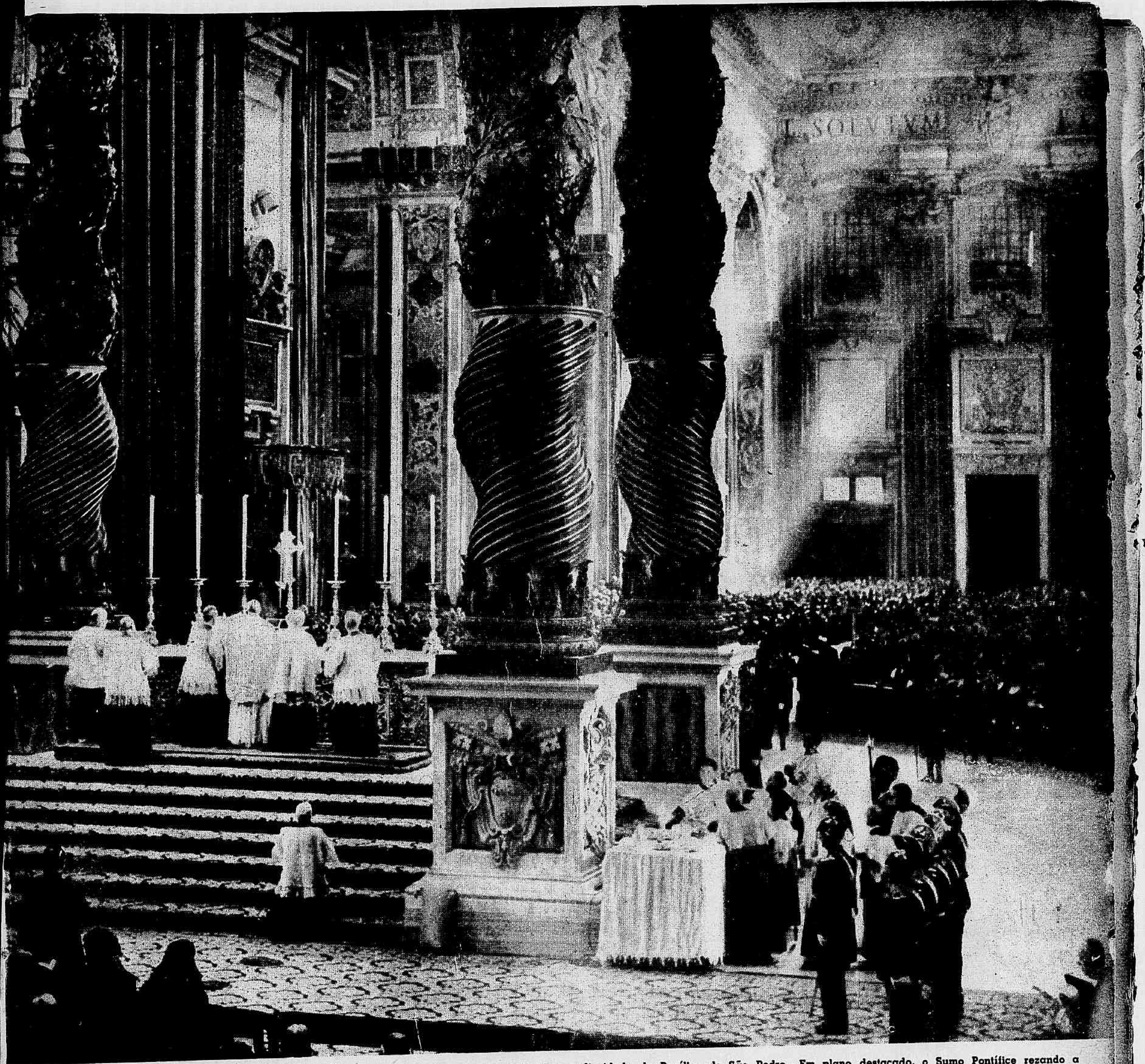


Trinta e seis paises estiveram representados a 24 de dezembro, em Roma, por ocasião da abertura do Ano Santo de 1950, véspera do dia de Natal.

Naturalmente, dentre êsses paises nenhum dos compreendidos na cortina de ferro, compareceu, já porque em alguns dêles a data do nascimento de Cristo não coincide com a do restante do mundo, em virtude do uso de calendário antigo, já porque o Vaticano não mantém relações com os mesmos.

À Itália afluiram multidões de peregrinos calculadas em um milhão de pessoas de ambos os sexos e diferentes idades. O Ano Santo que a Igreja Católica inaugurou a 24 de dezembro, se revestiu de pompa extraordinária, de rito multi-secular, entre orações, cânticos e aclamações ruidosas por enorme massa de povo reunido nas quatro gigantescas basilicas da capital italiana, a de S. Pedro, Santa Maria Maior, S. João de Latrão e S. Paulo.

O espetáculo era impressionante. Milhares de fiéis ajoelhados, oravam a Deus e entoavam cânticos à Virgem, quando as portas sagradas dêsses quatro templos foram abertas simultâneamente, para dar inicio ao 25º ano do



Êste flagrante proporciona ao leitor o raro ensêjo de sentir um pouco as proporções de grandiosidade da Basílica de São Pedro. Em plano destacado, o Sumo Pontífice rezando a Missa do Galo, na noite de 24 de dezembro, acolitado por altas autoridades eclesiásticas. Ao fundo, distinguem-se os forasteiros e convidados que assistiram a essa cerimônia e que cruzaram a Porta Santa quando das solenidades da abertura do Ano Santo em Roma

Jubileu da Igreja, conforme relatam os telegramas de Roma.

A que se destina o novo Ano Santo? E' êle dedicado à paz e ao perdão. Todos os que cumprirem atos de devoção receberão indulgências plenas ou perdão pleno de seus pecados.

A cerimônia da abertura das portas sagradas das grandes basílicas começou às dez horas. Primeiramente, o papa entrou na Capela Sixtina para orar. Em seguida, acompanhado dos Cardeais, transportado em sua cadeira gestatória, dirigiu-se para a porta sagrada da basílica de S. Pedro, onde sua presença foi anunciada por trombêtas.

Logo que um côro terminou de cantar o "Veni Creator", Pio XII desceu do trono e dirigiu-se à porta sagrada. Empunhando um martelo de ouro, prata e marfim, deu na porta a primeira pancada ritualística, dizendo: "Sejam-me abertas as portas da Justiça". Os ajudantes responderam: "Entrando por elas me confessarei ao Senhor".

Batendo pela segunda vez, disse o papa: "Entrarei em Tua casa Senhor!", ao que responderam os ajudantes: "Inclinar-me-ei ante o Sagrado Templo em reverência a Ti". Vibrando a terceira e última pancada, disse o papa: "Sejam-se abertas as portas, pois o Senhor está conosco", ao que lhe responderam os ajudantes: "Quem fêz as maravilhas de Israel?"

Abriu-se a Porta Sagrada de S. Pedro, enquanto o papa voltava para o seu trono.

Em seguida, o local foi limpo com água benta e Pio XII voltou a orar ajoelhado sôbre a porta.

Depois do primeiro versículo do Te Deum, Pio XII entrou no templo, dirigiu-se ao altar de Santa Petronilha e ali ajoelhou-se até terminar o Te Deum.

O Cardeal Canali aproximou-se do papa e, em latim, rogou que desse a bênção apostólica a todos os presentes e também proclamasse indulgências plenas para os que se haviam confessado e tomado a comunhão, no que foi atendido pelo papa. Além dos presentes, também foram beneficiados com indulgências todos aquêles que estavam fora das basílicas, os que o ouviram pelo rádio, os que assistiram as cerimônias das outras três basílicas e os que sempre estiveram preparados para receber espiritualmente a indulgência plena.

A cerimônia da abertura das portas das basílicas, com os cânticos e orações, levou uma hora e quarenta e cinco minutos. Tudo foi coroado com a missa da meia-noite, na igreja de São Pedro e oficiada pelo Sumo Pontífice.

Mas não houve apenas em S. Pedro missa do galo; nas demais basílicas e igrejas de Roma, rezaram-se missas similares.



Desde muitos dias antes do Natal, Roma era o ponto de convergência das atenções do mundo católico, onde os preparativos para o Ano Santo se iam processando dentro do mais rigoroso e sagrado ritual. Porque tôdas as cerimônias obedeceram fielmente às praxes seculares. Êste instantâneo foi batido quando o Chefe do Cerimonial do Vaticano convidava o Sumo Pontífice para abrir a Porta Santa, indo ao seu encontro nessa riquíssima sala do trono

Outro ato religioso que fêz parte do programa das celebrações do Ano Santo foi a procissão até à basílica de Santa Maria Maior, na qual foi erguida uma reprodução do presépio onde nasceu Cristo, em Belém. O papa entrou na basílica de S. Pedro no trono papal e, um minuto depois da meia-noite, celebrou a primeira missa. Meia hora mais tarde, oficiou a segunda. A terceira foi rezada pelo canônigo da mesma basílica.

A terceira missa do Sumo Pontífice na noite do Natal teve lugar na capela contígua ao seu dormitório, retirando-se depois para descansar da árdua tarefa que tôdas as cerimônias do Ano Santo lhe exigiram.

O tempo na Cidade Eterna esteve esplêndido. Um sol brilhante contribuiu para dar beleza sem par a tôdas as cerimônias durante o dia vinte e quatro de dezembro.

Pouco depois de inaugurar o Ano Santo de 1950, o papa recebeu um grupo de sacerdotes romanos e lhes confiou a custódia das Portas Santas das quatro basílicas, durante os próximos doze meses.

O papa pediu aos mesmos sacerdotes que ajudem os milhares de peregrinos a transporem o "umbral do Senhor". Acrescentou que essa excepcional honra lhes era conferida "no momento em que a Cidade Eterna e o universo católico estão unidos no fraternal desejo de paz de Cristo".

Aos sacerdotes foi confiada também a custódia da tumba de S. Pedro, situada debaixo do Altar-Mór da basílica. Depois dessa entrevista o papa abençoou os sacerdotes.

Entre todos os santos da Igreja Católica Romana que serão venerados durante o Ano Santo, ocupa lugar especial S. Felipe Neri, "patrono dos peregrinos", que, em 1548 fundou a Santa Trindade dos Peregrinos. Essa confraternidade, que, desde sua criação atendeu e serviu a milhares de peregrinos, foi suprimida por lei, em 1890.

Um dos aspectos mais pinturescos das celebrações da abertura do Ano Santo, foi a grande quantidade de sacerdotes e freiras de tôdas as nacionalidades com suas vestimentas brancas, marrons, violetas, negras, vermelhas e de outros tons, alguns descalços, enquanto outros cobriam a cabeça com capuz, gente de tôdas as idades e falando mais de vinte idiomas diferentes. Êsses religiosos que vieram da Europa e de países longínquos, deram a nota colorida à cerimônia da abertura das portas sagradas das quatro basílicas de Roma.

O papa e os cardeais legados nomeados para abrir as outras três portas sagradas das demais basílicas, vestiam suntuosas vestes brancas, côr tradicional da Igreja Católica para os atos papais.

Cêrca de 35 mil pessoas lotaram completamente a basílica de S. Pedro. Quando o papa entrou na nave central do templo colossal a multidão prorrompeu em aclamações. Sua Santidade vinha sentado em sua cadeira gestatória e abençoava os fiéis.

E' curioso notar que, apesar de tôdas estas cerimônias e rituais litúrgicos para darem começo ao Ano Santo, o dia não foi feriado. Por êsse motivo o povo que se aglomerara em massa em frente à basílica de S. Pedro, retirou-se antes mesmo de terminadas as cerimônias, cada qual indo tratar de seus deveres profissionais.

Calculam que cêrca de 15 mil pessoas integrando delegações estrangeiras, participaram das solenes festividades da inauguração do Ano Santo.

O Ano Santo, ou Ano Cristão é o grande jubileu da Igreja Católica, durante o qual se abrem as portas das basílicas de Roma e o papa dedica êsse período a um motivo de paz, de perdão, de santificação, de arrependimento dos pecadores.

Antigamente, o Ano Santo ocorria de cem em cem anos; agora, porém, o Vaticano o celebra de vinte e cinco em vinte e cinco anos.

Os notáveis aspectos fotográficos que ilustram esta reportagem foram-nos gentilmente cedidos pelos nossos colegas do vespertino "O Mundo", que vinte e quatro horas após as primeiras solenidades do Ano Santo, publicavam outros semelhantes em suas páginas. Nossos agradecimentos a "O Mundo".

PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA PAGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ...	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 10	Cultura média	Estudante ginasial
De 10 a 15	Cultura superior	Universitário
De 16 a 19	Genial	Um sábio
Tôdas as vinte		O gênio em pessoa

1 DESDE QUE ANO VIGORA O PRÊMIO NOBEL :
— 1901?
— 1905?
— 1898?

2 QUE SIGNIFICA XIFOPAGIA :
— Índio que come carne humana?
— Gêmeos que nascem ligados?
— Espécie de religião?

3 QUAL A ESPÉCIE DE NUVEM QUE SE COLOCA MAIS ALTO NA ATMOSFERA :
— Cumulus?
— Stratus?
— Cirrus?

4 QUE E OCARINA :
— Nome de um instrumento musical?
— De um peixe?
— De uma planta?

5 QUAL FOI A PESSOA QUE, PELA PRIMEIRA VEZ, OBSERVOU A FÔRÇA DO VAPOR D'ÁGUA :
— Edison?
— Denis Papin?
— Stefenson?

6 QUAL DESTAS TERRAS A QUE MAIS SE APROXIMA DO POLO SUL :
— Nova Zelândia?
— Austrália?
— América do Sul?

7 QUAL FOI O PRESIDENTE DA FRANÇA QUE MORREU ASSASSINADO POR UM ANARQUISTA ITALIANO :
— Sadi Carnot?
— Raymond Poincaré?
— G. Clemenceau?

8 COMO SE CHAMAVA O POETA QUE ESCREVEU A FAMOSA POESIA "A LOUCA DE ALBANO" :
— Castro Alves?
— Xavier Cordeiro?
— Luiz Delfino?

9 EM QUE DATA COMEÇOU A GUERRA DO PARAGUAI :
— 14/12/1864?
— 1/ 3/1865?
— 20/ 8/1863?

10 EM QUE PAIS EXISTE A MAIS VELHA ÁRVORE DO MUNDO :
— Na Índia?
— Egito?
— México?

11 QUAL A PRIMEIRA UTILIDADE DESCOBERTA PELO HOMEM CIVILIZADO NA BORRACHA NATURAL :
— Vedar aberturas?
— Apagar riscos de lápis?
— Matar insetos?

12 DE QUE PRODUTO VEGETAL TIRAVAM OS ALEMAES A BORRACHA SINTETICA :
— Da batata comum?
— Da beterraba?
— Do milho?

13 QUAL DESTES ANIMAIS TEM VIDA MAIS LONGA :
— O crocodilo?
— A tartaruga-gigante?
— O leão?

14 ENTRE ESTAS AVES, QUAL A QUE MAIS VIVE :
— O ganso?
— A cegonha?
— O papagaio?

15 COMO SE DEVE PRONUNCIAR :
— Bólivar? (Acento na primeira silaba)
— Bolívar? (Acento na segunda)
— Bolivár? (Acento na terceira)

16 QUAL A ORIGEM DA PALAVRA LADRÃO :
— De ladrar?
— De Ladronius?
— De Ladra?

17 COM QUE IDADE CERVANTES ESCREVEU SUA FAMOSA OBRA "DOM QUIXOTE" :
— 21 anos?
— 34 anos?
— 58 anos?

18 COMO ERA O NOME TODO DE MACHADO DE ASSIS :
— Manoel José Machado de Assis?
— Joaquim Maria Machado de Assis?
— José Joaquim Machado de Assis?

19 DE QUE ESTADO ERA EMILIO DE MENEZES :
— Paraná?
— Espirito Santo?
— Estado do Rio?

20 QUAL O BRASILEIRO QUE, AO VOLTAR DA EUROPA, TROUXE PARA O RIO O PRIMEIRO AUTOMÓVEL :
— Joaquim Nabuco?
— José do Patrocinio?
— Rui Barbosa?

(Resposta na página 58)

Homens que trabalham

Se V. S. sofre de prisão de ventre e esqueceu-se de tomar **Ventre-Livre** ontem à noite, antes de dormir, não esqueça hoje.

Tome uma dose de **Ventre-Livre** hoje à noite, antes de ir para a cama, que amanhã passará o dia bem e trabalhará com prazer.

Os homens ativos, que trabalham com afinço, devem cuidar especialmente da saúde, pois precisam ter o estômago, os intestinos, o fígado, enfim todos os órgãos, e também os nervos, em bom estado, para conservar as suas energias.

A prisão de ventre intoxica o organismo, abate as forças e, por conseguinte, diminui a capacidade de trabalho.

Combata a prisão de ventre sem perda de tempo, usando **Ventre-Livre.**

Ventre-Livre tonifica as camadas musculares do estômago e intestinos e limpa-os das substâncias infectadas e fermentações tóxicas, verdadeiros venenos, que perturbam as funções de todos os órgãos e causam tão grande mal aos nervos.

Tome **Ventre-Livre** hoje, à noite.

* * *

Lembre-se sempre:
Ventre-Livre não é purgante

* * *

Tenha sempre em casa
alguns vidros de **Ventre-Livre**

CONTOS PARA A "REVISTA DA SEMANA"

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERARIAS DOS SEUS LEITORES

1 — Só serão aceitos contos escritos em tôrno de temas brasileiros, sôbre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariavelmente dactilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação não dá informações pelo telefone ou por escrito sôbre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores procurar a importância de sua colaboração na caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos devem ter no mínimo três fôlhas dactilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e, no máximo, oito fôlhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na fôlha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, êste será utilizado apenas para efeito de pagamento. E' desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a decelaração, no envelope: **Conto para a "REVISTA DA SEMANA".**

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interêsse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os autores devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

AOS ASSINANTES E DISTRIBUIDORES DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos a que as mesmas se destinam

REVISTA DA SEMANA

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JUNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano .. Cr$ 140,00
Seis meses .... Cr$ 70,00
Registrada — Um ano ... Cr$ 170,00
Seis meses .... Cr$ 85,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano .... Cr$ 270,00
Seis meses .... Cr$ 140,00

O número avulsto custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 3,50

Correspondentes — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569; Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua Brigadeiro Tobias, 615, 2º andar, sala 217, tel. 6-6718

TEM AGENTES EM TÔDAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida 299, tel. 32, avenida 9109, Buenos Aires

Tôda correspondência deve ser endereçada ao diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Êste número consta de 60 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15
Rio de Janeiro

Diretor-Presidente:
GRATULIANO BRITO

Diretor-Secretário:
R. PEIXOTO DE ALENCAR

TELEFONES — Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Gerência: 22-8647; Contabilidade: 22-2550; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-6602

A SEMANA EM Revista

O PAÍS DOS ABONOS



Toca às raias do impossível a soma de medidas de feição pessoal que caracteriza a orientação das coisas públicas neste país. Falta algodão medicinal nos hospitais públicos, à míngua de verba, mas não deixa de haver recursos para atender, ampliar, aumentar as dotações de pessoal. Para material e serviços, quase nada. E' que coisas não falam, o material não grita, não vota, não oferece perigo. Homens do estôfo do sr. Café Filho, positivamente um dos mais honrados e eficientes representantes da nação, têm, nesse sentido, descaídas de fazer pena! E' o cortejo à popularidade, através de favores a classes ou entidades, quando a Constituição diz: "Todos são iguais perante a lei". Um abono é coisa fácil e agradável de dar: uma fôlha de papel, uma lei, assinaturas, vivas, abraços... Momentos de ilusão entre os supostos beneficiados. E uma alegria constante, fria e real no "coração digestivo" do sírio da prestação, o verdadeiro donatário dessas liberalidades. E a vida que encareça, porque só assim virão novos aumentos de subsídio e ordenado. Ainda bem que no meio da fraqueza geral aparecem homens com a elementar coragem cívica para dizer a verdade ao povo. E nessa lista manda a justiça alinhar os governadores Valter Jobim, do Rio Grande do Sul, Macedo Soares, do Estado do Rio de Janeiro, Osvaldo Trigueiro, da Paraíba, e mais alguns poucos administradores, inclusive os nove senadores (Álvaro Adolfo, Henrique de Novais, Santos Neves, Artur Santos, Aloísio de Carvalho, Ferreira de Souza, Alfredo Neves, Dorval Cruz e Ismar Góis) que não tiveram medo de dizer a verdade à Nação. Afinal, o episódio, decerto lamentável, serve, ao menos, para comprovar que ainda há homens no Brasil.

GERAÇÃO DE MÁRTIRES



O que vemos aqui, leitor amigo, é mais uma página dolorosa dos efeitos da última grande guerra.

Sigmund Eisenberg, com apenas nove anos de idade, deslocado de guerra, cujo pai foi assassinado pelos nazistas na Polônia, e que, refugiado numa caverna em companhia de sua mãe fugindo da morte certa, ficou cego em virtude da poeira que lhe atingiu os olhos.

Ao ser examinado por um médico, dr. Edmund Carter Rosenhauch, que o encontrou num hospital militar norte-americano, êste tomou interêsse pelo seu caso e quando voltou para os Estados Unidos arranjou meio de fazer Sigmund ir também para lá.

O médico, depois de proceder a vários exames dos olhos do ceguinho, está confiante em que seja possível restituir-lhe a vista.

Geração infeliz, essa que, pela pouca idade, nem podia defender-se dos horrores da guerra, nem podia ingressar na luta pela fôrça do patriotismo contra a barbárie.

A situação do pequeno polonês deslocado, órfão de pai, com sua mãe sem recursos é mais uma página dolorosa dos efeitos deploráveis das guerras.

Êsse menino é um símbolo. Fugindo da morte, escondeu-se com a genitora numa furna para não perder a vida e perdeu a vista, que é também uma forma de morrer sem estar morto.

Agora, só resta esperar pelo poder da ciência e reconquistar a visão, sem o que será sempre um inválido. E nem todos se chamam Milton para, na cegueira, dar ao mundo os clarões de um "Paraíso perdido".

FONTES DE TURISMO



Segundo divulga a imprensa, o movimento de turismo na Grã-Bretanha representa atualmente um rendimento de 56 milhões de libras das quais quinze milhões são gastos na Escócia.

Estas cifras foram mencionadas recentemente pelo presidente da Associação Turística da Escócia, sr. Roger Orr, quando falava em Dundes sôbre a participação escocesa nesse invisível comércio de exportação.

Disse o orador que a Junta de Turismo Escocesa estava começando a colhêr os benefícios de três anos de trabalho e que as inigualáveis atrações naturais do país e os projetos de grande alcance como o Festival de Edinburgo e a Exposição Industrial de Glasgow estavam contribuindo para tornar a Escócia conhecida no mundo inteiro.

Focalizou também em seu discurso o que qualificou de aspecto pessoal do turismo. Disse que cada localidade devia proceder a um levantamento de suas atrações e resolver sôbre a melhor maneira de conservá-las. Sobretudo — acrescentou — deve haver amplas oportunidades para que os visitantes entrem em contacto com o verdadeiro povo do país. E ninguém mais pode dar essa oportunidade senão o próprio povo local.

Também no Brasil se vive a falar em turismo como fonte de renda; mas, positivamente, é isto ainda um sonho longínquo. Dispõe o nosso país de ambiente propício a tal indústria, desde cidades impressionantes de belezas naturais e artificiais, até às belezas do nosso interior.

O Amazonas, o Araguaia, o S. Francisco, cachoeiras, pampas, serras, grutas, praias, lagos, minas, tôda uma série de coisas dignas de serem vistas, tudo abandonado...

Imitemos a Inglaterra!

REZA PARA CHOVER

Quando a humanidade começa a sofrer as calamidades meteorológicas, sem nenhuma esperança de salvação, se lança aflita em direção a Deus.

E' tradicional em muitos Estados do Nordeste o que ocorre nas ocasiões de prolongadas sêcas.

Habitantes de fazendas, sítios, povoados se reúnem nas igrejas ou em casas de camponeses e rezam novenas a Nossa Senhora, pedindo misericórdia.

Organizam procissões para a "mudança do santo", levando-o em andor de um ponto a outro, cantando ladaínhas com versos que pedem chuva.

Mas não pensem os leitores que isso é prova de atraso social e próprio de nosso país, cujas populações sertanejas não podem ser cultas até ao ponto da descrença e da explicação científica dêsses fenômenos meteorológicos através da Ciência.

Também em nações cultas, pràticamente sem analfabetos, se verificam dêsses casos. Vejamos o que se passa atualmente nos Estados Unidos da América do Norte.

Encontra-se a grande nação face a face com a mais tremenda sêca de que há memória. Há decréscimo dos mananciais em todos os setores do país.

A falta de água já atingiu o nível de calamidade em grandes cidades como Nova York, Chicago, todo o Estado de Nova Jersey, etc., a ponto de recomendarem a todos os habitantes a maior economia do precioso líquido. E Nova York consome, diàriamente, um bilião e duzentos milhões de galões... Em Nova Brunswick, Nova Jersey, etc., os fiéis rezam nas igrejas pedindo chuva...

A PERSONAGEM DA SEMANA



A instituição do Ano Santo que, nos primeiros tempos só se verificava de século em século, é hoje celebrada de vinte e cinco em vinte e cinco anos.

A 24 de dezembro último foram abertas as portas das quatro grandes basílicas de Roma para dar início ao Ano Santo de 1950, cabendo essa glória ao atual Papa Pio XII, que o Rio conheceu ainda como Cardeal Pacelli.

De todos os recantos do mundo afluíram para a Cidade Eterna multidões de fiéis dando às comemorações do atual Ano Santo um brilho, uma significação ainda não atingidos por nenhum outro nos séculos que se foram.

E tudo isso se deve ao espírito de ordem, à retidão de caráter, à dedicação à sua Igreja que tanto caracteriza o atual Pontífice Máximo da cristandade, Pio XII. Não se pode imaginar o imenso trabalho para organizar-se uma solenidade da magnitude, da extensão e profundidade de um Ano Santo como atualmente exigem as circunstâncias do mundo em convulsões sociais do após-guerra.

Pio XII, apesar de esgotado pelos seus ingentes esforços de Chefe de milhões de fiéis, com a alma lanceolada pelos acontecimentos internacionais que lhe têm perturbado a coesão da Igreja de S. Pedro, sacudida em muitos países pelos vendavais da política adversa ao Vaticano e seus desígnios, teve a energia de enfrentar tôdas as circunstâncias contrárias e levou a efeito, a 24 de dezembro último, a abertura solene e triunfal do 25.º Ano Santo.

Não resta a menor dúvida de que sua vitória foi memorável. Carrilhões e sinos de milhares de campanários; vozes de milhares de bocas; preces rezadas em tôdas as línguas; povos de todos os continentes se congregaram, se uniram, se harmonizaram num Te Deum universal para glorificar o evento extraordinário sob as bênçãos do Sumo Pontífice a quem coube a honra de realizar tão sensacional festividade religiosa.

O Brasil, país tradicionalmente católico, se uniu às demais nações do mundo para solenizar a grande data.

Vinte e quatro de dezembro, véspera do Natal, não foi apenas a ante-manhã do nascimento de Cristo. Êste ano a maior data da cristandade cresceu de importância com a circunstância da abertura das Portas Sagradas de Roma para dar início às celebrações do Ano Santo.

Pio XII conseguiu uma grande vitória para o seu pontificado, e que os frutos dêsse esfôrço venham beneficiar a humanidade conturbada, cada vez mais necessitada de paz e concórdia.

O nome de Sua Santidade constituiu o ponto central de tôdas as palestras da semana que passou.

GANDHI, "O MELHOR DA ÍNDIA"

Por LIN YUTANG

(Copyright da News Press, exclusivo para a REVISTA DA SEMANA)

QUANDO refletimos sôbre a vida de Gandhi e procuramos colocá-lo em alguma categoria entre os grandes dêste século, ficamos completamente embaraçados e somos obrigados a rejeitar uma categoria após outra. Deveremos dizer que foi um líder religioso? Mas êle foi mais do que isto. Deveremos dizer que foi um dos grandes pensadores, cujo nome sobreviverá a esta geração? Certamente isto não seria suficiente. E assim por diante. Houve alguém igual a êle na história da humanidade no último século, ou talvez nos últimos cinco séculos? E se o incomparável Gandhi não pode ser comparado com ninguém nos últimos séculos, ou no milênio, então que foi êle?

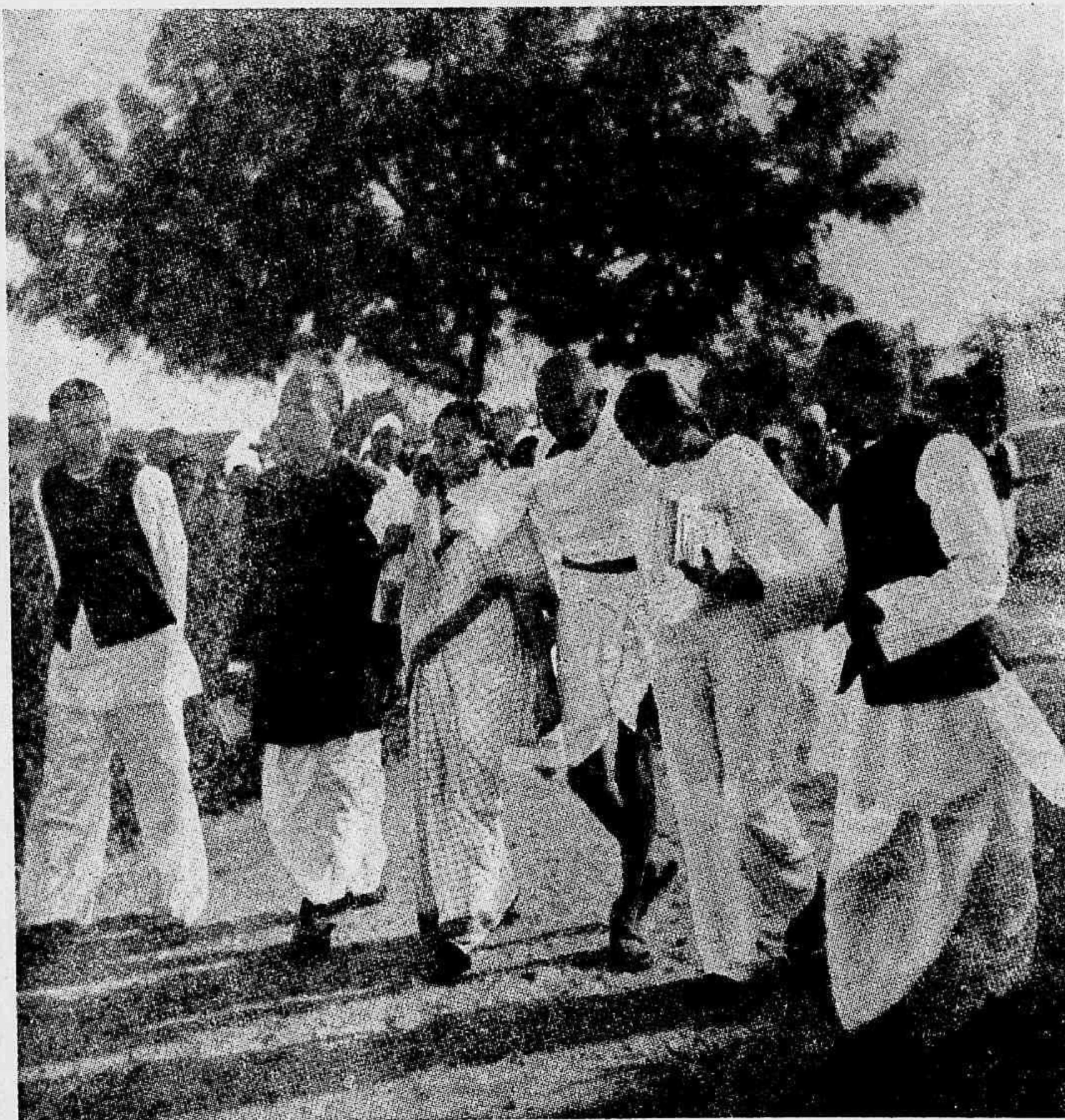
Sòmente a grandes intervalos a raça humana produz um dêsses grandes espíritos que pertencem a tôda a humanidade e cuja influência sôbre os homens brilha através dos séculos. Desde que começou a História, os homens bons geralmente fracassaram na política e os politicamente grandes não foram bons. Em nossos dias, o presidente Wilson foi grande, mas fracassou, e o presidente Roosevelt foi simplesmente grande. Verifico que devo colocar Gandhi na mesma classe de Tolstoi, pois Gandhi, como Tolstoi, foi ao mesmo tempo grande e bom. Certamente Gandhi pertence a tôdas as idades, e se inclui entre os pouquíssimos grandes espíritos humanos que jamais pisaram a face da terra.

Mas, sob um aspecto, Gandhi é um fenômeno exclusivamente indiano. Quero dizer que é um fenômeno que sòmente poderia ter-se produzido na Índia e em mais parte alguma; nem na China, nem no mundo ocidental. Na verdade, Gandhi é um santo moderno, e porque é geralmente impossível para o mundo moderno produzir um santo, ainda não estamos convencidos disto, ou nos recusamos a acreditar. Lembro-me de que Lord Halifax disse certa vez que se êle, como vice-rei da Índia, subisse ao teto do Palácio do vice-rei e rezasse pedindo luz para solucionar um problema político, o seu govêrno o consideraria louco e o chamaria de volta a Londres.

E' isto o que eu quero dizer. Um santo hoje em qualquer país, a não ser na Índia, seria encerrado num hospício. Para o aparecimento de um santo, e para que êle alcance uma posição de liderança pública, o público, as massas, precisam acreditar no poder do bem sôbre o mal. Sòmente quando o santo e seu povo vivem numa era em que é ainda possível para o povo acreditar na eficácia da fôrça moral, pode êle atingir aquela estatura imediata de grandeza perante os olhos do povo. Num país onde o povo acredita na fôrça do bem sôbre o mal nos domingos, e no poder do mal sôbre o bem entre a segunda-feira e o sábado, isto é òbviamente impossível.

O fenômeno de Gandhi, no entanto, tem um significado universal. O êxito de Gandhi ao reunir a política à religião foi estupendo. Os homens responsáveis pela direção das nações se encontram diàriamente diante do problema da escolha entre o bem e o expediente. Sei que o presidente Wilson, como bom religioso, lia diàriamente a Bíblia. Não obstante, o presidente Wilson transigiu com seus princípios diante da política real. Para Gandhi, transigir com a maldade humana seria impossível. A concepção de Roosevelt sôbre a liderança mundial de certo nunca foi além dos princípios das negociações. Um pequeno cínico vende cavalos, e um grande cínico vende nações. E porque nenhum líder pode apresentar um atestado de saúde moral, devemos chegar à conclusão de que reunir política e religião é uma tarefa quase sobre-humana, porém, que Gandhi persistentemente seguiu e realizou durante sua vida.


"...e se me pedissem para dizer numa palavra o que foi Gandhi, eu não saberia descrevê-lo. Apenas poderia dizer que êle foi "o melhor da Índia"


O apóstolo da não-violência sacrificou com a própria vida o seu ideal de fé. Para o mundo inteiro, sua morte constituiu a desaparição de uma das mais belas figuras do nosso século. A simplicidade de sua vida, a fôrça espiritual que dêle emanava, geravam sempre novos e fanáticos discípulos. Aqui o vemos, dias antes de ser assassinado, em companhia dos que lhe eram mais familiares

Se a Inglaterra tivesse oferecido a Gandhi a escolha entre a liberdade para a Índia, com a transigência de seus princípios de um lado e a escravatura e a manutenção de seus elevados princípios morais do outro, estou certo de que Gandhi teria rejeitado a liberdade para a Índia e teria escolhido a escravatura. Por isto êle foi grande, e foi isto o que o distinguiu de todos os Chamberlains e Roosevelts. Mas por que Gandhi teria preferido a escravidão temporária, se fôsse obrigado a escolher? Porque êle acreditava na vitória eventual do bem, porque da tradição do pensamento indu êle teve coragem de apostar no que era moralmente certo contra o que era um expediente político.

Gandhi, portanto, representa a idéia da realidade, e da eficácia da fôrça moral. Êste é um conceito inteiramente alheio ao mundo moderno. De meu estudo da filosofia indu, parece-me que os indus acreditam na conservação dos efeitos da ação humana e na indestrutibilidade do espírito, tal como os ocidentais acreditam na conservação da energia e na indestrutibilidade da matéria. E tôda a vida de Gandhi foi um exemplo vivo e um símbolo desta fé absoluta na eficácia da fôrça moral.

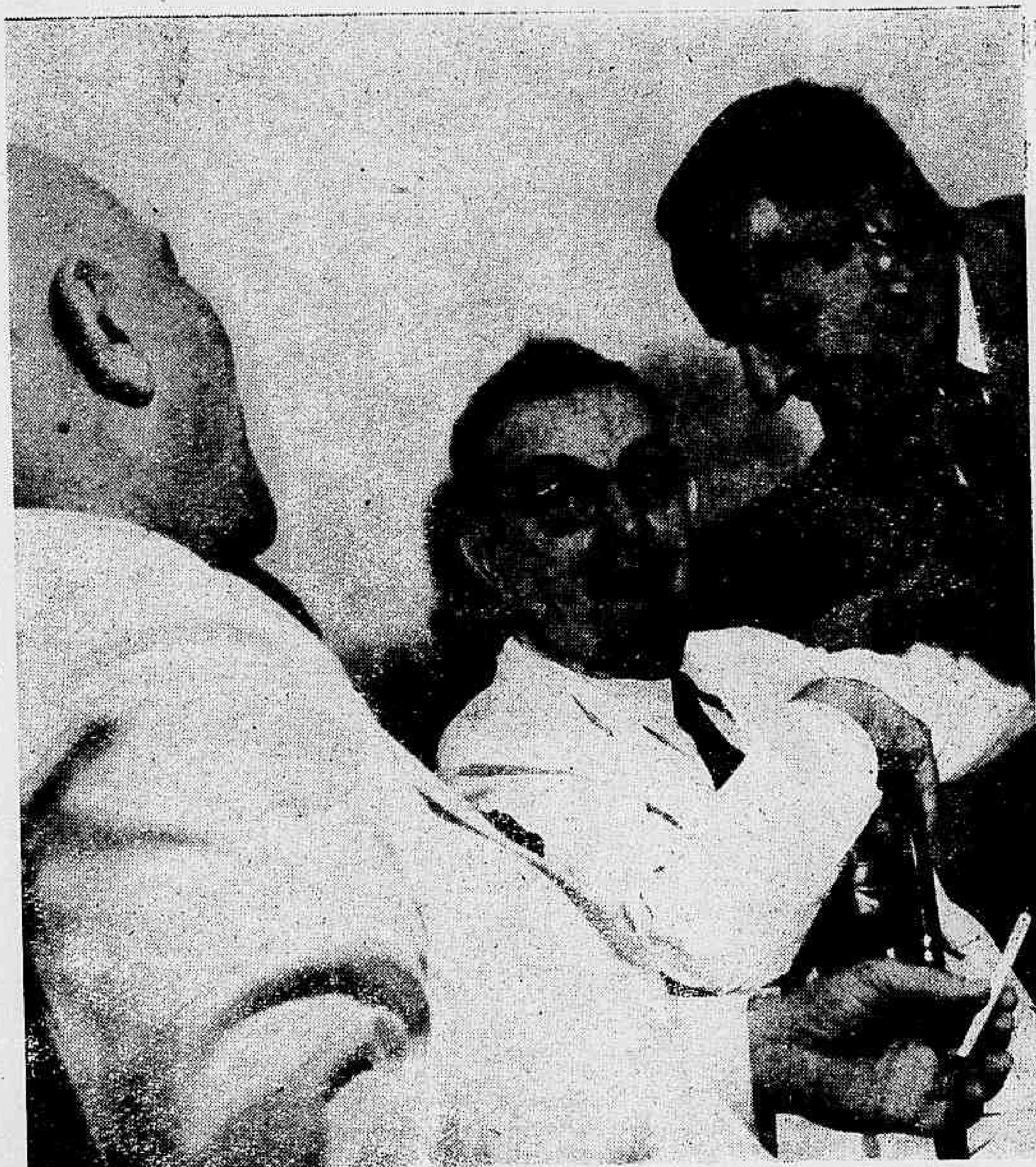
Se me pedissem para dizer numa palavra o que foi Gandhi, eu não saberia descrevê-lo. Apenas poderia dizer que êle foi "o melhor da Índia".

Uma antologia de ensinamentos de Gandhi sôbre o amor, o altruísmo e a não-violência não produziria mais do que uma insignificante agitação no oceano do pensamento moderno, pois é o destino dos ensinamentos sôbre a não-violência e a realidade da fôrça moral não terem muita repercussão no mundo moderno. Mas a vida de Gandhi e o exemplo que deu fôrça e significado à doutrina da fôrça moral brilham com tão meridiana clareza que os homens através dos tempos refletirão sôbre êste exemplo e seu significado.

O P.S.D. NÃO TEM APENAS MILHARES DE ELEITORES COM OS QUAIS LEVOU A MELHOR NAS ELEIÇÕES DE 1945: TAMBÉM POSSUI MUITAS FÃS. AQUI, ESTÃO DUAS FUNCIONARIAS DA SECRETARIA DO PARTIDO MAJORITÁRIO, EXIBINDO UM GRÁFICO DA SUA ORGANIZAÇÃO, A QUAL PRESTAM VALIOSO CONCURSO



NA INTIMIDADE DO P. S. D.



MAIORAIS

Três maiorais pessedistas—o gal. Góis, Georgino Avelino e Bias Fortes, êste último o falado homem da "fórmula mineira", que desencadeou a crise do partido — em animada palestra



COMPENETRADOS

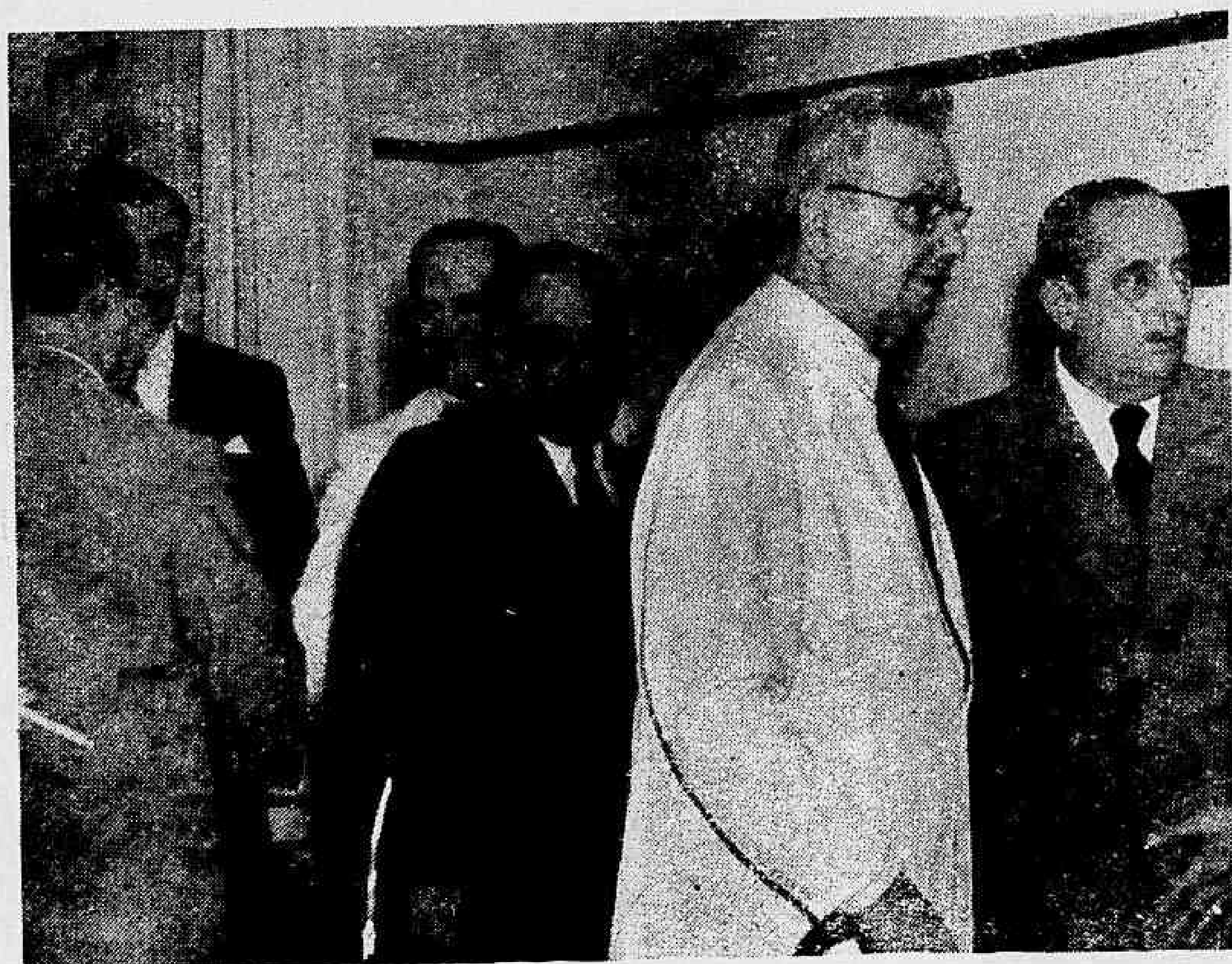
Benedito Valadares, o homem da tempestade, anda preocupado. Deixando de lado suas cogitações literárias, conversa a sério com o senador Georgino Avelino e esquece o Esperidião

Uma visita demorada ao partido majoritário para conhecer sua vida nos bastidores ★ Donde veio o dinheiro para a máquina eleitoral em 45 e 47? ★ Quando o partido do Presidente lutava entre a vida e a morte ★ Uma traição do Telégrafo ★ Pessedistas de fato e outros só em época de eleições ★ Uma proeza incrível: o partido fêz deputado um candidato que não obteve voto algum! ★ Sabe com quanto contribui cada deputado, senador e também o General Dutra?

Texto de CARLOS DUARTE ★ Fotos de ARNALDO VIEIRA

N. da R. — Desejando pôr os leitores rigorosamente ao par da situação eleitoral do país, quando se avizinham novas eleições, iniciamos na edição anterior, sob o título "Seu voto valerá mais em 1950", uma série de elucidativas reportagens. Mostramos, então, o organismo da Justiça Eleitoral e começamos, hoje, uma peregrinação pelos treze partidos legalmente constituídos. Daremos, no próximo número, em continuação, os resultados de outra visita, essa à sede da UDN, e depois, sucessivamente, às das demais agremiações da nação.

O **Partido Social Democrático declara** ao povo brasileiro que os mandatos e cargos que lhe forem confiados serão postos a seu serviço"... e por aí adiante, longe vai o programa do maior partido eleitoral do Brasil, apresentando a sua razão de ser, os princípios de luta e o que pretende fazer para salvar o país



REUNIÃO

Na sede do partido, durante a reunião da comissão diretora, vêem-se o presidente Cirilo Jr. ao lado do gal. Góis e os srs. Amaral Peixoto, P. Brando e, de costas, Agamenon Magalhães



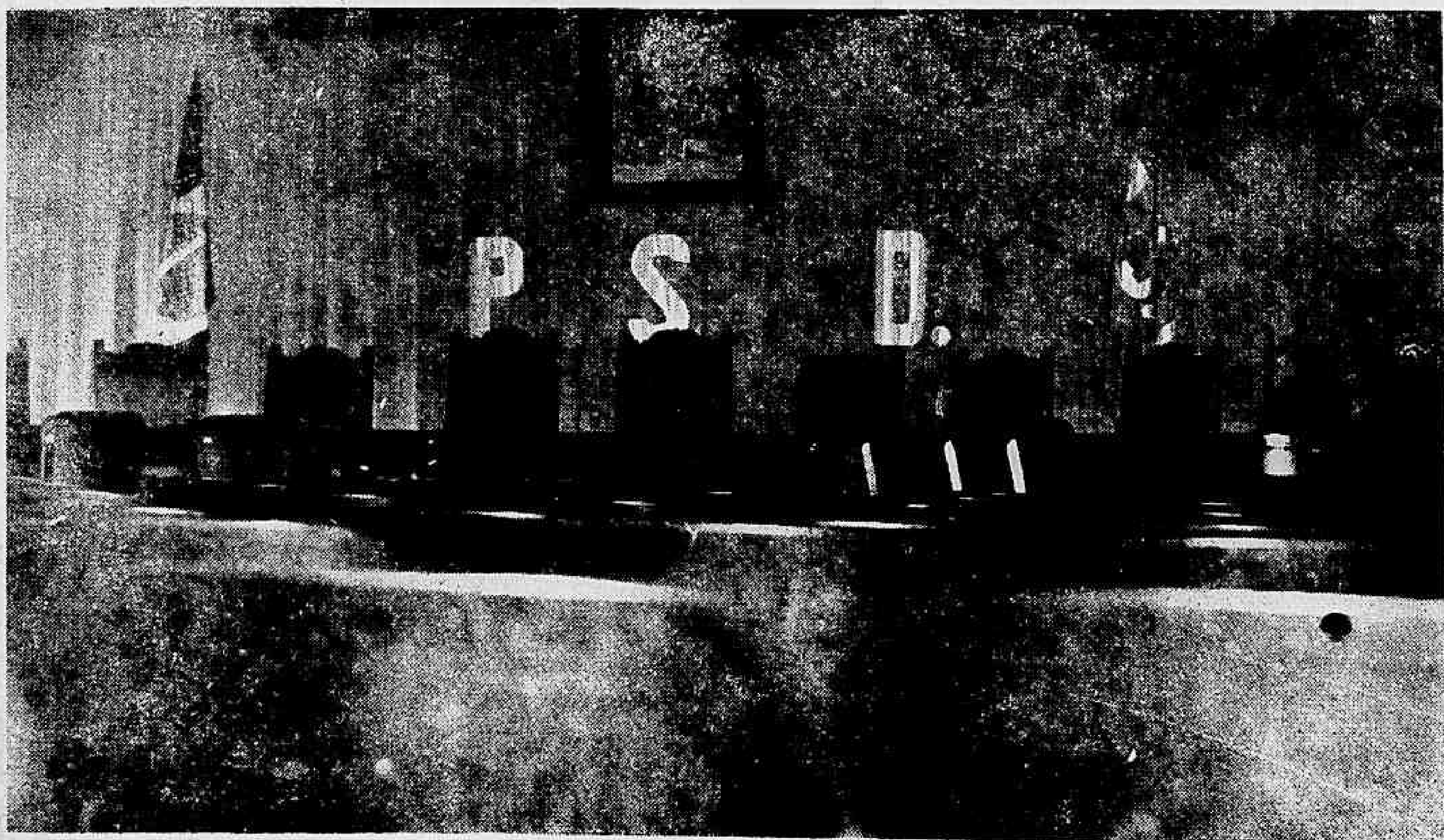
SORRIDENTE

Muito sorridente e loquaz, o sr. Agamenon Magalhães palestra com o general Góis Monteiro e sr. Pedro Branco, tesoureiro do partido, um dos pessedistas dos primeiros momentos Foi mesmo um dos batalhadores da candidatura do general Dutra



A BELA FUNCIONÁRIA

foi ajeitar o quadro na parede para que o partido se mantenha em equilíbrio. Tudo está metódica e organizadamente apresentado na sede pessedista, local em que nos foram gentilmente e, com presteza, fornecidas detalhadas informações



AUDITÓRIO

Êste é o auditório do Partido Social Democrático. Aqui se reúne a convenção do partido. Nesta primeira quinzena do mês de janeiro as poltronas, quase todo o ano vazias, estarão ocupadas, obrigando os líderes pessedistas de todo o país a decidirem, provàvelmente qual o futuro candidato do partido à Presidência da República



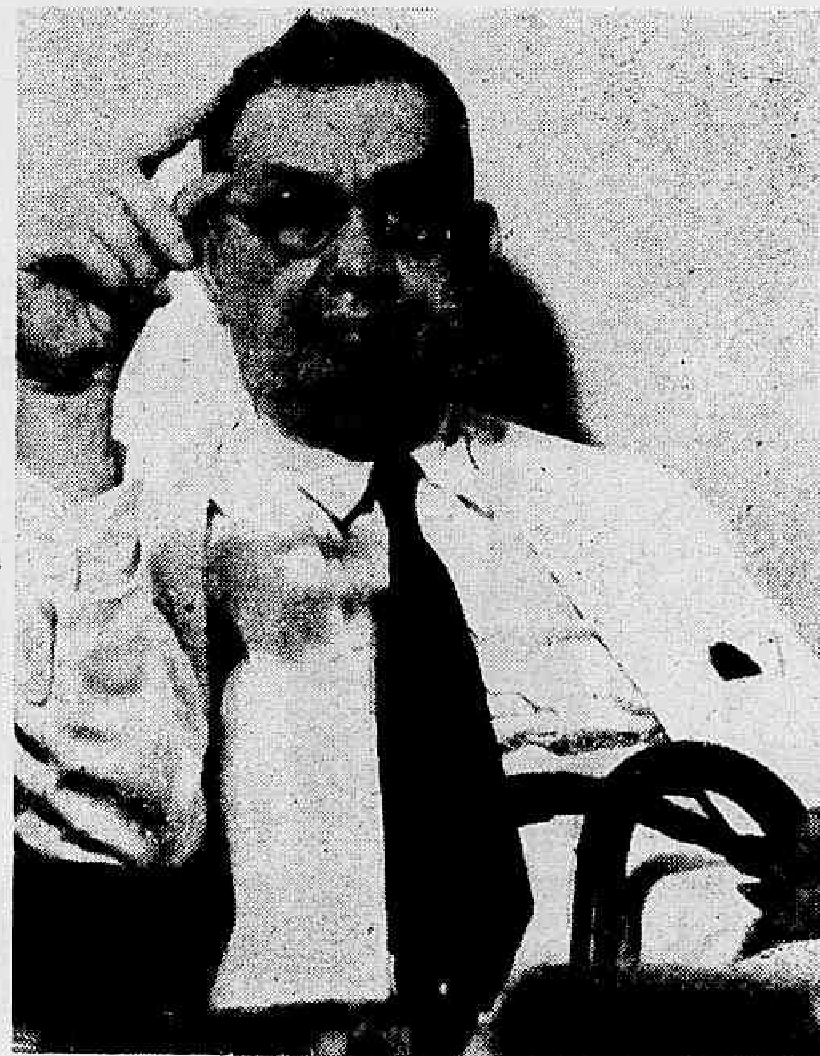
RENUNCIOU

A renúncia do sr. Nereu Ramos à presidência pôs o partido em séria crise. Seu gesto, porém, chegou a merecer o elogio do sr. José Américo de Almeida

e dar felicidade ao nosso povo. Se êle está cumprindo ou não o que promete, o povo que o diga, se fôr capaz, nas próximas eleições. Mas isso é assunto para outra história. Hoje, o que nos interessa é algo de que ninguém fala, quando se trata dos partidos e da política. Como nasceram os grandes partidos? Quais os ideais com que levantaram? O que estão fazendo pelo país? Qual o setor da opinião nacional que representam? — E, se não quisermos nos alongar nesta série de perguntas indiscretas, insinuantes e aborrecedoras, façamos apenas mais uma: donde vem o dinheiro que move a máquina dêsses partidos? Poucos são os eleitores de qualquer partido que responderiam exatamente a estas perguntas. Vamos, pois, mostrar alguns aspectos dos bastidores dos partidos, a começar pelo PSD, por ser o majoritário. Sem pretender dizer tôda a verdade, porque tôda a verdade ninguém pode saber nem tão pouco dizer, vamos dar um olhar ao passado, aos tempos idos de 1945, tão próximos ainda de nós.

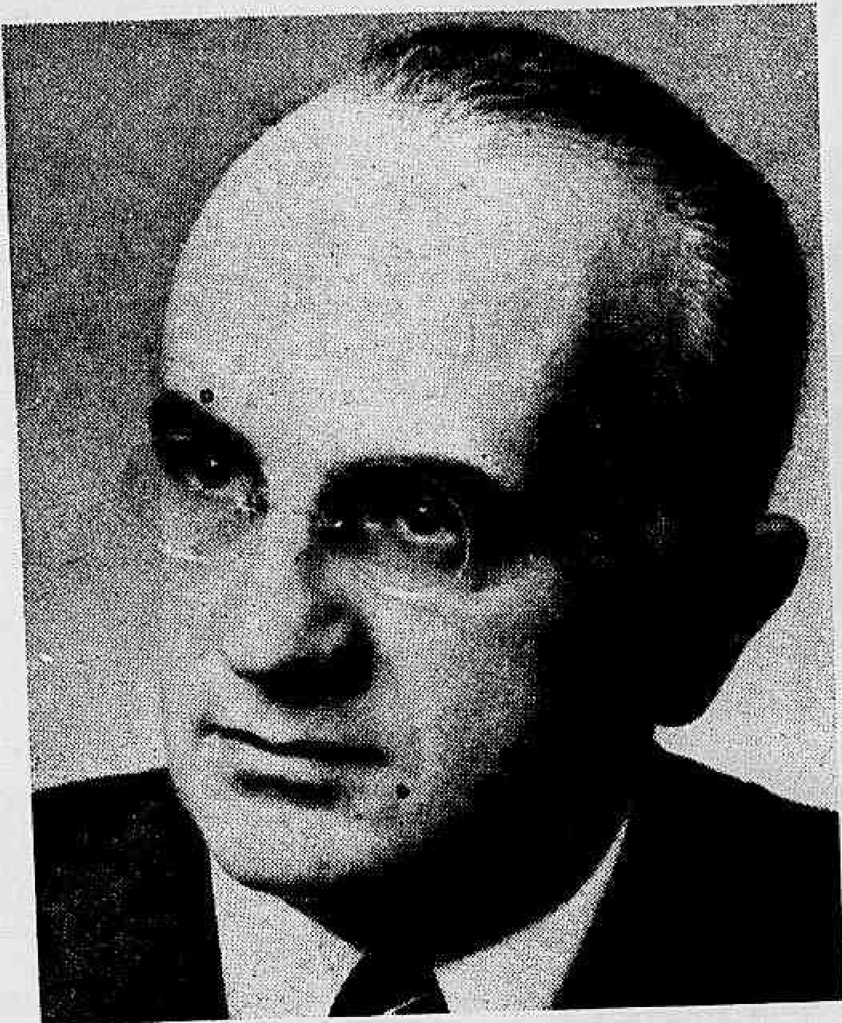
Quando silenciaram os canhões na Europa, Ásia e África, um alento democrático soprou sôbre a face da terra, e onde havia ditadura, as ditaduras foram sacudidas. Algumas se agüentaram, outras, porém, caíram; e nessa onda emborcou o Estado Novo. Antes mesmo do golpe de 29 de outubro, a liberdade de palavra, de imprensa e de reunião já estava de novo franqueada ao povo brasileiro, mòrmente depois da chegada da FEB.

Liberto dos grilhões, as fôrças políticas puseram-se em campo, proliferando ràpidamente, e assim surgiram nada menos que 26 partidos, organizações potentes ou meramente eleitorais, todos com os olhos fixos nas eleições



O MAIS FALADO

E' o general Góis Monteiro o homem mais falado do P.S.D. Mas o senador alagoano parece não ligar muito ao falatório e prossegue agitando a política



FUNDADOR
Estatutos e programa são, em grande parte, de autoria do sr. Barbosa Lima Sobrinho, um dos fundadores da agremiação

que se realizaram em 2 de dezembro de 1945, completadas com as de 19 de janeiro de 47.

★

A UDN, resoluta, nessa época, lançou a candidatura do Brigadeiro, e pretendia varrer da administração do país tudo quanto cheirasse a Getúlio... Os interventores ministros, presidentes de autarquias, prefeitos e outros altos dignatários da "entourrage" estadonovista perceberam o perigo que corriam e, disso resultou o partido que viria pôr por terra o sonho dos udenistas — o PSD e a candidatura do general Dutra. Getúlio mesmo foi quem o engendrou e apoiou, tendo sido, aliás, o artífice de sua vitória. Estávamos em abril de 1945. Nascia, assim, o PSD. Seus fundadores e braços fortes dos primeiros momentos foram poucos: Barbosa Lima Sobrinho, presidente, até a véspera, do Instituto Nacional do Álcool e Açúcar, Mozart Lago, um velho político carioca, Pedro Brando, Israel Pinheiro e João Alberto. Barbosa Lima, hoje governador de Pernambuco, foi a viga mestra do partido, tendo sido o autor dos seus estatutos e programa, com poucas emendas de seus correligionários; o primeiro presidente, porém, foi Mozart Lago, que não faz muitos dias trocou o seu antigo partido pelo PSP de Ademar de Barros. Não se esqueça, porém, que desde o início o general Dutra estava presente, e se o partido cresceu tanto e tão depressa naqueles dias turvos para os situacionistas de véspera isso se deve à sua presença e à fôrça que sua candidatura representava como anteparo às intenções do candidato udenista.

★

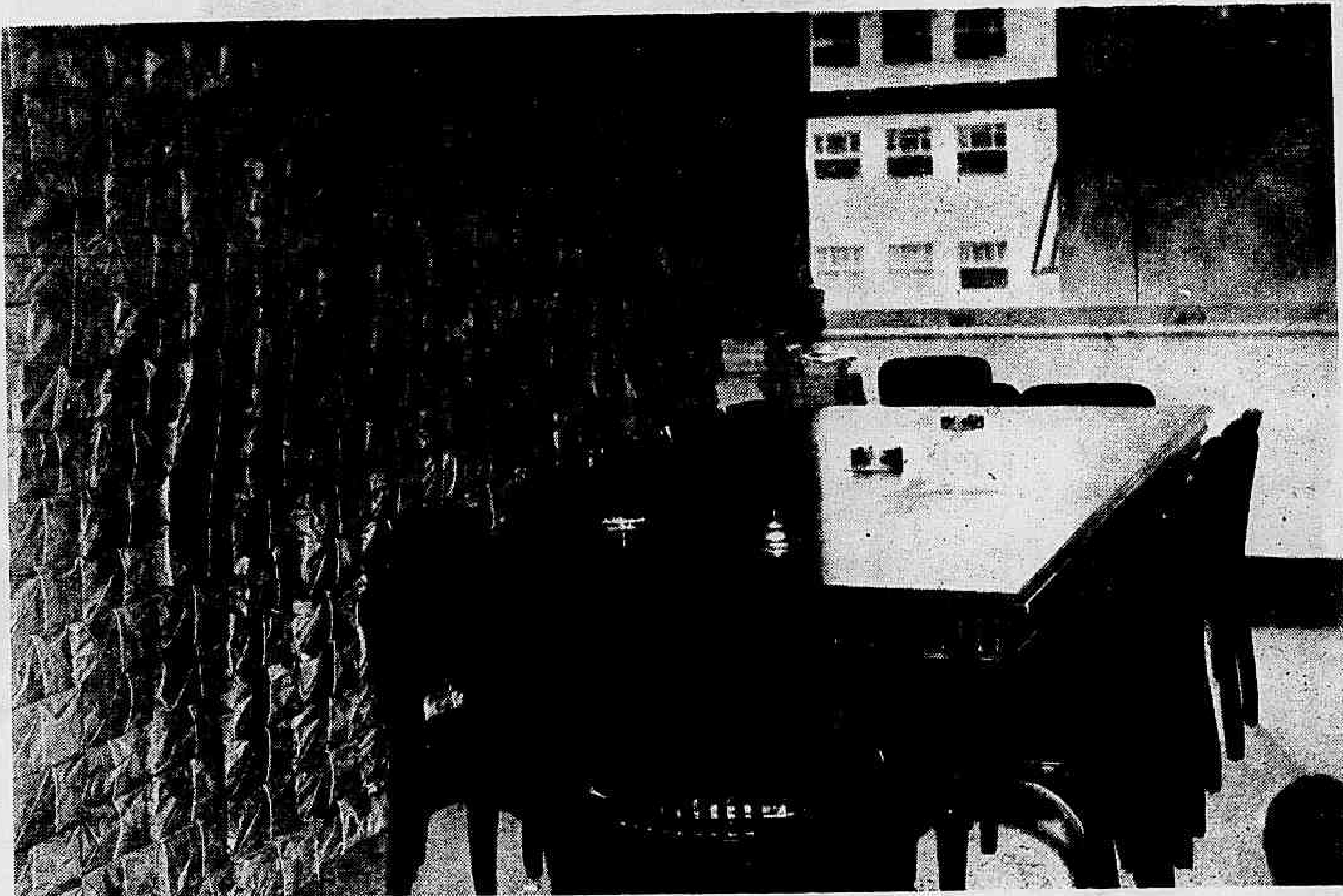
Fernando Costa, interventor em São Paulo, foi também dos primeiros a prestigiá-lo, bem como Benedito Vala-



UM OLHAR PARA O PRESIDENTE
Se o retrato falasse, que responderia à simpática funcionária? O Partido Social Democrático não é partido de eleitorado feminino, mas, assim mesmo, elegeu uma deputada no Estado de Santa Catarina. E convém lembrar que "elas" fizeram valer a sua influência nas eleições passadas. — Repetirão agora a mesma façanha?



O PRESIDENTE
Cirilo Júnior, presidente do Partido Social Democrático, é também o presidente da Câmara dos Deputados. Aqui o vemos em palestra com o sr. Amaral Peixoto



MESA DA DIRETORIA
Esta mesa tem sido muito frequentada nos últimos dias pessedistas. Aliás, tôda a série do partido vive agitada, por que o Brasil está na expectativa do que acontecerá ao PSD. E quando os chefes tomam seus lugares, a coisa é muito séria...



REUNIÃO SECRETA

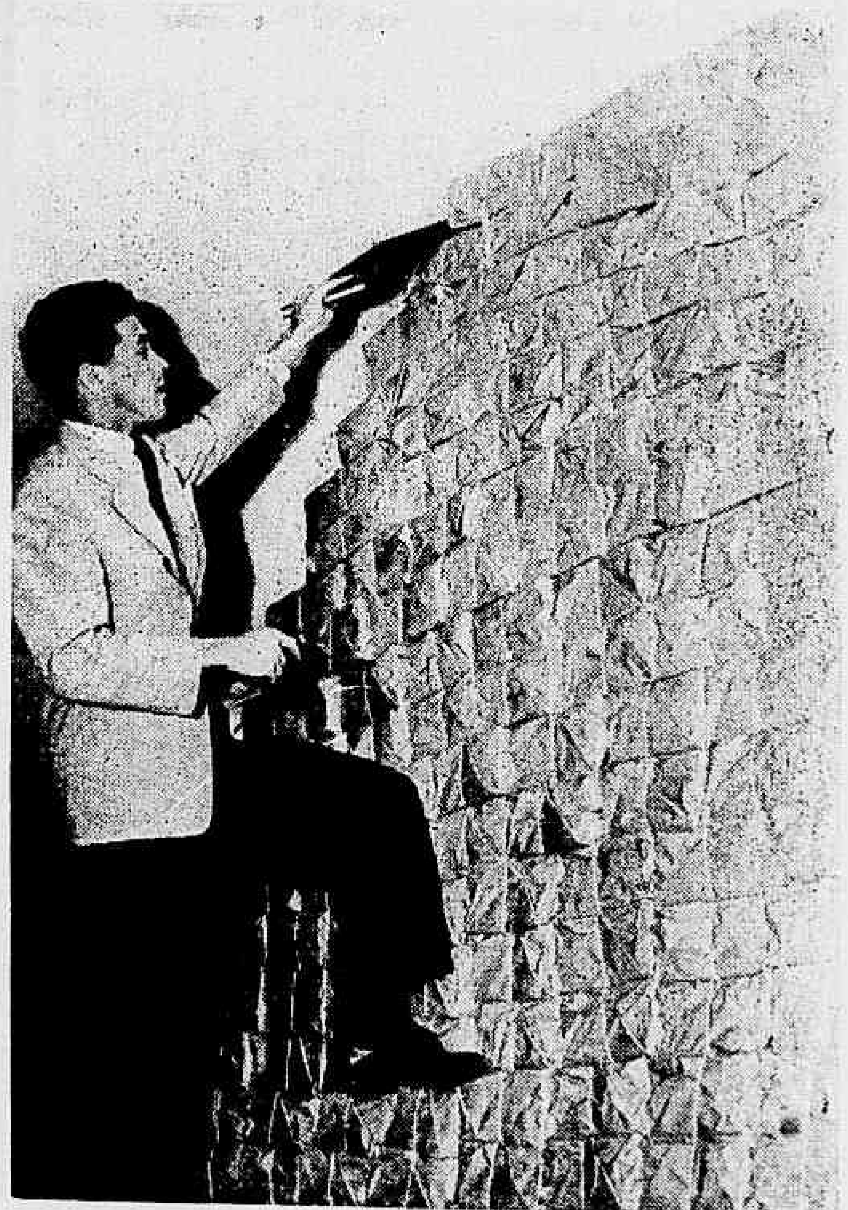
Sim, reunião secreta, mas a reportagem não pode falhar. Voltar para a redação sem o serviço, é fracasso; e como lhe fecharam as portas, os repórteres foram ouvir pelo unico meio, o que discutiam os pessedistas. E como discutiam forte!



O COFRE...

Onde está o dinheiro do partido? No cofre, é lógico. Entretanto a arrecadação não é para que se diga essas coisas!

dares, donatário de Minas, e outros chefes politicos de norte a sul do pais. O PSD viveu, contudo, os seus dias de apêrto. A candidatura do general Dutra, a principio, não impressionou a muita gente; perdurou durante alguns dias a dúvida entre um desmentido do candidato àquela "noticia" ou à sua rápida desistência... Dutra, porém, topou a parada; a sua decisão e tenacidade fizeram com que não demorasse muiito e já os politicos pululavam em tôrno do PSD. Os repórteres que alimentam as colunas da imprensa viram, nesses dias de vida e morte do partido, um contraste fizante: enquanto na UDN tudo era vivacidade, entusiasmo, confiança no nome e na bandeira que levantavam, no PSD via-se o sr. Israel Pinheiro, hoje deputado e seu secretário-geral, escondendo-se da imprensa, nem sempre por causa de "matéria-paga"... A sede do partido, na avenida Churchill n. 94, 3º andar, onde, hoje, fica apenas a sede do PSD do Distrito Federal, por alguns dias viveu às môscas. O general Dutra pensou em abrir mão da sua candidatura, só não o fazendo devido à interferência de alguns companheiros de armas, sobretudo o general Mendes de Morais, a quem mais tarde viria premiar com o cargo de prefeito. Com a adesão de Agamenon Magalhães, Nereu Ramos, dos "jornalistas e mineiros de 400 anos" e destacados próceres do sul, o PSD tomou fôrça, aprumou, e coeso foi às urnas, vencendo por larga margem de votos:



MATERIAL

Uma sala da sede do partido está abarrotada de folhetos que o PSD distribuirá, para mostrar o que é, na verdade



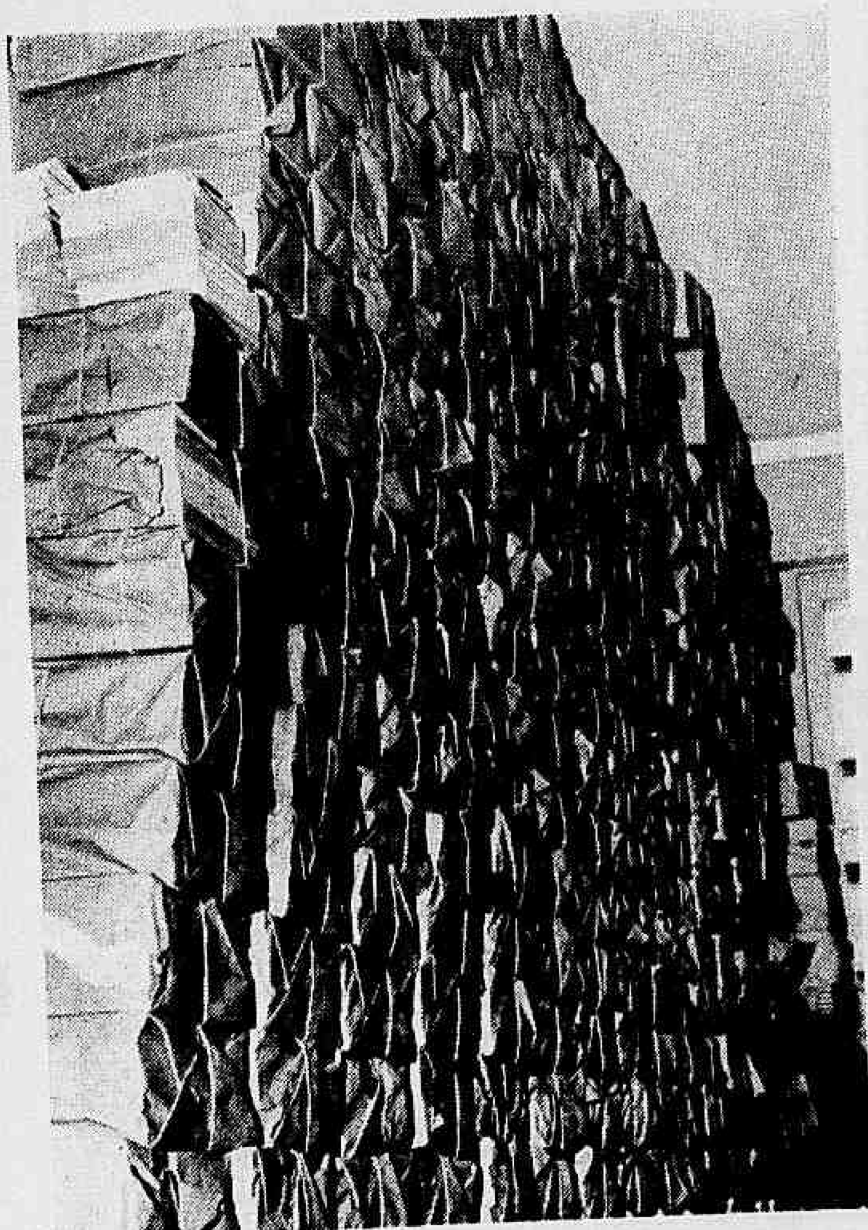
S. EXCIA.

O Presidente da República é o pessedista n. 1, e como tal, há retratos seus em tôdas as salas da sede do partido

Dutra obteve 3.251.507 votos, o Brigadeiro, 2.039.341; Yeddo Fiuzza, 569.818, e Mário Rollim Telles, 10.001 — do total de 5.870.667 de votos lançados às urnas. Obteve ainda o PSD maioria absoluta no Senado, elegendo 40 dos 63 senadores da República, e na Câmara, com 157 dos 304 deputados federais e mais três ainda em coligação com o Partido Republicano. Nas eleições para governador dos Estados deu outra demonstração de sua fôrça eleitoral, elegendo os governadores do Estado do Rio — coronel Edmundo de Macedo Soares, Espírito Santo — Carlos Lindenberg, Alagoas — Silvestre Péricles de Góis Monteiro, Sergipe — José Rollenberg Leite, Pernambuco — Barbosa Lima Sobrinho, Pará — major Moura Carvalho, Rio Grande do Norte — José Varela, Mato Grosso — Arnaldo Trigueiro, Santa Catarina — Aderbal Ramos, Paraná — Moisés Lupion, e Rio Grande do Sul — Valter Jobim. Onze Estados, portanto, dos 20 em que está o nosso país dividido, além do Distrito Federal, cujo prefeito é de livre nomeação do Catete, bem como os governadores dos Territórios.

★

Pasme agora, leitor! O PSD conseguiu a proeza incrível de eleger um deputado que não obteve um único voto! Êsse "representante do povo brasileiro" é o sr. Ermelindo (Continua na pág. 47)



MONTANHAS...

Montanhas de folhetos com o programa e estatutos, vão ser fartamente distribuídos por todo o país, a começar de breve



A BANDEIRA

Alegre e feliz, a jovem pessedista deixou-se envolver pela bandeira do partido, e sôbre seu corpo ondulado surgem as três letras do majoritário, três simples letras que venceram nas urnas de 45 e 47. Que será do PSD nas próximas eleições, em 50?



POMBOS E "POMBINHOS"

Esta é a clássica fotografia batida na Praça de São Marcos, em Veneza, onde os turistas sistemàticamente dão alimento aos pombos. Muita gente fala dêsses infalíveis instantâneos mas quando vai a Veneza não resiste à tentação da pôse, esquecendo o seu espírito de crítica. Renata Fronzi e César Ladeira, o casal de "pombinhos" em viagem de núpcias, não fugiram à praxe e aqui os vemos dando milho aos pombos mais bem alimentados do mundo inteiro. Palavra que os fotógrafos ganham bom dinheiro graças à famosa Praça!

RENATA E CÉSAR VOLTAM DA GRANDE VIAGEM DE NÚPICIAS

ATRAVÉS DE OITO PAÍSES EM DOIS MESES ★ DESDE A FRIA E NÓRDICA ESTOCOLMO, À ENSOLARADA CAPRI MEDITERRÂNEA ★ COSTUMES, ARTES, MUSEUS, TEATROS, RÁDIO E TELEVISÃO ★ TODO UM "BRIC-A-BRAC" PRÓPRIO DE TURISTAS

Reportagem de SABINO CANALINI

VISITAR novos lugares e conhecer novas gentes, essa é a ânsia de muitos, e felizes dos que podem satisfazê-la. Como por motivos alheios à nossa vontade, nos é vedado, por enquanto, rèalizar êsse desejo de procurar sempre horizontes novos, é com o maior contentamento que nos aproximamos daqueles que acabam de chegar de outras terras. E' um prazer sempre renovado ouvi-los falar, seja quando nos descrevem lugares desconhecidos, ou quando nos recordam coisas e aspectos familiares.

César Ladeira e Renata Fronzi, dois nomes de domínio público e que portanto dispensam qualquer apresentação, casaram em outubro e foram, em viagem de núpcias, à Europa. Após dois meses, voltaram, reintegraram-se nos hábitos da vida carioca, mas deveriam estar com as retinas ainda cheias das paisagens que tiveram a oportunidade de observar. E foi para que nos contassem o que viram, com permissão de relatá-lo ao público, que os procuramos.

Amavelmente recebidos, no belo apartamento que estavam terminando de arrumar, num décimo andar em Copacabana, de onde se descortina a visão praieira, pacientemente satisfizeram a nossa curiosidade, respondendo às perguntas, mostrando "souvenirs" e projetando uma infinidade de fotografias em côres!

— Após quarenta horas de vôo, descontado o tempo das escalas intermediárias, começou assim a narrativa de César Ladeira, saídos da tropical Rio de Janeiro, fomos parar em Estocolmo, quando lá era pleno outono. Se sentimos frio? Muito. Apesar de não haver neve ainda, a temperatura era de seis graus. Cidade ampla, bem traçada, plana, de construções antigas mas sólidas e palácios modernos, é uma capital de muita atividade. Todos trabalham. O que mais me impressionou, foi o sistema e padrão de vida. Não há pobres nem gente mal vestida. Todos ganham bem para manter um nível de vida elevado, um dos mais altos de quantos conheço. Creio que os suecos alcançaram um sistema socialista perfeito, pois todos devem produzir, é verdade, mas possuem mais do que o necessário. Há limites para a riqueza, revertendo o extraordinário em benefício da coletividade.

— Vi mulheres em Estocolmo, aparteou Renata Fronzi, vestidas com mais elegância que na França, e a qualquer hora do dia e em qualquer lugar.

— Os operários vestiam como nós, a maioria conhece o idioma inglês, de modo que não há dificuldade para se fazerem entender. Possuem boa instrução, um dos pontos de maior preocupação para o govêrno. Êste é o único responsável pela educação da mocidade, pois só há escolas oficiais, método de ensino padronizado, universidades famosas como a de Uppsala, institutos técnicos e científicos procurados pelos estudantes do mundo inteiro para especialização.

— E quanto à política, o que nos diz? Há lutas de classe, reivindicações e descontentamento, como nos outros países?

— Talvez pelo fato de se ter mantido fora da guerra, a situação econômica da Suécia é sólida. Não há miséria, portanto não pode haver descontentamento. Não se nota a diferença de classes. Ideologias extremistas como o comunismo não encontram campo favorável para sua expansão. O ambiente é de verdadeira democracia. Notei tanto na Suécia como na Dinamarca que os escandinavos temem a supremacia dos vermelhos da Rússia. Êles praticam muito os esportes, sendo o preferido o futebol. Possuem estádios grandiosos. A mulher sueca é ágil e esportiva. Alta, elegante, bonita na maioria.

Renata, que havia se levantado para ir buscar no quarto uns folhetos elucidativos sôbre a viagem, fêz ouvir um pigarro significativo, querendo advertir que ha-



VISITA AO LOUVRE

Esta, quem bateu, foi Renata. Pôse de César Ladeira apontando, lá em cima, a taboleta famosa: "Musee du Louvre" — Entrée Principale". Entrar no Louvre não custa; difícil é sair depois ter visto as raridades artísticas que lá se encontram. Uma semana é pouco

via escutado a apreciação do marido sôbre as mulheres suecas...

Na volta trouxe uma monografia do Skansen e explicou:

— E' um vasto parque, sôbre uma colina nos arredores de Estocolmo. E' ao mesmo tempo um jardim zoológico, museu e parque de diversões. Os animais andam soltos em cercados, não há gaiolas. A nota característica do Skansen é representada pelos conjuntos arquitetônicos vindos dos mais afastados pontos do país, reconstruídos dentro da técnica regionalista, habitados pelos próprios originais que vestem seus trajes típicos, usam seus utensílios peculiares, vivendo, enfim, como sempre o fizeram em seus torrões natais. Servem para dar, de maneira realista, uma visão dos vários costumes existentes no país e que representam, às vezes, sistemas de vida de épocas já passadas. Como por exemplo citarei a habitação típica dos Lapões, vestidos de peles, com seus utensílios de osso de rena.

— Fomos em seguida para Copenhague, na Dinamarca, continuou César. Note-se que foi ocupada durante a guerra. Os dinamarqueses preferem não falar a respeito, querem esquecer. O veículo que mais preferem é a bicicleta. Nas ruas, às vezes, há tantas que mais parece uma competição esportiva em vez de uma situação normal. De que mais gostei? Na entrada do pôrto, em cima de uns arrecifes, há a reprodução em bronze de uma sereia, baseada no famoso conto "A pequena Sereia", do não menos famoso Andersen, escritor infantil, conhecido no mundo inteiro. E' o preito sincero da população ao homem que povoou a imaginação de todos nós na infância. Visitamos o castelo de Elsinore, o castelo de Hamlet, e constatamos quão fiel foi a reconstrução do local, nos estúdios ingleses, para a filmagem do "Hamlet" de Sir Lawrence Olivier. Depois paramos na Alemanha, na cidade de Frankfurt, mas foi tanta a tristeza que nos causou aquela cidade semi-destruída, que ali não demoramos.

A nossa insistência em obter mais alguns detalhes, disse:

— O povo anda mal vestido, sem trabalho, com fome; as ruas ainda estão entulhadas de ruínas, soldados americanos por tôda parte...

— Mas deixemos a Alemanha e voemos para Paris. Ficamos lá 21 dias e apesar de quase todos dizerem que a atual Paris fica muito a dever à "cidade luz" de antes da guerra, gostamos imenso. Aliás, eu já a conhecia do ano passado. Repleta de turistas, movimento intenso, vida animada a tôdas as horas do dia e a noite. Centro universal de diversões, assistimos lá a várias representações teatrais, desde o "Grand Guignol" até o "Folies Bergéres".

— Visitamos, só o Louvre, quatro vezes, e assim mesmo não vimos tudo, continuou Renata. O que mais me chamou a atenção foi a exposição de jóias antiquíssimas, pelo fato de verificar que nas vendidas atualmente como novidade absoluta... não há novidade nenhuma. Tudo é copiado.

Sorrimos à observação bem feminina de Renata e perguntamos quais as obras que no famoso museu mais os haviam atraído. César respondeu pelos dois:

— O que vou dizer é um lugar comum, mas é a verdade. Entre os quadros foi a "Monna Lisa" de Leonardo da Vinci e entre as esculturas a Venus de Milo...

— ...que aliás estava bem gordinha, interrompeu mais uma vez Renata.

— ... e a Vitória de Samotracia. O museu é tão vasto que um dia nos perdemos. Queríamos sair, mas foi um custo, pois há uma única entrada e saída. Percorremos também todos os lugares obrigatórios aos turistas, como o Arco do



"HARCOURT — PARIS"

Temos muito bons retratistas aqui no Rio, mas quem dispensa a recordação de um notável "atelier" parisiense? Aqui estão êles numa foto de Harcourt, "o fotógrafo por excelência"



CHAMPS ELYSÉS
A legenda poderia ser apenas isto: "Dois brasileiros em Paris". Êle, sem gravata, à moda carioca, dá o braço à esposa que parece bem disposta... a comprar "souvenirs"



EM ESTOCOLMO
Tudo é absolutamente inédito — mesmo quando se encontram barcos iguais aos nossos. Mas a viagem facilita o "clima". E Renata mostra-se a mais feliz das mulheres



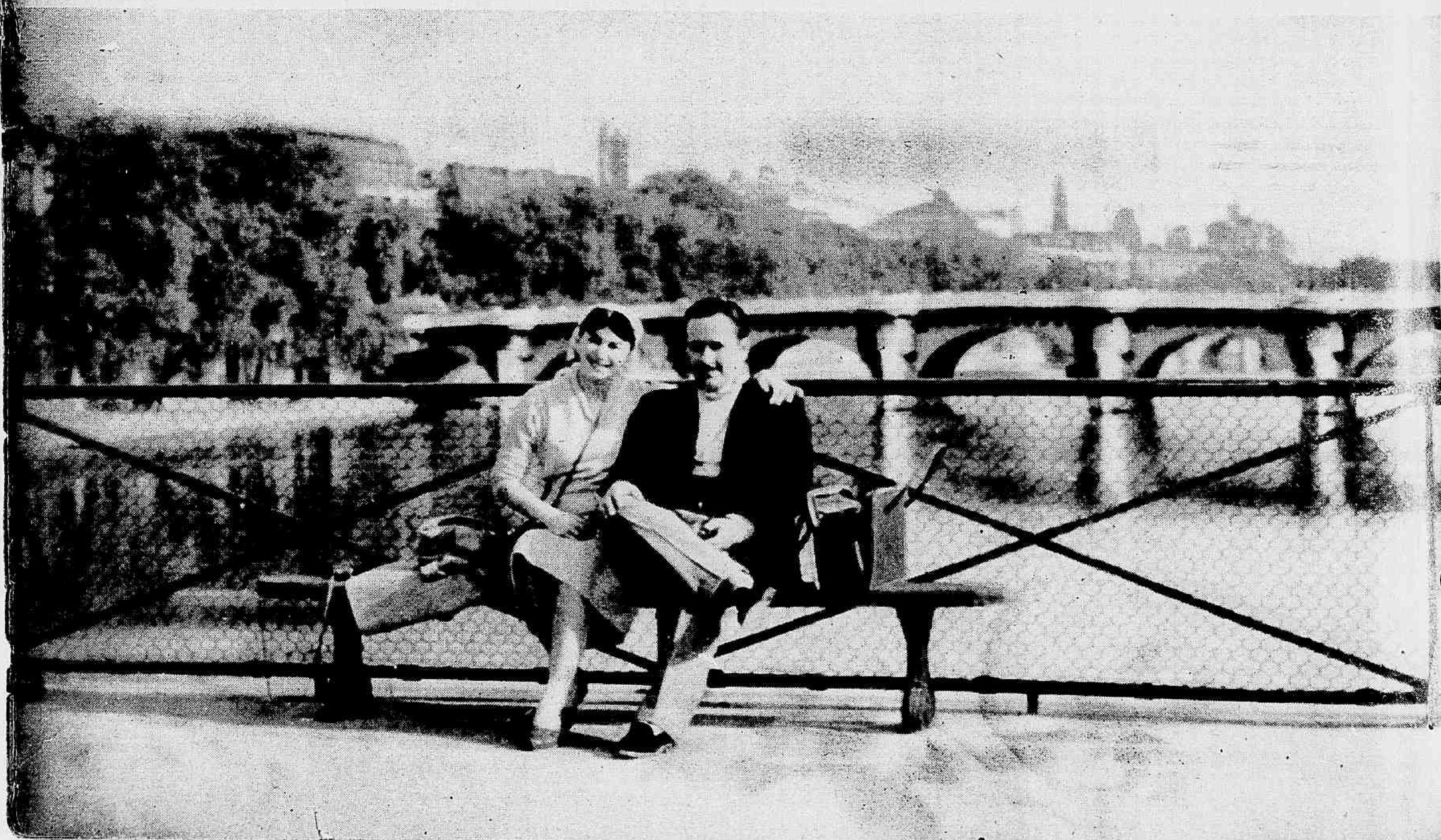
NO VATICANO
Quando já iam adiantados os preparativos para as comemorações do Ano Santo o feliz casal foi ao Vaticano. No alto da Basílica de S. Pedro, à moda típica européia

Triunfo, a tôrre Eiffel, o palácio de Versailles, a Cave de Saint Germain, clube existencialista e que não passa de um lugar de exploração dos turistas em busca de novidades. Fomos depois para Genebra, na Suíça. Povo tão adiantado como o sueco. Regime de govêrno diferente, porém democrático. Nota-se apenas uma divisão quanto à descendência nacional dos três cantões, o alemão, o italiano e o francês.

— Encontramos muito frio, acentuou Renata , tanto que um dia fomos obrigados a sair da rua para procurar melhor ambiente num cinema, que por sinal estava superaquecido. Daí voamos para Roma, a cidade de meus pais. O que mais se admira na capital italiana, como em todo o resto do país, que foi o que mais largamente percorremos, é o cuidado excepcional e o trabalho paciente que os italianos têm pelas coisas do passado e pelas artes. Especialmente em Roma chama a atenção a conservação prestada aos monumentos antigos, reconstruídos alguns. Nas ruas, de vez em quando, há um buraco, uma escavação, no fundo da qual vêem-se troncos de colunas, pedestais, capitéis e estátuas aos pedaços ou amarradas por cintas de ferro; são os restos dos "forum" romanos. No meio dos edifícios modernos não é de estranhar encontrar-se saliente do alinhamento atual, invadindo as calçadas ou mesmo as ruas, pedaços de muros, casas, templos ou arcos do apogeu romano. Entre tantas riquezas artísticas, nota-se a dificuldade da vida diária. Falta de trabalho, e, conseqüentemente, miséria; falta de energia elétrica, o que obriga as lojas a fechar durante três noites por semana, especialmente no sul, pois no norte a situação é bem melhor. De Roma descemos até Nápoles...

— ... onde as dificuldades são maiores ainda, continuou César. Muitos desocupados, pouca limpeza. Diga-se de passagem, foi em um restaurante rústico,

SÔBRE O SENA
A viagem teve de ser apressada, sem muito tempo para observar detalhadamente os países, as cidades, as aldeias por onde transitavam. Mas em Paris, sempre sobra tempo para travar relações com o Sena, apreciar os pintores que manejam os pincéis nas duas margens e conversar com os velhos pescadores. Aqui Renata e César descansam numa ponte sôbre o Sena. Ali, bem perto, à Torre Eiffel, na qual subiram, para descortinar o panorama geral de Paris, comprando souvenirs e mandando bilhetes à família com sêlo da Tôrre





FINALMENTE EM CASA !

Mas a viagem acabou. Sessenta e um dias de excursões, utilizando vários meios de transporte, do avião ao "troly" e à barcaça... Agora tratemos da vida a sério! Vamos arrumar o apartamento, pôr as coisas em seus lugares para a rotina, até que venham umas férias para repetir a excursão..." Muitos presentes recebidos no dia nupcial, só agora são vistos e apreciados com a devida atenção. Tudo que se comprou nos oito países percorridos será desembrulhado. Mas que trabalho, Santo Deus! Quando estará tudo em ordem?...

em frente ao cais, uma verdadeira tasca, onde melhor comemos sem ser explorados. Quanto ao resto, pobre do turista! Daí fomos para a ilha de Capri, onde existe tabela para tudo, e que se tornou por isso o paraíso dos estrangeiros. A própria ilha é idílica. Paisagens esplêndidas, apesar de ser tôda ela rochosa, de uma beleza agressiva. Lindas "vilas", entre as quais campeia a "vila de San Michele", de Axel Munthe. Milionários de todos os países têm residências na ilha; vimos a da artista Ginger Rogers e a da rainha da Suécia. Inesquecível a "gruta azul". Capri é uma espécie de pôrto franco, onde há de tudo, ricaços, escroques, artistas e viciados vindos de tôdas as partes do mundo. De lá viajamos de trem elétrico até Milão. Uma das boas coisas na Itália são as estradas de ferro, especialmente as elétricas. Milão, cidade industrial, impressiona pela atividade, pelo Duomo, todo de mármore, pelo teatro "La Scala", cuja cúpula foi reconstruída depois da guerra, não perdendo, por isso, sua famosa acústica, e pelo quadro "A última Ceia", de Da Vinci.

— Rumamos para Veneza depois, onde nos extasiamos com o espetáculo diferente oferecido pelos canais, pelas gôndolas, pelas pontes, pelos pombos da praça São Marcos, e pelo palácio dos Doges. É deveras encantadora. Visitamos ainda Florença, que, em confronto com as outras cidades, parece provinciana, mas que encerra um verdadeiro tesouro de arte como o do Palácio Pitti, para só falar num. E assim encerramos a viagem pela Itália, seguindo para a Espanha.

— O quê constituiu para nós uma verdadeira surprêsa, disse César retomando a palavra. Antes de mais nada, chegamos a Madrid pela madrugada, deviam ser duas e meia, e eu cheguei a pensar que havia estourado uma revolução, tal o movimento e o vozerio pelas ruas. Movimento noturno como é raro se observar em outras capitais. O madrilenho é como o carioca, acalorado, gesticula e se bate por política em plena rua, contando suas anedotas sôbre os chefes políticos. Esta foi a segunda surpresa. Tinha tanto ouvido falar na ditadura espanhola, que fazia outra idéia a respeito. Pude tirar fotografias à vontade e nunca tive meus passos embargados. Aqui fora exagera-se muito. Mais outro motivo de surpresa foi o frio. Dos lugares visitados, onde sentimos mais a baixa temperatura, foi na Suécia, na Suíça e em Madrid. Desta voamos para Lisboa, que eu já conhecia, e que impressionou agradavelmente Renata.

— Sim, confirmou esta, gostei muito pelas afinidades ao nosso Brasil e especialmente pela gentileza do povo. Notei também que é lá que os homens vestem com mais apuro. E de Lisboa voltamos ao Rio, e aqui estamos prontos para outra.

Obtida a descrição do roteiro da viagem realizada por César Ladeira e Renata Fronzi no velho continente, começamos a fazer perguntas:

— Qual a impressão sôbre o rádio europeu?

— Levei uma mensagem da Associação Brasileira do Rádio, respondeu César, às congêneres européias. Não hesito em dizer que estamos bem adiantados. Quase todos os países visitados têm rádio oficial, inclusive a França. Na Itália está surgindo agora o rádio comercial e a grande moda é a rádio-novela, coisa que aqui já tem barba. Quanto ao rádio, a Europa pode tomar lições conosco.

— Só numa especialização estão na dianteira, acrescentou Renata, especialmente na França. Na televisão. Eu tive ocasião de ser televisada em Paris.

— A televisão francesa nos últimos tempos deu um avanço grande, podendo ser comparada à inglesa e à americana. Depois que êles modificaram o sistema de transmissão, melhoraram muito. Com o aperfeiçoamento do aparelho de presa, já não são necessárias tôdas aquelas luzes para iluminar a cena e que tornavam o trabalho impossível depois de algum tempo de exposição ao calor imenso provocado. Agora já se pode televisar e transmitir uma imagem iluminada unicamente pela luz de um fósforo. Como se sabe, sou um dos diretores de uma companhia de televisão aqui fundada, e posso lhe adiantar que já neste ano de 1950 entrará a funcionar com aparelhagem inglesa.

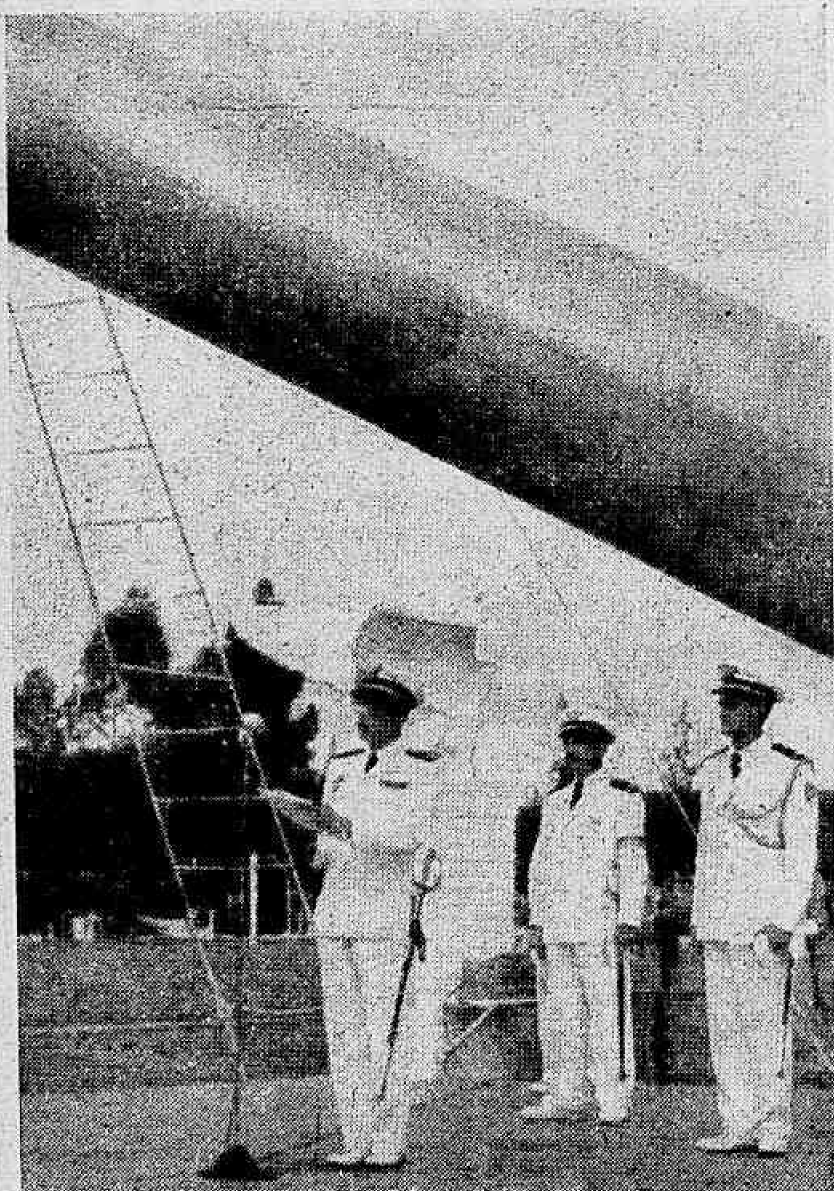
— Nos países visitados, já existe uma idéia mais exata sôbre o Brasil?

— Não se pode negar que nesse sentido nossos melhores embaixadores são o café e o samba. Já não se confunde Rio de Janeiro com Buenos Aires. O samba é bem conhecido, a maioria sabe que vai do Brasil e que não é ritmo centro americano. Só que em cada nação em que entra é nacionalizado, seja quanto à maneira de tocar como a de dançar, mas enfim sempre é samba.

— E sôbre o teatro europeu, o que há de novo?

— Na França, esclareceu Renata, assistimos a 16 peças de tipos diferentes, como já dissemos. A França ainda é a terra do Teatro. Na Suécia assistimos à opereta "Princesa das Czardas", em Copenhague à opereta norte-americana "Oklahoma". Na Itália, como aqui, o teatro está em crise, basta dizer que vimos uma companhia formada por três cartazes como Sergio Tofano, Evi Maltagliatti e Luigi Cimara.

Como dissemos no início, fomos encontrar César e Renata em plena arrumação do seu apartamento. Malas, caixas e caixotes; louças, bibelots, quadros, cachimbos e muitos "souvenirs" de viagem, como cinzeiros, estatuetas de Don Quixote, relógios suiços, flâmulas, cartões e fotografias muitas fotografias. Em côres, quase tôdas tiradas pelo próprio César, que teve a bondade de projetá-las na parede para que as apreciássemos. Assim, regalando-nos com as esplêndidas paisagens da velha Europa, completamos a viagem retrospectiva, em companhia do simpático e popular casal César Ladeira e Renata Fronzi.



O Brigadeiro do Ar Dias Costa, comandante da Escola, lendo a sua oração de despedida aos Aspirantes

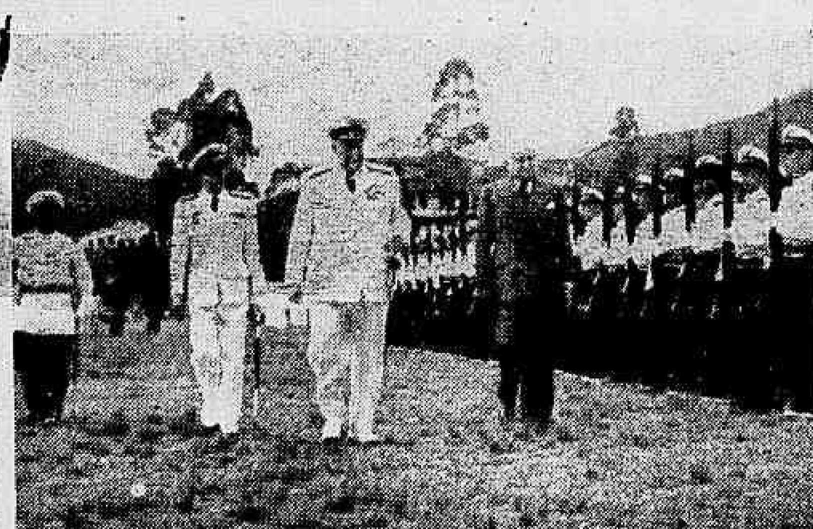


Busto em bronze do Brigadeiro Dias Costa, oferta e preito de gratidão da turma de Aspirantes de 1949



Aspecto colhido por ocasião da bênção das espadas, cuja solenidade teve lugar na igreja de S. Francisco de Paula

DECLARAÇÃO, MISSA E BAILE DOS ASPIRANTES DA AERONÁUTICA



O Presidente da República, o Ministro da Aeronáutica e o comandante da Escola em revista ao Corpo de Cadetes

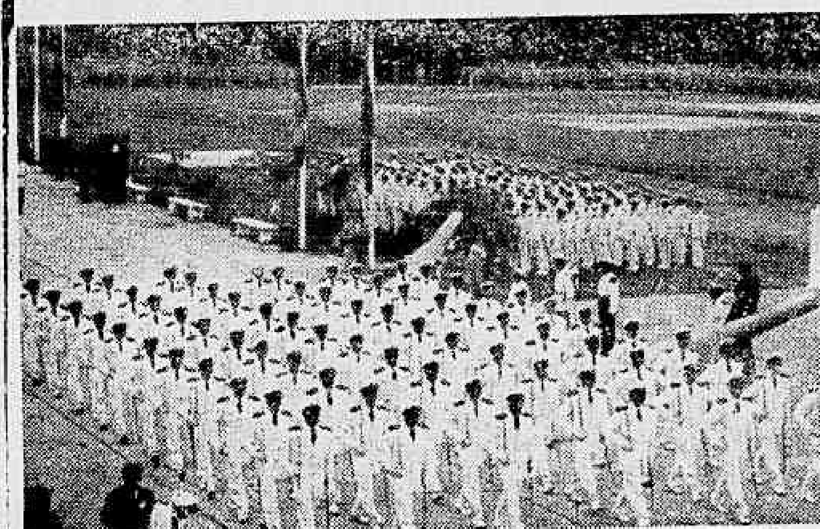
Revestiu-se de todo o brilhantismo a solenidade de declaração dos Aspirantes do Ar de 1949, na Escola de Aeronáutica do Campo dos Afonsos, que constou das cerimônias da entrega da espada, missa e bênção das espadas e de um baile também num dos salões do magnífico estabelecimento militar.

À cerimônia de entrega das espadas compareceram o Presidente da República, General Eurico Dutra, o Brigadeiro Armando Trompowski, Ministro da Aeronáutica, e demais autoridades dos nossos meios militares e civis.

Os novos Aspirantes do Ar, que são em número de 72, ofereceram à Escola o busto em bronze do Brigadeiro Dias Costa, no qual se lê a seguinte legenda:

"À Escola de Aeronáutica. Os Aspirantes da turma de 1949, em preito de gratidão, e para que se lhe perpetue o modêlo de virtudes cívicas e militares, ofereceu êste busto do Brigadeiro Dias Costa. Educador e Chefe ilustre que lhes plasmou a personalidade.

Honrar os homens superiores é ato nobre e nobre exemplo".



Os novos Aspirantes do Ar quando desfilavam após a declaração diante do Presidente da República e autoridades



O Aspirante Piva, que se vê à direita, no momento em que passava o estandarte da Escola ao Cadete Seixas



Iniciando o baile, o Ministro Trompowsky e senhora descem a ponte Veneziana para a Valsa do Brigadeiro



O primeiro colocado da turma quando recebia das mãos de sua madrinha a espada



Num ambiente de requintada elegância e comunicativa alegria, teve início o baile dos Aspirantes com a Valsa do Brigadeiro. Vê-se na foto parte dos Aspirantes que formaram em redor do salão, enquanto era executada a valsa comemorativa





A mesa do Brigadeiro Dias Costa, comandante da Escola, no baile dos Aspirantes, tendo a acompanhá-lo o Dr. Augusto de Menezes, Sra. Cinira de Menezes, Dr. Morais Rêgo, Sra. Lourdes de Morais Rêgo e o Capitão Agenor Figueiredo e senhora. À direita: Flagrante do Ministro da Aeronáutica, Brigadeiro Trompowski, dançando a valsa





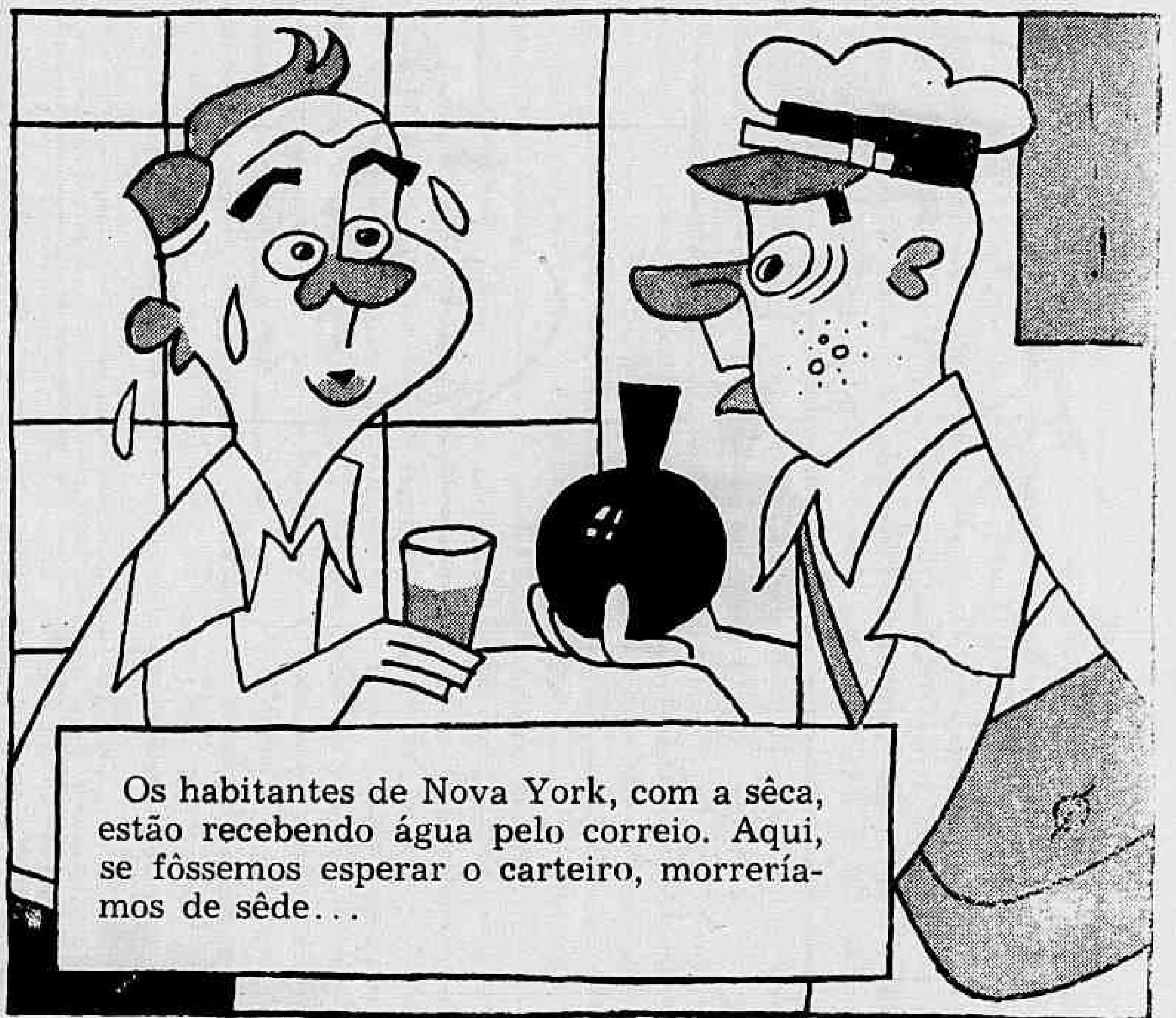
Em cima, à esquerda, mesa do Cônsul Mário Dias Costa e senhora, e do Major Epaminondas Chagas e senhora; à direita, grupo feito durante o baile, onde se vê, da direita para a esquerda, o Ministro da Aeronáutica, Senhora Major Brigadeiro Ajalmar Mascarenhas, Senhora Brigadeiro Armando Trompowsky, Senhora Brigadeiro Dias Costa, Senhora Haydée Ribeiro de Castro, Senhor e Senhora Almirante Carvalhais. Em baixo: aspecto do baile realizado na Escola de Aeronáutica do Campo dos Afonsos



SETE dias EM REVISTA



— Foi confusão de línguas. O Malmoe ao invés de mandar o **team** campeão de **football,** mandou-nos o **team** campeão de ginástica sueca...



Os habitantes de Nova York, com a sêca, estão recebendo água pelo correio. Aqui, se fôssemos esperar o carteiro, morreríamos de sêde...



A quixotada do ditador Trujillo veio mostrar que não morreu o espírito do cavalheiro andante e que D. Quixote não é tão ridículo assim...



— No campo, quando a bola sai, ouve-se o apito do juiz; aqui na praia, quando a bola entra, o apito é do guarda...



— Quando se fala na Legião da Decência, há muito cavalheiro com ares de respeitável, que sorri amarelo...



Mais um que se mete na camisa de onze varas de "coordenador". O nome que lembra a antiga CCP, parece que dá azar...

AQUELE BENTO...

TÍNHAMOS naquele dia, para jantar, um amigo nosso, um homem bonacheirão, simpático, bem instalado na vida e grande contador de anedotas. A sua visita era um prazer para nós, porque êle era bom, leal e uma espécie de "show" em qualquer ocasião. Tinha sempre um "stock" um mundo de informações e habilidades. De tudo sabia, de tudo entendia. As crianças adoravam-no e levá-los para a cama, enquanto êle estivesse presente, era um problema.

Êle as entretinha com as suas artes. De um pedaço de papel, sabia fazer mil coisas; bonecos, cadeiras, pássaros; e com as mãos, na sombra da parede, um programa variado e sincronizado, onde havia sempre o mocinho, brigas, choros e mil outras coisas. E as crianças exultavam rodeando o tio Jerônimo, como o chamavam, simples, sem apuro no trajar, demonstrando no seu todo a falta de cuidado feminino.

Tio Jerônimo estava já nos cinqüenta, mas não quisera casar; por incrível que pareça, conservara-se fiel a um amor que morrera.

No entanto, tinha encargos: sustentava duas famílias, educava seis crianças, e estas obrigações adoçavam-lhe a vida, dizia êle. E eu o compreendia.

A falta de utilidade deve ser um suplício. O sentirmo-nos úteis é uma necessidade e um bem.

Tio Jerônimo foi nossa visita durante anos.

Assistiu às nossas dificuldades, às nossas alegrias e também às nossas tristezas. Em todo êsse tempo êle foi para nós um raio de sol, tal a simpatia, amizade e bondade que irradiava. Tinha, porém, já que era humano, a sua fraqueza; talvez não seja êsse o têrmo próprio. O caso porém é que êle adorava contar, como verídicas, histórias um pouco absurdas. Embevecia-se com o espanto das crianças, que se indignavam quando eu assim me expressava.

— Absurdas não, mamãe! Tio Jerônimo não mente, diziam-me severos.

— Meus filhos — respondia-lhes. — Isso não é mentir, porque é uma história como outra qualquer.

— Não, mamãe. Se êle diz que é verdade, é verdade mesmo.

Eu sorria sem jeito e caláva-me.

Tinha remorsos de destruir aquela confiança tão boa, e tão ingênua dos meus filhos. Mas, o nosso amigo, às vêzes, excedia-se.

— Juro que é verdade! — exclamava no auge do entusiasmo.

— E', tio Jerônimo? — e as crianças abriam uns olhos maravilhados, por onde saía o espanto que lhes povoava o espírito e a imaginação.

— Você passou da conta hoje, Jerônimo — murmurava meu marido, irônico e em voz baixa.



— Passei nada! Você duvida? — e êle levantava a voz.

—Eu não minto. Pergunte a Fulano ou a Sicrano e vejam se não foi verdade.

Fulano e Sicrano não moravam mais no lugar, ou estavam fora. E nós sorríamos.

Um belo dia, parodiando histórias que eu já ouvira contar, começou êle com o seu vozeirão simpático, entremeado de pigarros:

— Pois é. E vocês não vão pensar que foi mentira. O doutor Menezes, o Luiz Sampaio e o Quincas Machado estão aí para atestar a verdade, porque foi conosco que a coisa se passou.

Apurámos o ouvido. Essa ia ser forte — pensamos.

E êle começou:

— Naquele tempo, nós estudávamos no Rio, numa república de estudantes, mas a turma da terra reunia-se aqui, em dezembro.

E vínhamos todos, no mesmo trem, fazendo troça desde lá.

Promovíamos, então, passeios, bailes e farras quase todos os dias. Bebíamos, bebíamos e depois fazíamos serenatas, desafios e o diabo a quatro.

Foi um tempo bom, aquêle. Mas, vamos ao que interessa.

Houve uma noite em que bebemos um pouco mais e pusemo-nos então a mexer com o Bento, o mais moço de todos, calouro, imberbe ainda, porém metido a valente.

E foi uma troça que não acabava mais, ao fim da qual, o rapaz se ofendeu. E, não me recordo bem da história; só sei que, mocinho ainda, e bôbinho, para provar a coragem da qual caçoávamos, êle se comprometeu a entrar à noite, no cemitério local; entrar mesmo, na capela.

Festejamos todos a promessa com hurras e gritos de entusiasmo e levamos o Bento, ufano e empolado, em triunfo, até a casa.

No dia seguinte, já livre do álcool, fiquei a pensar no rapaz e tive pena do coitado.

Teria êle levado a sério a brincadeira da véspera?

De certo que não, pensei comigo; êle não seria tão tôlo assim. Mas era. E procurou-nos com um ar importante. Parecia até que os pêlos do seu rosto, tão indecisos ainda, haviam crescido um pouco. Não esquecera a promessa — disse-nos com um ar sisudo. Que marcássemos o dia, porque êle estava pronto para demonstrar a sua coragem.

Olhamo-lo, olhamo-nos e sorrimos.

Vocês sabem, rapaz é bicho ruim. E até eu, que não sou lá muito mau, fiquei alvoroçado com aquilo. Era excitante a aventura.

Lembrava-me de casos parecidos que já ouvira contar, e eu ia ter a ocasião de assistir a um! Sim senhor! Aquêle Bento!... Que bôbo! Teria êle mesmo coragem de entrar, de noite, no cemitério?

Hum! Eu não iria. Sabe-se lá o que pode haver, fora de horas, num lugar daqueles?

Nunca fui supersticioso, nem medroso; mas também, nunca fiz bravatas com gente morta.

Defunto é defunto, e pronto. Para que mexer com quem está quieto? Quem morre quer sossêgo; e, se nem depois de mortos nos deixam quietos, nem vale a pena morrer. E como eu devem pensar os defuntos. Era por isso que, embora gostando da aventura, sentia-me vagamente apreensivo com o Bento. Cheguei a ir ao cemitério; de dia, é claro.

Tudo parado, tudo deserto, só lá no fundo o coveiro a plantar umas folhagens roxas, tristes como todo aquêle silêncio.

Aproximei-me dêle.

— Tudo calmo, não é amigo?

(Cont. na pág. 50)

CONTO DE **MARIA ADELAIDE D'AVILA MIRANDA** ★ ILUSTRAÇÃO DE **RENATO SOUZA**





NO VESTIÁRIO, antes de iniciada a partida, o famoso "novato" Colin Kilburn distrái-se com Maurice Richard, o da direita, um dos melhores "ases" do hockey, e Jacques, irmão de Maurice. Colin realizou sua ambição: vestir a camiteta do Montreal Canadense

CANADÁ, O BÊRÇO DO HOCKEY SÔBRE O GÊLO

60.000 jovens praticam êsse esporte sôbre o gêlo Desde os tenros anos o canadense aprende a andar em patins ★ Já no ano de 1396 se patinava sôbre o gêlo... e se davam, também, bonitos tombos!

Por ED. SMITH JR.



DESDE a primeira infância, os canadenses praticam o hockey. Em bandos, seguem para os campos, onde o mesmo é praticado e, entregues a experimentados professores. Aos doze anos, podem competir com famosos campeões internacionais E' o esporte do gêlo!

OS bebês canadenses não nascem com patins de gêlo nos pés nem com o bastão de hockey na mão porém a maioria deles começa a usá-los desde os tenros anos e muitos deles aprendem a andar em seus patins de hockey e com o auxílio do bastão que controla o disco até vê-lo cruzar o goal final.

Neste inverno mais de 200.000 deles, desde a infância ao vigor da mocidade através do arrojo da adolescência, dedicarão uma grande parte de seu tempo à prática do hockey sôbre o gêlo. Joga-lo-ão onde quer que encontrem alguns metros quadrados de "campo aberto" na superfície gelada — sôbre campos alagados e congelados, sôbre terrenos baldios, sôbre lagos e lagoas congeladas, nos rinques vizinhos, ao ar livre, enfim, em tôda a parte, sem contar os palácios artificiais de gêlo em que se empataram milhares de dólares, em Montreal e Toronto, e que constituem a Meca da juventude canadense ávida de sensação.

Na verdade, onde houver um jôgo de hockey sôbre o gêlo aí estará o canadense, dos oito aos oitenta. Os canadenses dominam dezenas de equipes e ligas jogando nos Estados Unidos e cêrca de 95% dos jogadores profissionais de hockey sôbre gêlo que fazem parte da famosa National Hockey League, aprenderam seu metier de craques nas equipes canadenses.

Porém a fama dos ases canadenses do hockey sôbre gêlo não se limita ao continente norte-americano. Na Europa tambem são êles bem conhecidos e centenas dêles viajam anualmente para ensinar e fortalecer o talento dos que se dedicam à prática do hockey sôbre o gêlo na Escóssia, na Inglaterra e no Continente Europeu. A Suécia, a Finlândia, a Polônia, a Alemanha, a Áustria, a Checoslováquia, a Holanda, a Bélgica, a França, a Espanha, a Itália, a Suiça, a Rumânia, a Hungria, tôdas elas testemunharam já a maravilhosa técnica das equipes canadenses e de seus ases nos Jogos Olympicos tanto em competições mundiais como durante estações esportivas européias.

Cêrca de 60.000 jovens praticam o hockey sôbre o gêlo organizados em ligas regulares filiadas à Associação Canadense de Amadores de Hockey. Além disso centenas deles praticam o esporte em defesa das côres de suas escolas, igrejas, comunidades, de suas cidades, ou, simplesmente pelo prazer do esporte como o brasileiro o faz com o futebol ou o americano com o baseball. Mais do que qualquer outro esporte, o hockey sôbre o gêlo é o verdadeiro esporte nacional canadense.

A maior ambição de todo o rapaz canadense, em matéria de esportes, é tornar-se um jogador das ligas principais do país, para usar a camiseta colorida ou o sweater de equipes famosas como a do Toronto Maple Leaf, do Montreal Canadiens no próprio Canadá ou então a do Boston Bruins, do New York Rangers, do Detroit Red Wings ou do Chicago Black Hawks, dos Estados Unidos.

Êste ano tal oportunidade foi dada a Colin Kilburn, um rapaz de 20 anos, natural de Edmonton, Província de Alberta. E' êle ainda um novato nos Montreal Canadiens, pertencentes à Liga Nacional do Hockey. Colin personifica bem a juventude canadense moderna, saudável, forte, arrojada, que joga o hockey pelo prazer do esporte, muito embora de sua prática decorram tôdas as vantagens do profissionalismo, como ocorre com o futebol profissional no Brasil. Embora oriundo de Edmonton, Colin nasceu na aldeia de Wilkie, Saskatchewan, de onde sua família transferiu-se para Edmonton, uma das cidades canadenses mais próximas da zona ártica e onde o gêlo abunda no inverno. Colin aprendeu a patinar num terreno baldio ao lado de sua casa, em cuja superfície gelada iniciou os primeiros passos que o tornariam mais tarde um ás do hockey sôbre o gêlo. Aos nove anos era goleiro do Wolf Clube e, nessa mesma posição, entrou para o hockey sôbre o gêlo já sob os auspícios da Edmonton Midget League, aos 11 anos. Aos 15, ainda como goleiro, defendeu as côres do Edmonton Junior League.

— "Cancei, finalmente, de apanhar o disco de borracha atrás da rêde" — falou Colin um dia ao decidir jogar na ala esquerda.

Durante 1948, fêz uma bonita figura como novato no hockey profissional com os Edmonton Flyers da Liga Canadense Ocidental de Hockey, tendo ganho o troféu do "Melhor calouro do ano" e sendo um dos melhores jogadores do ano. Tal performance valeu-lhe um convite para visitar o campo de treino dos famosos Montreal Canadiens.

Com a altura de cinco pés e dez polegadas de altura, pesando 180 libras, Colin pratica o golf e o baseball no verão, para conservar a forma para a temporada de inverno do hockey sôbre o gêlo. E' o protótipo do esportista dedicado, dedicado de corpo e alma ao esporte. Não é, no entanto, e isto é o que mais ainda o distingue, um jogador de raras e brilhantes qualidades, nem é espetacular a sua atuação. O que mais o distingue é o "espírito de time" que faz com que nunca deixe de passar o disco de borracha para o jogador que lhe esteja mais próximo ou mais em condições de marcar o escore, visto que, como todo o legítimo esportista, seu principal cuidado é a vitória de sua equipe e não o "cartaz" individual.

Colin Kilburn poderá ainda permanecer muito tempo com a equipe do Montreal Canadiens e poderá igualmente deixá-la. Pode ser que seja mandado numa experiência profissional a Cincinnati, Ohio, Estados Unidos para atuar num dos vários times americanos de hockey sôbre o gêlo ligados com as organizações de hockey sôbre o gêlo. Poderá ainda voltar a Edmonton, sua terra natal, onde tem uma colocação segura e bem remunerada por sua habilidade de profissional do mesmo esporte.

Se ficar com os Montreal Canadiens, Kilburn perceberá cêrca de 5.000 dólares para jogar cêrca de 70 jogos em sete meses. Poderá êle duplicar ou triplicar tal soma em seu primeiro ano, se se tornar um astro de primeira grandeza. Isto apenas para dar uma pálida idéia do que significa o verdadeiro "negócio" que o hockey no glo proporciona atravése da poderosa Liga Nacional do Hockey. Durante a temporada de 1948-49 mais de 2.500.000 espectadores pagaram milhares de dólares para assistir ao que se apelida o "mais veloz jôgo do mundo", isto é o hockey sôbre o gêlo.

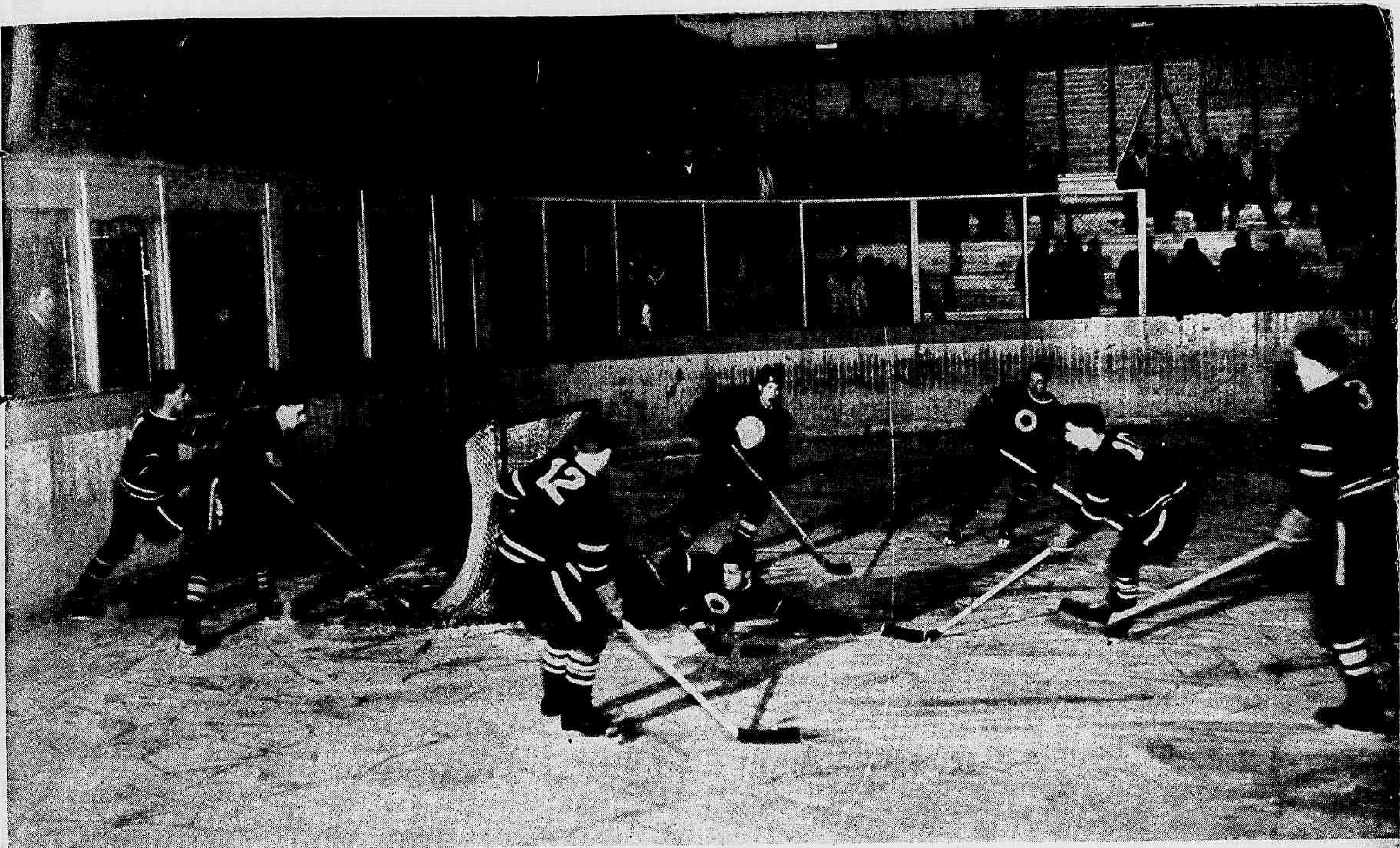
O hockey sôbre o gêlo, como emprêsa organizada para a produção de dinheiro, como fruto do esporte profissional é pouco mais antigo do que uma geração. Como esporte competitivo, data de pouco menos de um século, sendo que sua origem é um tanto obscura. Várias nações reclamam a honra de tê-lo inventado, como esporte sôbre o gêlo.

A primeira autêntica história de patinação sôbre o gêlo de que se tem notícia refere-se a uma jovem holandesa de Scheidam, Holanda, que ficou seriamente ferida quando pantinando no gêlo em 1396. A despeito de seus ferimentos sobreviveu subsequentemente, tendo levado uma vida de paciência e pureza, o que lhe valeu a canonização como Santa Siedwi. Quando a patinação sôbre o gêlo tornou-se popular na Europa e na Asia, no século 17, espalhou-se pelo Reino Unido. Aí o popular jôgo britânico conhecido como "shinny", o jôgo escossês conhecido por "shanty" e o jôgo irlandês conhecido por "hurley" foram adaptados ao gêlo. Tais jogos foram trazidos ao Canadá pelas tropas britânicas e foram praticados de várias maneiras até 1937 em Montreal, 1855 em Kingston, Ontário e Halifax, na Nova Escóssia.

Não obstante o jôgo que hoje conhecemos como hocky sôbre o gêlo aparentemente teve seu início em 1875, na Universidade McGill, de Montreal, onde várias regras foram estabelecidas, sendo compilado um esquema delas para a prática do hockey de campo britânico combinado com experiências para jogá-lo sôbre o gêlo, combinando assim patinação e o jôgo propriamente dito. A primeira Liga Canadense de hockey sôbre o gêlo foi organizada em 1885, com equipes representando o Royal Military College, a Queen's University, o Kingston Athletics e o Kingston Hockey Club.

O hockey foi introduzido nos Estados Unidos em 1897 quando as equipes da Queen's University e da Universidade de McGill jogaram uma partida em caráter de exibição da modalidade do jôgo, em Nova York. Foi êsse provavelmente o primeiro jôgo de hockey sôbre o gêlo em pista artificial. A primeira liga de hockey sôbre o gêlo de caráter realmente profissional foi organizada em Michigan de 1903 a 1904.

Tendo aumentado o interêsse dos jogadores, as equipes amadoras e as ligas multiplicaram-se e evoluiu assim a Associa-



ção Canadense de Hockey Amadorista. Visto que aumentou igualmente o interêsse do público os promotores dos jogos perceberam o interêsse de explorar a prática do mesmo em considerando as possibilidades comerciais do hockey sôbre o gêlo. Vastas pistas de gêlo foram construídas e foram igualmente organizadas várias ligas profissionais. Destas surgiu a Liga Nacional do Hockey, como a principal organização mundial de hockey sôbre o gêlo.

Entrementes, na Europa, o hockey estava igualmente sendo praticado, porém sem o progresso feito no Canadá. A surpreendente superidade canadense, demonstrada pela equipe dos Winnipeg Falcons, que ganharam o primeiro campeonato olímpico de hockey sôbre o gêlo em

(Cont. na pág. 46)

UM MOMENTO tenso num jôgo quando o goal periga ser vasado. Cêrca de 60.000 jovens praticam o hockey sôbre o gêlo em ligas organizadas, filiadas à Associação Canadense de Hockey Amadorista. As ligas efetuam jogos em rinks fechados, mas o esporte está tão vulgarizado que em qualquer parte é cultivado, principalmente durante o inverno



MUITOS COLÉGIOS canadenses sustentam teams de hockey e muitos têm rinks próprios para a sua prática. Aí estão vários jovens amadores, típicos exemplos da juventude que espera representar seu ginásio nos torneios colegiais. E' claro que o clima favorece tais exercícios, pouco aconselháveis para regiões tropicais como a nossa...



GEORGE "YORKIE" WILSON, O MAIS ANTIGO COCHEIRO DE DILIGÊNCIAS EM LONDRES, PÕE NA CABEÇA A TRADICIONAL CARTOLA CINZENTA E PREPARA-SE PARA MAIS UM DIA DE VOLTAS PELOS QUARTEIRÕES DA METRÓPOLE



"STAGECOACH"
E' assim que melhor se pode conhecer a capital britânica, dizem os seus cocheiros sem ligar muito à concorrência dos ônibus e automóveis. Tem um sabor particular o passeio feito de diligência, e ilustres figuras do turismo internacional a preferem.. O velho "Yorkie" Wilson, tagarelando, indica os pontos clássicos de Londres. Mas nada de pressa...

LONDRES VISTA DE UMA DILIGÊNCIA

A última moda no turismo da velha capital ★ Onde a vida copiou o cinema É muito chic irem senhoras na boléia, ao lado do cocheiro ★ Um recúo de século e meio em sistemas de transporte

Por CHARLES SMITH

(Copyright "News Press" exclusivo para a REVISTA)

UM dos últimos lugares em Londres onde ainda se encontram cavalos é aquela pequena taberna, ou melhor, a estrebaria de Kensington, logo atrás do Albert Hall. Êsse é o ponto de reunião obrigatória de West End para alguns hábeis juizes de criação de cavalos, que ainda vivem e trabalham em Londres.

Ali êles podem ser encontrados frequentemente, tocando suas canecas em brindes ruidosos e recordando os bons velhos tempos — não são tão velhos, mas enfim... — quando em Kensington High Street ainda trafegavam carruagens e os melhores "velhos dias" de quando Hyde Park Corner era apenas a única estação de carruagens em Bath Road, da parte oeste da cidade.

Por muito tempo deixou de ser elegante passear em veiculos de tração animal, e muitos diletantes do turismo davam-se ao luxo de desprezar sistematicamente essas carruagens. Mas como as modas dão uma volta, uma reviravolta e quando menos se espera as mais antigas tornam a ser modernissimas, eis que também voltou a ser elegante, muito pitoresco e nada econômico, dar um giro pela Londres de após guerra, do alto de uma boléia, trocando impressões com o cocheiro de cartola cinzenta,



LORD LAWRENCE
explica às simpáticas passageiras a rota a seguir nesse passeio. Tudo obedece a itinerário previamente traçado



"BUCKINGHAM PALACE"
Mantendo velhas tradições, um mensageiro do Rei, nesta carruagem, leva os despachos do dia aos Ministérios



O GRANDE AMIGO
E' preciso tratar bem dos cavalos, animais que tiveram a honra de mostrar Londres aos grandes figurões do mundo



NEBLINA

O "fog" londrino é uma de suas particularidades interessantes. Quem vai conhecer a metrópole inglesa sentirá uma desilusão completa se estiver dia claro — mas só de longe em longe ali se coshecem êsses dias. E a diligência de "Yorkie" William vai deslisando pelas avenidas, respeitando os sinaleiros, num passo lento... Assim se vê mais e melhor...

luvas da mesma côr, a sobrecasaca muito bem abotoada por causa do frio — e, não raro, exalando um pouco de vapores alcoólicos...

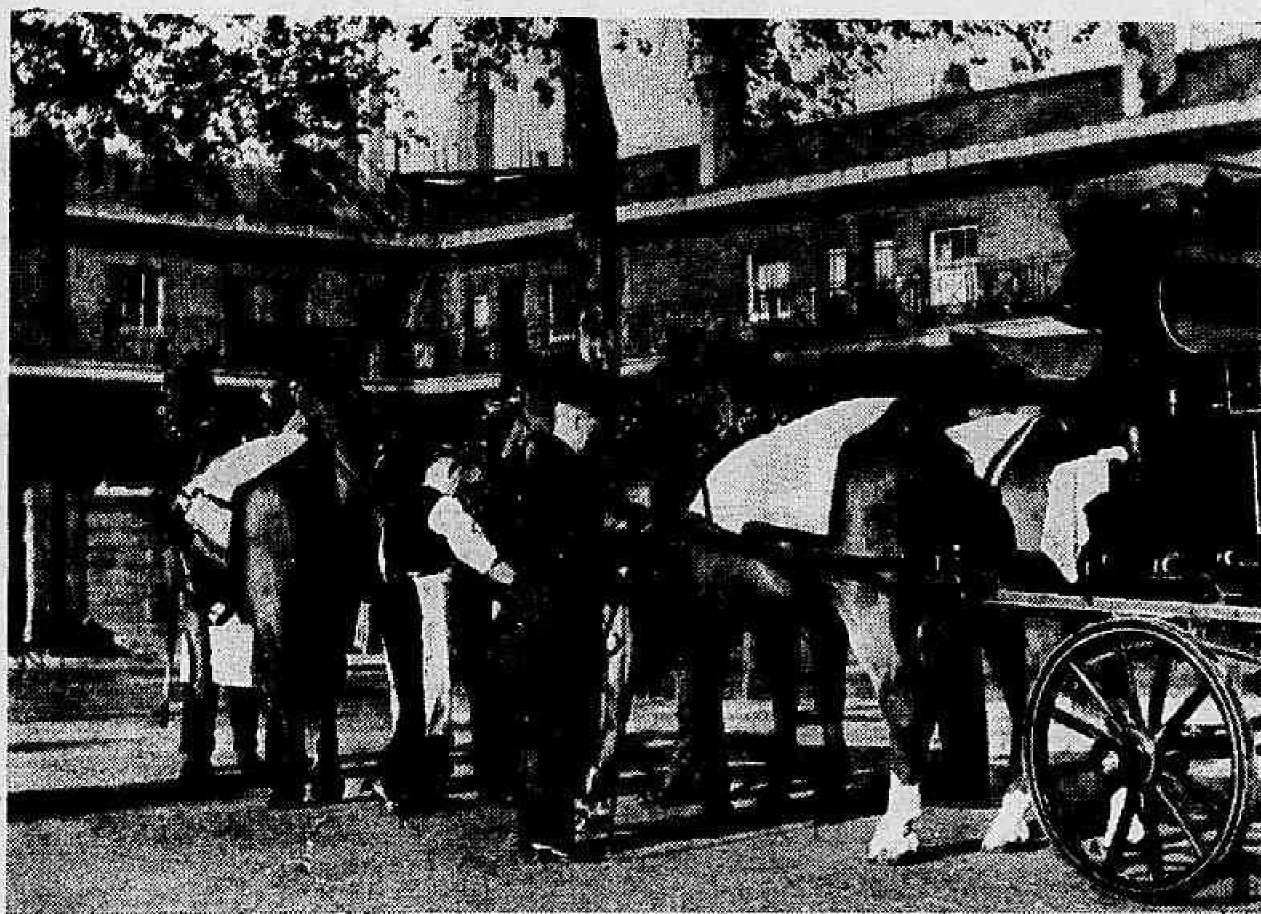
A VIDA COPIA O CINEMA

A taberna de Kensington costumam ir ter produtores de filmes à procura de trezentos cavalos e outros tantos homens para montá-los, ou não raro, procurando apenas uma diligência para fazer uma viagem a Dover e figurar em um filme no qual são reconstituídas cenas da Inglaterra de outros tempos.

No ano passado, era já frequente ver pelas ruas, diligências de um século e meio, aproveitadas para fins cinematográficos. O fato deu aos cocheiros de Kensington a idéia de trazer as velhas carruagens de volta a Londres como a atração para turistas. Dirigindo-se aos estúdios de filmes, êles fizeram a descoberta de que os assentos superiores das carruagens, sete a oito pés acima do solo, eram os lugares mais apropriados para apreciar a cidade do alto, a cavaleiro do tráfego das ruas.

VENDO LONDRES MAIS DE CIMA

O resultado dessa descoberta foi a "Stage Coach Company London Ltda.", que acaba de ser formada. A primeira diligência, das muitas que se prepararam, já pas-



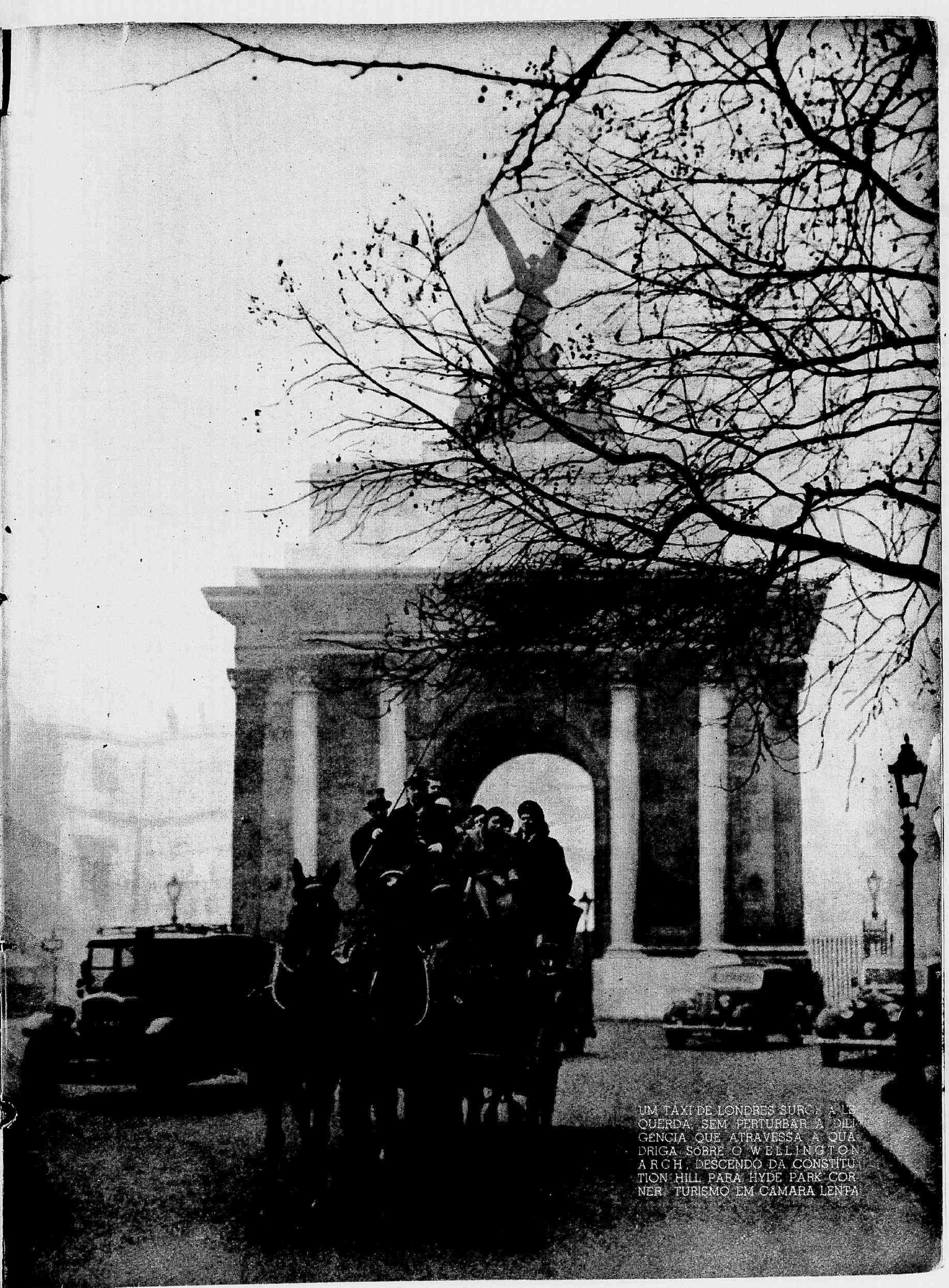
ATE' O REI

A preferência de S. Majestade pelas carruagens é absoluta. Só em casos especiais êle se utiliza de um automóvel. Esta é a sua carruagem predileta, para excursões de rotina



CAVALARIÇAS

do Buckingham Palace, vendo-se alguns dos animais do serviço da Casa Real. Serviçais especializados cuidam dos cavalos que devem estar a postos para qualquer emergência



UM TAXI DE LONDRES SURGE À ES-QUERDA, SEM PERTURBAR A DILIGÊNCIA QUE ATRAVESSA A QUADRIGA SÔBRE O WELLINGTON ARCH, DESCENDO DA CONSTITUTION HILL PARA HYDE PARK CORNER. TURISMO EM CAMARA LENTA





...E A DILIGÊN

Os turistas se deslumbram com a sucessão de imprèssionantes aspectos londrinos: à esquerda
Ao centro ,o famoso Big-Ben, o Palácio de Westminster e uma das modernas pontes sôbre o T

sou a fazer seus passeios sistemáticos, sem esperar pela época dos turistas a fim de iniciar oficialmente suas atividades. E' pilotada por George "Yorkie" Wilson, o homem que durante quatro anos dirigiu a carruagem do Prefeito de Londres. Nesse momento, êsse cocheiro estava a serviço de Lord Lawrence, um negociante de puros-sangues e um admirado cavaleiro amador, que já teve as honras de pilotar no Grand National. Lord Lawrence havia tirado um dia de folga na sua quinta de Sussex

para agir como homem de ... ples prazer de dar um g... at... lho estilo.

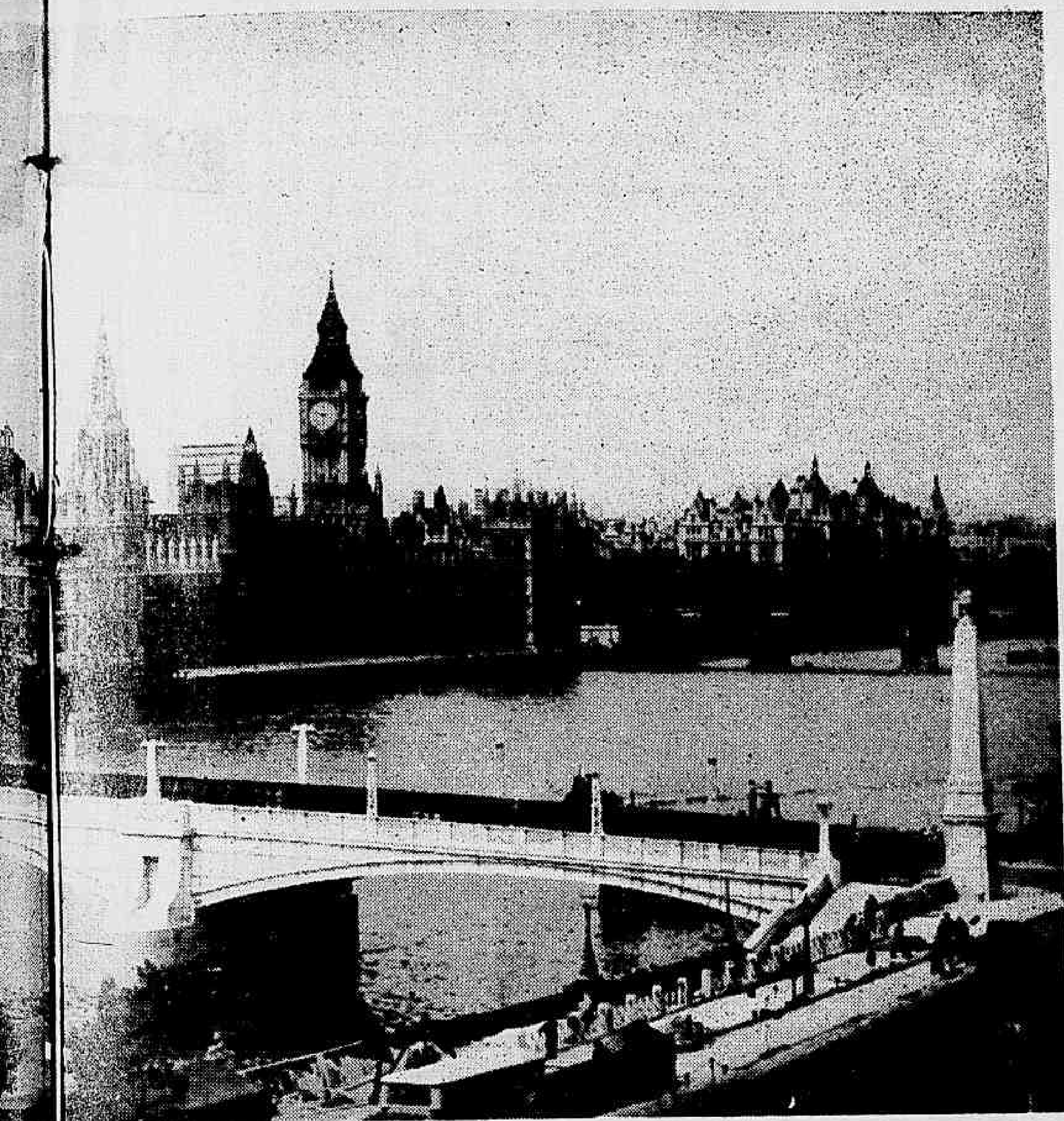
UM COCHEIRO QU... T...

Conhecer "Yorkie" é o maior... diligência. O veterano cocheiro... mero de animais por mais ou ...

OS CAVALOS DESCANSAM

Enquanto a banda militar marcha depois da mudança da guarda de Buckingham, a diligência para e seus passageiros têm uma vista agradável dessa linda manhã,. Tudo é surpresa. Inédito, e tudo ficará na recordação dêsses ilustres viajantes. Mais tarde, êles poderão contar à família, em lugares distantes o que puderam ver, de uma diligência, nas ruas de Londres







ILIGÊNCIA PASSA
à esquerda, a Praça de Trafalgar, com o monumento a Nelson, no alto de uma coluna de granito. s sôb o Tamisa. À direita, o monumento à rainha Boadicéia, vendo-se também o histórico relógio

m de eio na carruagem, pelo sim- m gi através de Londres, em ve-

O QU TEM SUA HISTÓRIA

é o m ior atrativo da viagem nessa o coc eiro tem dirigido grande nú- mais u menos cinquenta anos. De uma feita, êle pilotou quarenta arreios juntos para o famoso Circo Barmun & Barley's, em Midlands. Foi também o cocheiro de Lord Londsdale durante vários anos e em 1934 havia ido para a América do Norte com Bertram Mills. Nenhum jovem está aprendendo a espécie de trabalho dêsse velho cocheiro:

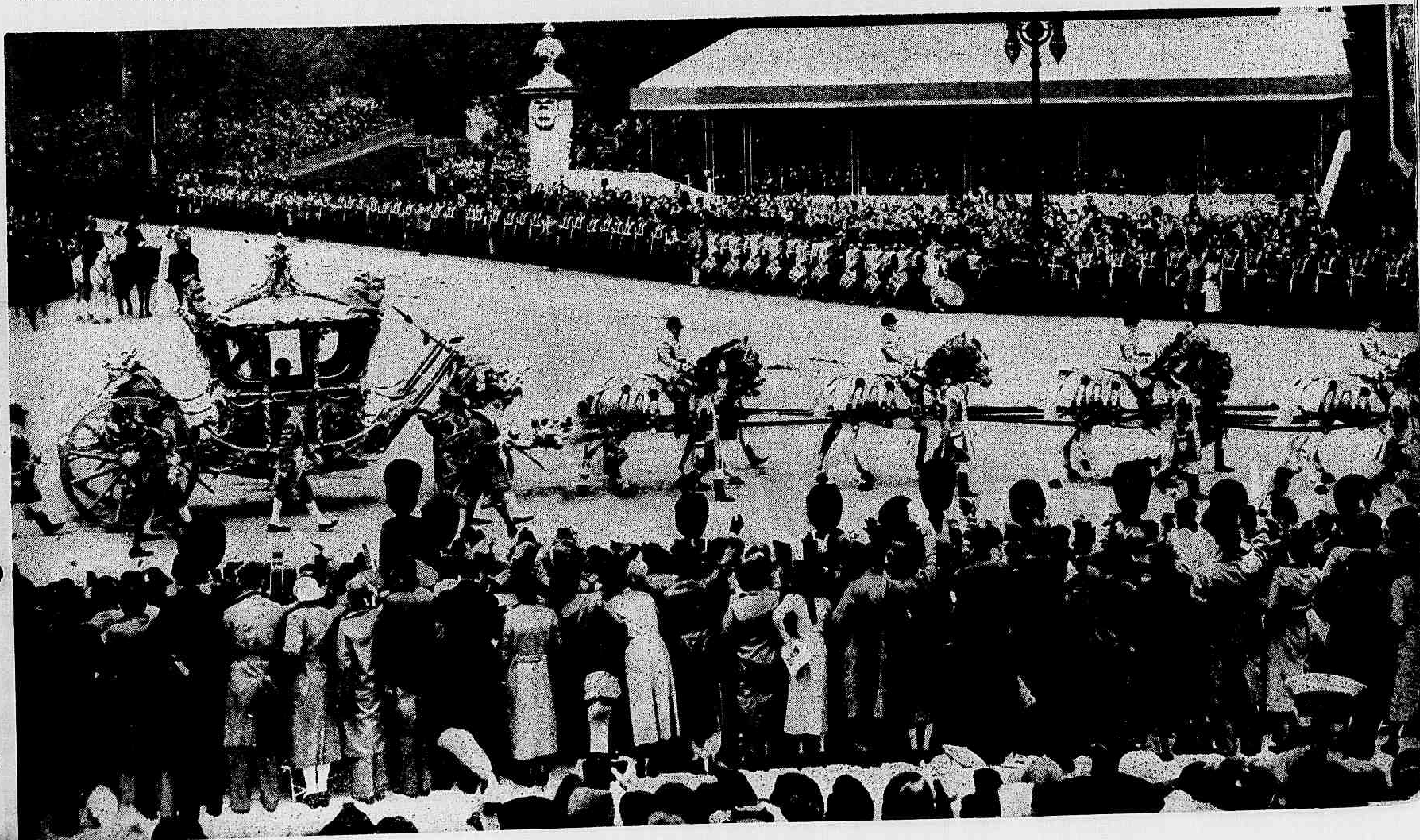
— "E' muito difícil manter os cavalos atrelados juntos para ensinar novos cocheiros" — costuma dizer Yor-

(Cont. na pág. 50)

sa,
res

A CARRUAGEM REAL

Não é preciso ir a Londres nem alugar a diligência de "Yorkie" Wilson para conhecer êste aspecto que o cinema tantas vezes tem reproduzido. Em dias de grande gala, Suas Majestadas aparecem ao povo nessa pomposa carruagem, cujo modêlo data de 1377, no reinado de Richard II. As tradições na Inglaterra mantêm-se através dos séculos e são sempre bem cultivadas



NO MEU TEMPO DE PALHAÇO

NO meu tempo de palhaço... bom tempo! Fui o mais feliz dos mortais. Embora com sacrifício para os meus olhos enevoados, gosto de manusear o diário, cujas letras apagadas, quase invisíveis, são páginas de aventuras, conquistas, dissabores, fracassos e odisséias, quando me fôra farto o pão. Quando o prestígio me fôra pródigo.

Alegre e mecânicamente, leio meu diário. Nêle, hoje, contemplo minha felicidade guindada no trampolim do ideal, porque alcancei o almejado. Palavra que não tenho um resquício de remorso, escolhendo o circo para minha glória. Nem mesmo o Seminário me vem à memória. A Escola Militar não me fascinou. Não carrego um laivo de tristeza, mandando às urtigas a Escola de Engenharia. Nada disso é veículo transportando meu atual sofrimento. Tudo isso, passou por mim, assim, displicentemente, todavia formando barreira ao meu destino.

O que me faz saudoso, aliás, com bastante justiça, são minhas gargalhadas identificadoras de minha personalidade de palhaço no vibrante convívio das platéias. Lembro-me das pantomimas em plenas noitadas de êxtases e glórias artísticas, quando mulheres, acotovelando-se, perdiam bôlsas, perdiam relógios, rasgavam vestidos, desobedeciam guardas, na disputa de autógrafos. Das admiradoras congestionando o trânsito conduzindo seu ídolo e da blague e trocadilhos da crítica dos jornais mudando-me o nome de Edmundo para *E'-do-mundo,* afirmando que o artista não possui Pátria e o túmulo de palhaço poderá ser em qualquer parte após o espetáculo... Disso, disso sim, é que me recordo triste e alegre, relendo, durante o dia, meu diário, vida de artista no coração do povo. O circo é realmente a cocaína para quem nasce palhaço. A arte fôra meu absinto. Quanta saudade!

Os lauréis da posição reclamados pelos meus pais desejosos de meu casamento com a filha única de um banqueiro — boa menina — educada na Alemanha, não me seduziram. A riqueza é uma condição social como a pobreza. Nela não há felicidade desde que seu esplendor tolde nosso horizonte psicológico. Por isso, qualquer função que eu viesse a desempenhar, mesmo que fôsse a de engraxate, seria péssimo engraxate, pois, à minha frente, eu só via o circo. O circo, e nada mais.

Repetidas vêzes circunstâncias especiais filhas do preconceito foram decepções em minha vida. São coisas excêntricas que estão no meu diário, fazendo-me duas vêzes palhaço, ao ponto de minha família internar-me num Manicômio para averiguações psicanalíticas.

Meu primeiro sintoma de genialidade, para muitos sintoma de loucura, foi um caso engraçado. Certa ocasião o velho assoberbado de compromissos me autorizara representá-lo numa solenidade. Tratava-se de um banquete em determinada Embaixada de país amigo. Era noite. Para ganhar tempo, tratei de escanhoar-me. Ao passar a perfumosa e clássica espuma à face, dirigi-me ao espêlho. Que susto! Que alegria! Confesso, ao me contemplar de cara completamente pintada eu me julguei outro e era eu mesmo, em carne e osso. Ouvi alaridos, ovações e palmas. A emoção da turba turbilhonava no cérebro. Em vagalhões febris, delirava a multidão dominada pela minha excêntrica figura. O espêlho refletia a verdade. Eu, palhaço, atendia impecàvelmente, tôdas as exigências das platéias impacientes. A vida jamais me fôra tão alegre como naquele instante em que eu via um trapézio armado servindo de escada aos loiros do meu triunfo.

O luxuoso carro estava ao meu dispor. Como precisava atender ao convite, de cima para baixo, eis o meu janotismo: — perfumado. Chapeu de pêlo, alto. Monóculo. Colarinho de pontas viradas. Gravata de sêda. Casaca bem talhada. Camisa branca, peito duro. Luvas. Bengala. Calça frizada. Polaina e calçado de acôrdo com a indumentária. Tal aparato me trazia um mal estar... parecia que eu ia morrer sufocado. Um macacão de palhaço não seria mais confortável?

Deslizava o carro rumo à Embaixada. Mal chegando, dois empregados vieram abrir o veículo, acompanhando-me à porta. Aí, desceram uma escada subterrânea, e outro serviçal recebeu-me com ares aristocráticos e gestos ensaiados antecipadamente. Passávamos por um corredor ajardinado. Agora, na porta principal, três cavalheiros davam-me boas vindas, enquanto o que me havia acompanhado seguia para a esquerda. Aos cavalheiros tratei de Excelências. Pareciam Ministros. Trajavam esmeradamente, não podiam ser Deputados. Nem sei mesmo o que finalmente eram aquêles homens. De circo é que não eram. Atravessamos o "hall" iluminado a côres e ornamentado por uma fonte qual chuva de fogos cambiantes. Depois que o tímpano deu sinal, deixaram-me na portaria e voltaram ao pôsto. Mais três mordomos apresentaram-se solícitos. O primeiro tomando-me a bengala, deu-me um cartão verde... franzi a testa. O segundo pedindo-me o chapéu, ofertou-me um cartão branco com uma faixa encarnada em diagonal. Apertei os olhos, com medo do resultado de semelhante conjunto. O terceiro, afetadamente, estendeu-me a salva com um cartão branco. Seria para as luvas. Deixei transparecer que era facultativo e o pedante auxiliar de cerimônia num francês "brabo" agradecia sorrindo, pensando certamente haver eu dado rata. Sem mais delonga, entramos na portaria e sem que alguma coisa me despertasse, um fotógrafo surpreendeu-me, quando uma senhorita de sacola em punho pediu-me os cartões que seguiram para a cabine identificadora. Não sei o que ainda restava. Já de braços com a pequena, fui apresentado ao chefe do Protocolo. Até que enfim terminaram as identificações. Tanta patarata meus nervos iam-se tornando incontroláveis. Fiz fôrça. Dominando-me, compenetrei-me haver deixado no vestíbulo do Palácio minha autêntica personalidade e afivelado ao rosto a máscara de importante, para fazer jus ao imperativo do chiquismo.

O protocolismo aristocrático que me adoecia já havia começado. Permuta de impressões. Palmadinhas ao ombro. Pontos de vista homogêneos. Hipocrisia. Risozinhos que não passavam de purgante à minha psicologia, eram esboçados. Música, mulheres e perfume, ali, não tinham o valor condizente com o meu modo de compreender a vida. A cobertura rústica do circo superava as etiquetas enervantes. O que me fêz mais contrariado foi como anunciaram minha presença. Devido ao prestígio de meu velho, um locutor berrava aos quatro ventos, dizendo o que bem queria a meu respeito. O camelot carregando nos "rr", mentia, rasgava sêda, dizendo ter sido eu educado na Suiça e que depois de brilhante curso na Academia Militar, havia eu opinado pela carreira de Engenheiro Industrial, com inúmeros prêmios de viagem ao Estrangeiro. Dizia tanta asneira! Sem a menor cerimônia, apelidou-me de escritor, poeta e publicista. Por conta própria propalava o término de meu "monumental" romance: — "E o circo pegou fogo". O alinhavado de nulidades, mereceu estrondosa salva de palmas. Fiquei indignado. Para usufruir vantagens, que dissesse tudo e mais alguma coisa, estava certo. Porém, atribuir-me virtudes de poeta e de escritor, não passava de cabotinismo.

Ser inteligente é um dom e saber usar a inteligência é uma arte. Eu era palhaço. O antídoto, é consequência, não é o veneno. A lei de compensação secando lágrimas e sufocando gemidos, atesta que a vida deve ser vivida. Devemos aproveitar as boas oportunidades. Qualquer que fôsse minha atitude grosseira, não passava de nervosismo, nervosismo apenas. O rico não é bruto.

Pois bem. À minha direita, sentado permanecia um médico. Seus traços diziam-me ser êle uma zebra. Na grande cara morena, cheia de espinhas, eu via grudada a estampilha do seu valor. O homem fazia questão de me mostrar o dedo no qual havia pregado o cravo de sua

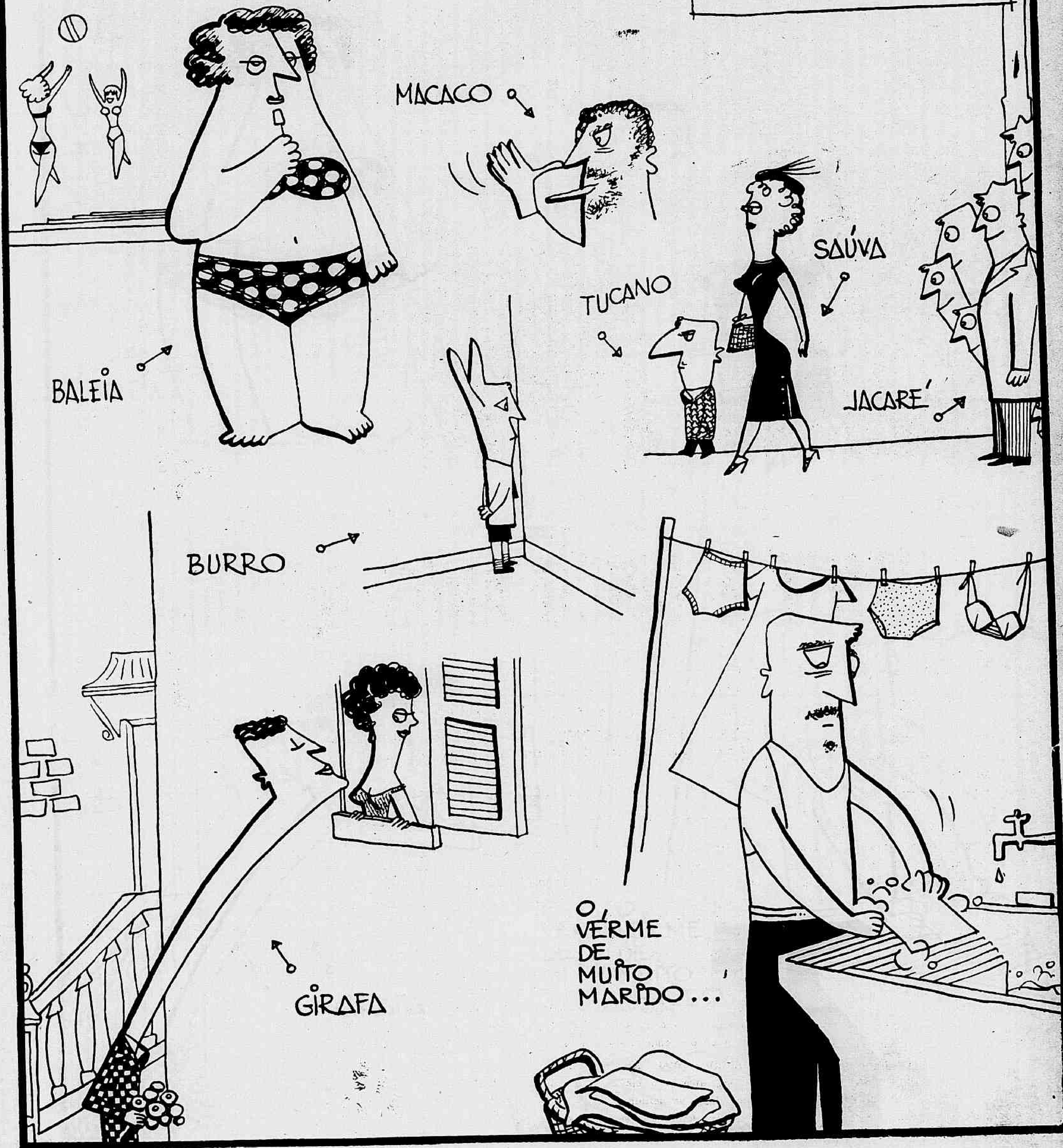
(Cont. na pág. 46)

NOVELA DE
ENÉAS DOURADO

Nicodemus vos revela

O BICHO-HOMEM

êsse conhecido





NATAL DE 1945 — Renato Murce organiza um "show" para os presidiários, com a colaboração de Sara, Olga Nobre e César de Alencar. Os presidiários se divertiram e o o broadcaster deu-se por satisfeito com essa obra. Isso aconteceu há quatro anos, mas infelizmente a idéia não vingou e tudo ficou assim mesmo. Renato Murce fêz o que pôde

VINTE E CINCO ANOS DE RADIO

Renato Murce visto através de suas bodas de prata com o microfone ★ De "baixo-lírico" a produtor de programas humorísticos ★ Príncipe, apesar da nobreza dos rivais ★ Como livrar-se de uma cantora

Reportagem de ARMANDO MIGUEIS

PROCURO Renato Murce num dos departamentos da Rádio Nacional. Com quatro mil programas de duração mínima de meia hora, mais uma boa parcela de "sketches" e "scripts" variadíssimos, êle acaba de transpor o vigésimo quinto ano de atividade radiofônica. Se continua pobre, trabalhando para garantir no futuro, um pouco de tranquilidade de espírito, é porque sua linha de conduta no "broadcasting" nacional firmou-se no conceito da sã moral cristã. E se algumas vêzes tergiversou nesse caminho, a culpa cabe mais àqueles que têm o supremo comando da radiofonia brasileira, do que pròpriamente a êle, Renato Murce.

Seu ingresso no rádio data de quando êste era um raquítico recém-nascido. Foi ali na Avenida das Nações. O atual produtor de "piadas do Manduca", que nessa ocasião levava a sério o canto, interpretou para um público relativamente limitado, um programa que incluia, entre outros, "Ernani", de Verdi; "Vecchia Zimarra", da "Boheme" de Puccini; "Abietta Zingara", do "Trovador" de Verdi; "Serenata", do "Fausto", de Gounod; "Elegie" de Massenet, além da canção "Ai, Ai, Ai".

Indago do veterano radialista porque continuou a dedicar-se ao sem fio, ao que êle me respondeu ter sido pelo desejo de cooperar com a descoberta que vinha revolucionando o mundo. E acrescenta:

— Durante sete anos fiz rádio por amadorismo, sòmente vindo a ser remunerado em 1931. Êste registro faz-se necessário para conhecimento daqueles que hoje querem começar por onde muitos acabam...

DERROTA DOS "MEDALHÕES"

Em 1930, quando o movimento revolucionário vinha de terminar, certo matutino carioca, levou a efeito um grande concurso para a escolha do "Príncipe dos Cantores". Efervesceu, então, o ambiente radiofônico desta cidade, levando os radialistas a trabalharem pela conquista de tão ambicionado título. Renato, conquanto inscrito, limitou-se a confiar no seu público.

— "Sim, fui eleito "Príncipe dos cantores". Em 1930, em memorável concurso popular e ao qual concorreram, entre muitos outros, Francisco Alves, Silvio Caldas, Gastão Formenti, Almirante, Breno Ferreira. Venci com cêrca de quarenta mil votos e essa vitória foi ratificada, na prova final realizada perante um público que superlotou o velho Teatro Lírico e que me "obrigou" a cantar oito vêzes.

E, ainda que pareça incrível, eu não tinha "claque". Atribuo, entretanto, essa vitória, mais, muito mais mesmo, ao meu repertório do que ao meu mérito de cantor, evidentemente muito inferior aos demais. Eu adotara, então, um gênero curioso e ainda quase inexplorado de paródias, sátiras, emboladas cômicas, etc. ... Nessa mesma época de Jesy Barbosa foi eleita "rainha da canção brasileira".

A conquista dêsse título, contudo, não representa a mais grata recordação da infância radiofônica do autor de "Regabofe dos Vândalos". Esta, êle considera...

— "Uma transmissão de música tipicamente regional, feita também em ondas curtas, o que acontecia pela primeira vez no gênero, e que despertou agrado invulgar, provocando manifestações de aplausos de todos os pontos do território brasileiro e de muitos do estrangeiro".

O ano de 1932 encontra Renato Murce à testa da direção artística da Transmissora que, a essa altura, fervilha de "cartazes". E' quando surge-lhe a inspiração de escrever o primeiro programa. Êle conta:

— "Idealizei "As Horas do Outro Mundo", programa todo feito com enrêdo, no



O RÁDIO-TEATRO foi lançado na Rádio Clube, sob a direção de Renato Murce, com o título de Elenco Leopoldo Fróis. Nele apareciam Olga e Nelson Nobre, Jesi Barbosa, Gastão do Rêgo Monteiro e o próprio Renato, que dirigia, escrevia e representava



QUANDO DO APÊLO feito pelo Banco de Sangue, em plena guerra, êle foi dos primeiros a levar sua contribuição. Aqui o vemos dando o elemento vital para a salvação de milhares de vidas, além de tudo, sinal evidente de ser homem com sangue bom...

qual se desenvolviam as anedotas, os anúncios, as músicas, sem solução de continuidade. Estavam na moda as "ditaduras" e as transmissões, vinham por hipótese, de Saturno, capital do mundo dos planetas, onde "Re-mur Primeiro e Único" era o ditador absoluto. Êsse papel cabia-me. Tinha o meu secretário (Salu de Carvalho) e minha dactilógrafa (Ismênia dos Santos), que ingressou no rádio nessa ocasião."

Mostro-me, então, interessado em conhecer sua opinião sôbre a vida radiofônica de antigamente. O radialista confessa:

— "Como pitoresco, tinha muito mais sabor, mesmo pelas dificuldades a vencer, dado a precariedade de recursos de que dispúnhamos. Mas, sòmente sob o aspecto pitoresco. No mais... não deixou saudades..."

O FILHO AMADO

Quatro mil programas resistem a ação da poeira, arquivados pacientemente pelo seu criador. Êles representam alegres momentos vividos pelos que acompanham a atividade radiofônica de Renato Murce, enquanto que, para êste, constituem enorme consumo de fosfato. Dêsses quatro mil, sua preferência recai em...

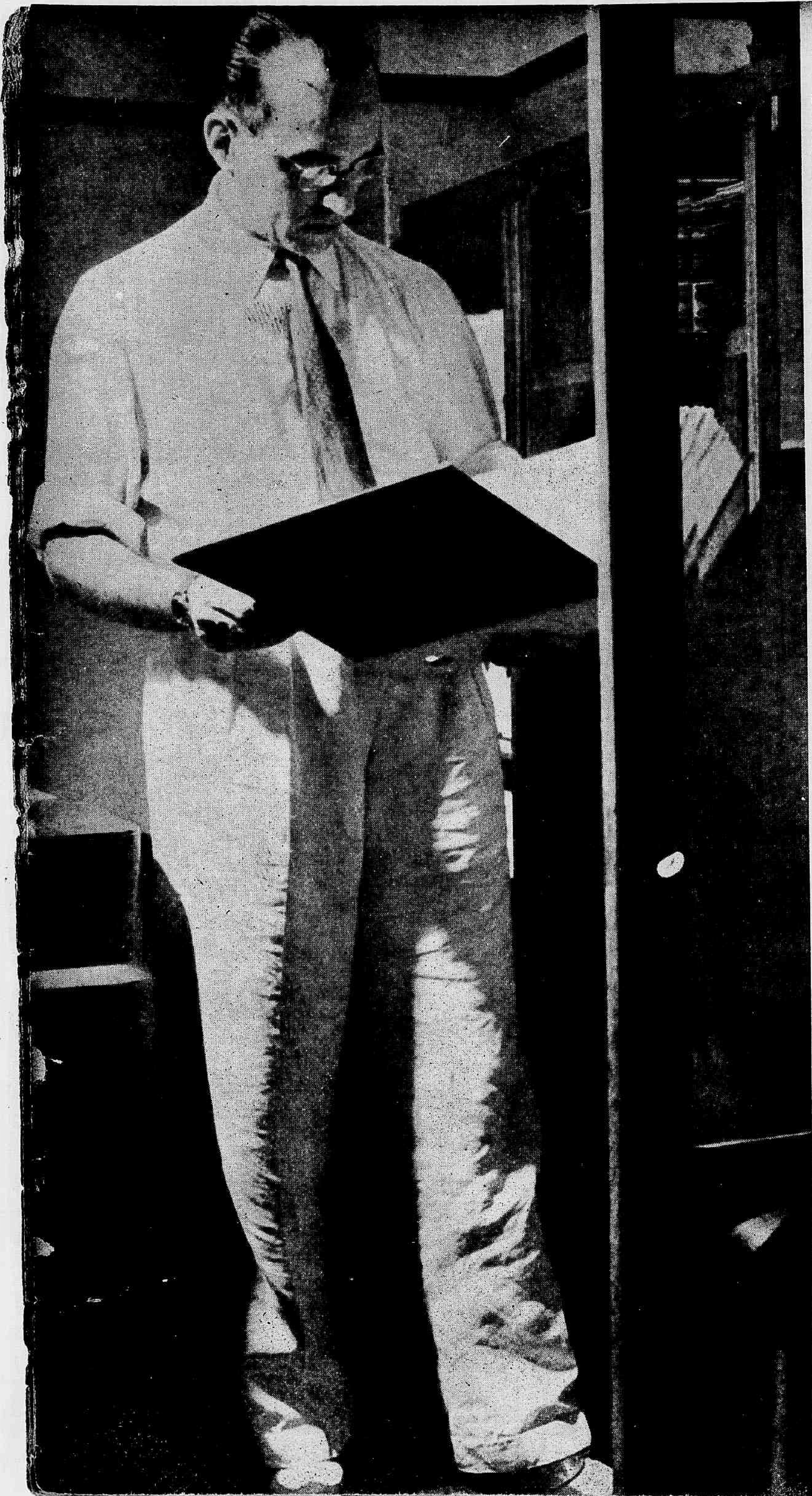
— "Almas do Sertão", porque me identifica melhor com as nossas coisas, pelas

CAMPANHA DO MILHÃO, foi uma iniciativa proveitosa destinada a conseguir cigarros para os nossos "pracinhas". Outra contribuição levada a efeito no período da guerra, quando milhões de cigarros foram arrecadados e mandados para os campos da Europa

OS OUVINTES, que sempre estão dispostos a ajudar os bons empreendimentos, afluíram, em profusão, correspondendo ao apêlo feito por Renato Murce; e as pilhas de caixas contendo cigarros de tôdas as marcas iam se avolumando nos estúdios







quais tenho absoluta preferência. Devo citar "Papel Carbono", também pela satisfação que me tem proporcionado de revelar inúmeros valores para o "broadcasting". José Vasconcelos e Ericson Marth, por exemplo, são duas descobertas do "cartaz", lançado através de "papel carbono". Hoje, cada um em seu gênero, dizem melhor do mérito dêsse programa que nasceu ao microfone PRA-3 e continua a ser uma das grandes atrações da Rádio Nacional."

Quando lhe falo das iniciativas que já lançou, indagando-lhe o número, êle diz:

— "Sinceramente, só fazendo uma consulta demorada aos meus arquivos. Posso no entanto assegurar com justificado orgulho, que constatei que muitas delas foram seguidas e adotadas por outrem, o que naturalmente denota o seu acêrto."

Vinte e cinco anos de atividade radiofônica valem como uma existência que, em geral, é pontilhada de recordações. Porém, o exclusivo da Nacional, acha...

— "... ser muito difícil destacar em 25 anos de rádio, quando tanta coisa imprevista e sensacional aconteceu, um fato que mais nos tenha impressionado. Guardo uma grata recordação do êxito alcançado com os meus trabalhos "Regabofe dos Vândalos" e "Epopéia do Mundo", que eu reputo como os "estalos do Vieira" no meu crânio e que talvez não se repitam. Isso no que diz respeito a mim. Sôbre o rádio em geral, o que mais me impressionou foi a sua atuação e eficiência na grande guerra, mòrmente quando do seu término que êle inundou o mundo de luz e de felicidade em alguns segundos apenas."

ACONTECEU COM UMA CANTORA...

Os que vivem à frente dos empreendimentos radiofônicos, têm sempre para descascar, alguns "abacaxis". Renato Murce, portanto, não poderia escapar à regra. Daí, sua resposta quando lhe falei a respeito.

— "Os fatos pitorescos são inúmeros. Lembro-me de, certa vez, para livrar-me da incrível persistência de certa "cantora" uruguaia, coloquei-a frente a um microfone com a estação desligada, a "Rádio Philips", para ela cantar um tango. Pois apesar disso, ela recebeu dois telefonemas para repetir o número..."

E Renato prossegue:

— "O Rádio presentemente, apesar do seu constante e ininterrupto desenvolvimento, continua sendo como o "boi" que não sabe a fôrça que tem. Quando tiver plena consciência dessa fôrça, será mais respeitado e menos injustiçado."

Falo-lhe de teatro, lembrando que lhe cabe a glória da apresentação de Carmen Miranda em espetáculos teatrais. Êle confirma o fato, revelando-me então, que...

— "No teatro fui parar a convite do empresário Ferreira da Silva, quando escrevi para um elenco fraquíssimo, a revista "De pernas para o ar". Apesar da minha inexperiência no gênero, fui feliz e a peça ultrapassou o centenário, sem-

A PRODUÇÃO de Renato Murce nestes vinte e cinco anos de rádio, atinge à cifra de quatro mil programas com a duração mínima de meia hora. A pasta que êle consulta, nesta foto, reune alguns de seus "sketches", mas seu material é grande



FANÁTICO pelo automobilismo, a ponto de ter participado de algumas corridas, Renato, no decorrer de 1945, com Antônio Cordeiro, transmitiu o circuito Niterói-Campos. E os automobilistas patrícios foram unânimes em confessar que a sua transmissão, tecnicamente, acusou a mais eficiente divulgação. Na gravura, também, o cantor Rubens Amaral

pre com ótimas casas e merecendo as mais lisonjeiras referências da crítica."

Indago-lhe se continua a escrever para o teatro.

— "Sim, de parceria com o magnífico humorista que é Lauro Borges. Embora não seja uma revista como eu idealizei, em virtude de estar sujeita às injunções do período pré-carnavalesco que se aproxima, acredito que, eu e meu parceiro, não ficaremos mal perante o público, pelo menos em parte, correspondendo à expectativa em tôrno do nosso trabalho."

O nome de Renato Murce, porém, não está só ligado às iniciativas artísticas. Cabe-lhe, merecidamente, uma boa parcela no esfôrço de guerra. Foi dos primeiros a doar sangue para nossos pracinhas, como também não foi dos últimos a empreender a campanha destinada a angariar cigarros para os soldados brasileiros, conseguindo angariar dois milhões.

Hoje, seu maior desejo é um pouco de tranqüilidade de espírito, que nunca teve, esperando acabar seus dias "criando galinhas". Mas, enquanto não chega êsse momento, Renato Murce, que no próximo dia sete de fevereiro comemorará suas bodas de ouro com a vida, planeja grandes iniciativas, tanto, que nos diz:

— "Estou sèriamente empenhado em dedicar meus restantes dias de atividade radiofônica exclusivamente na tarefa de renovar valores para o sem fio, em todos os seus setores. A propósito tenho um plano de grande vulto a ser lançado logo após o carnaval de 1950.

A conversa prolongou-se pela tarde a dentro. Renato necessitava terminar um programa. Compreendo a situação e o deixo entregue à recordação de um passado longínquo e à uma porção de planos futuros.



FAZENDO RÁDIO LIMPO, Renato Murce contribuiu ainda para a conquista de uma inteligência brilhante a serviço do microfone: Na gravura, à esquerda, vê-se Malba Tahan que, durante algum tempo, animou a programação da PRA-3, com Allan Kardec



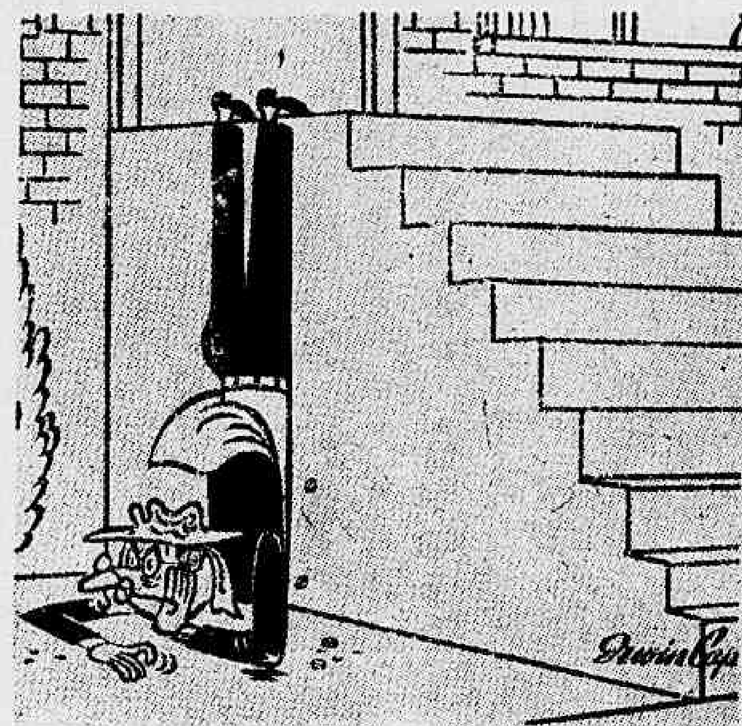
MAIS UM CONCURSO — mais uma iniciativa bem sucedida do homem de rádio que há um quarto de século lhe dá sua colaboração. Na gravura, o sorteio de um concurso quando uma garotinha, no auditório da Nacional, escolhe a carta premiada



— E' para ISSO, querido, que os cavalheiros andam do lado de fora da calçada.

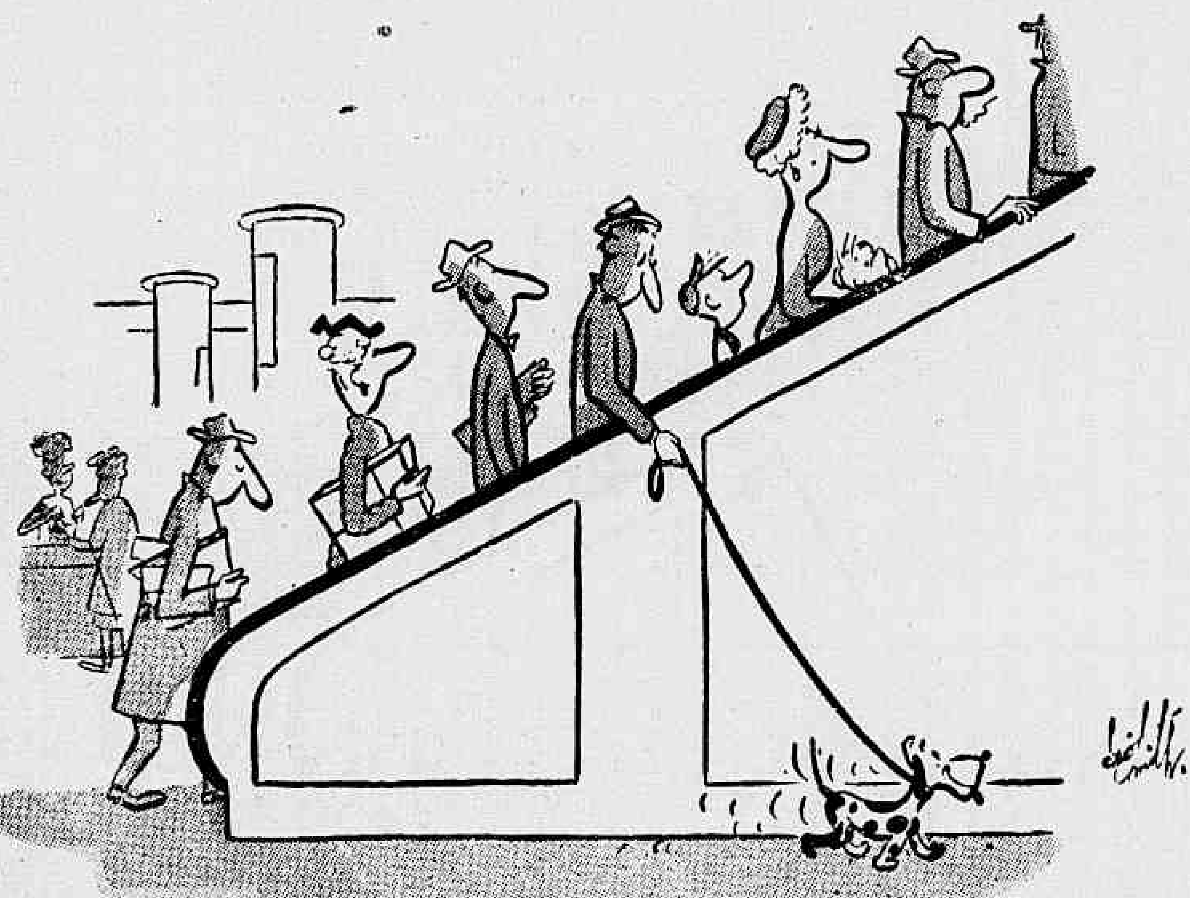


— Você não acha que sua mulher devia saltar e ir a pé?



— Não se incomode com a luz, meu bem, JA' DESCI!

BOM HUMOR





— Meu Deus, aí vem ELA de novo!!!



— E' exatamente ÊSTE MODÊLO que eu procurava, apenas gostaria que tivesse um lacinho, e abotoasse de lado.

A OPINIÃO DE UM SOLTEIRÃO

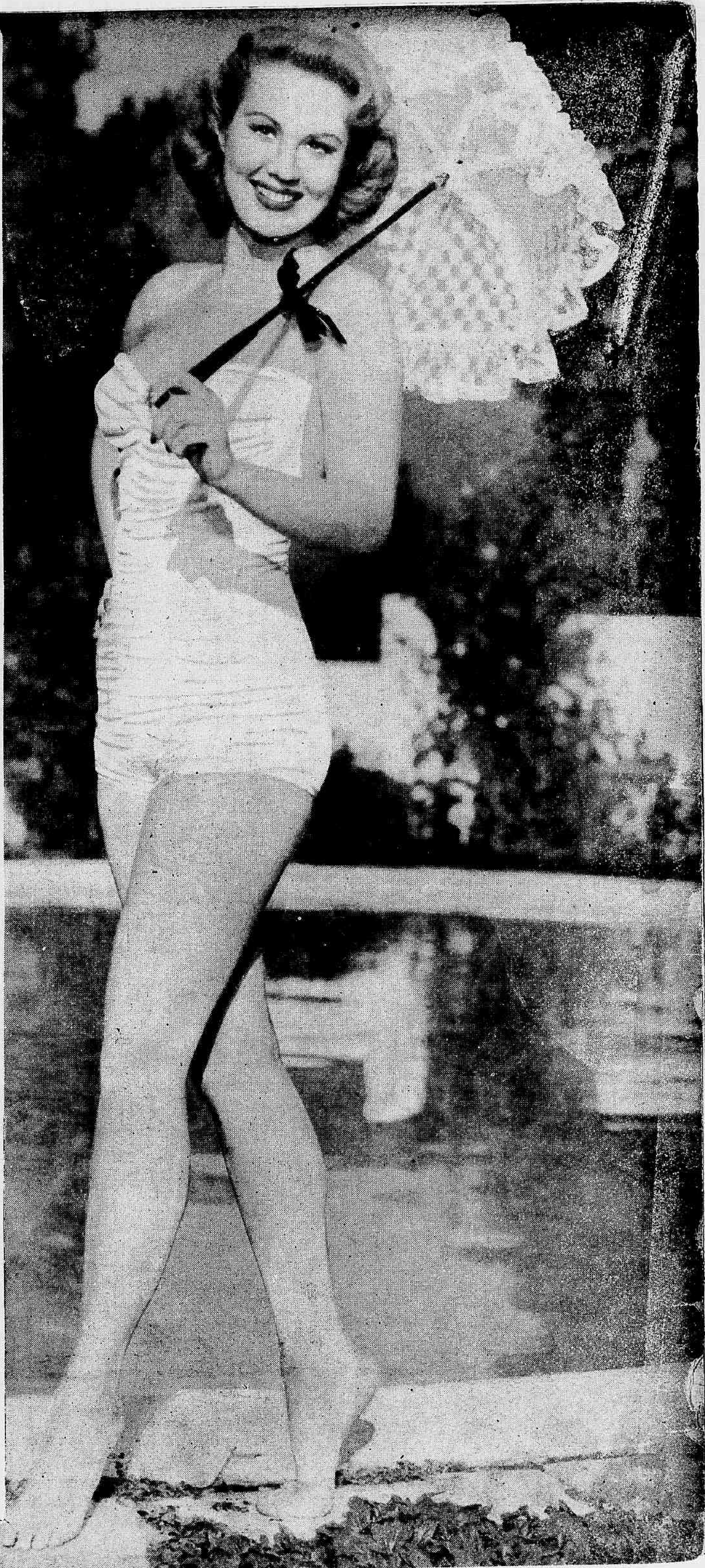
SE vocês querem saber porque, muitas vêzes, um homem não casa, preferindo viver sozinho à ser cercado pelo "carinho de uma adorável espôsa", ouçam o que diz um cidadão americano sôbre o seu estado de celibato. Antes de mais nada, convém saber que o homem só tem trinta e três anos e é simpático; não o move, portanto, nem a velhice, nem a fealdade. Vejam bem o que êle diz e... tomem as suas precauções... "Aos trinta e três anos de idade, solteiro, independente, eu não trocaria a minha vida simples de solteiro, por todos os bordados e "bibelots" de um enxoval de noiva... Não nego que o casamento seja uma coisa maravilhosa e que se eu pudesse encontrar a Pequena Perfeita (que pensamento perigoso!) eu me casaria com ela e, adeus independência! Como solteirão, eu tenho a liberdade de escolher não só os meus companheiros para beber e jogar bridge, como também de escolher as minhas próprias gravatas, os meus próprios trajes; posso comer ovos e cogumelos às três da madrugada e, se quiser, posso também ir dormir às sete e trinta, sem jantar ou sem tomar um banho quente. Aos domingos pela manhã, posso acordar às seis horas da manhã ou às seis da tarde, ler todos os jornais do dia e espalhá-los pela casa tôda. Posso, depois de jogar "golf" no clube, ficar lá conversando com o "barman" o tempo que eu queira e posso assistir sozinho ou com amigos as partidas de futebol, sem que, acompanhado por um elemento feminino eu tenha que explicar tôda a técnica do jôgo, certo de que ela nada compreenderá... Porém, o mais importante de tudo isso, é que eu sou mentalmente independente e que tôdas as minhas ações só dependem das minhas próprias resoluções, a não ser que eu queira ouvir conselhos de outras pessoas. Se eu erro, sou o único a sofrer as consequências e não sou objeto de considerações humilhantes como "eu disse que você fizesse assim...", etc., etc. ... Além da liberdade de ação, há a liberdade de pensar. Não preciso dividir meus erros ou os meus triunfos com outra pessoa. As vantagens do casamento são também muitas, eu sei. Eu sou o primeiro a admitir que não é nada agradável a solidão de um apartamento num domingo às sete da noite; que almoçar sozinho é muito desagradável e que ir para a cama com um resfriado sem que alguém nos venha tratar seja coisa muito triste. Mas, tudo isso é compensado por aquelas horas de paz, lendo ou ouvindo música, sem ser perturbado por comentários domésticos. Quanto à vida social, também o solteirão leva vantagem sôbre o casado. Em primeiro lugar, pode recusar qualquer convite e, quando compareço à qualquer reunião, posso me envaidecer de ser o único a quem muitas das mães de filhas casadoiras teriam vontade de "agarrar". Tenho também muito mais facilidade para encontrar mulheres da minha própria idade, muito encantadoras e que nem sempre têm disposições casamenteiras...

Reconheço que o casamento é maravilhoso, repito... No entanto, acho que será necessário mais do que tortas saborosas, mais do que lindos vasos de flores, mais do que Chanel n. 7 e mais do que camisolas de "chiffon" prêto, para me convencerem a deixar minha vida de solteiro. A menos, é claro, que apareça a "Pequena Perfeita".

O. B.



★



VIRGINIA MAYO (R.K.O.)

MODELOS PRAIANOS

Worth, foi o criador dêste modêlo em linho, de dois tons. A parte superior é um vermelho vivo, o resto vermelho e branco.

Hermés, é quem apresenta esta "saída" de praia, em "piqué" amarelo canário, capucho e originais botões de madeira.

Madeleine de Ranch sugere êste original "duas-peças" em tecido liso, original saia bem comprida, abotoando do lado.

Manguin, aconselha êste exótico conjunto. Calças a corsário, em azul marinho, blusão à marinheira em vermelho vivo.

Sugestivo êste "maillot" peça-única, em fustão azul-claro, pois branco, cintura bem justa, completada por um cinto

Dois modelos audaciosos de Jacques Heim, o primeiro em cetim estampado, côres vivas, o segundo em cetim preto, e botões brancos.

ORIGINAIS e diferentes são êstes elegantes modelos esportivos que apresentamos à apreciação das nossas leitoras. Bastante variados são todos êles muito elegantes e, sem dúvida, serão bastante apreciados. Os tecidos empregados são os mais variados possíveis, lisos ou estampados





SUGESTÕES ORIGINAIS



DEBORAH Kerr, elegante estrêla da Metro-Goldwyn-Mayer, é quem nos apresenta estas quatro sugestões originais para golas e punhos. Ao alto, temos gola e punho em fino organdi, com originais quadrados. À direita, em tafetá listrado preto e branco, temos esta gola e punhos para um vestido de noite em tafetá preto. Em baixo, à direita, para o seu "tailleur" em lã azul-claro, esta gola e punhos também em fina lã, porém branca, e finalmente, para um traje em linho de côr suave, esta gola e punhos em fustão branco.





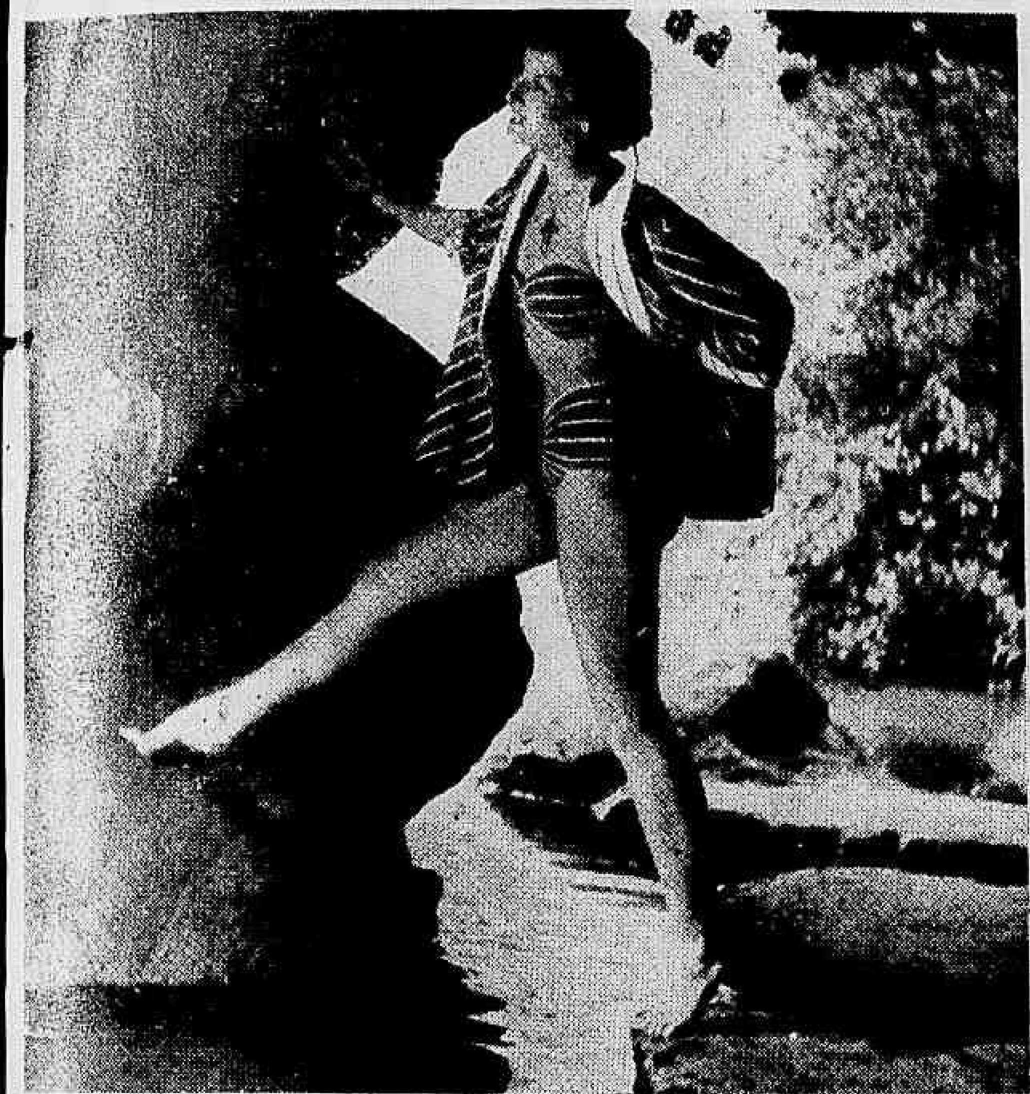
ESTAMPADOS MODERNOS

Não há verão sem um vestido estampado. São sempre alegres, frescos e rejuvenescedores. Em seda, linho ou algodão, o vestido estampado é sempre uma nota alegre e prática, em qualquer guarda-roupa. Os modelos desta página são simples, de fácil execução, e próprios para serem usados durante o dia.







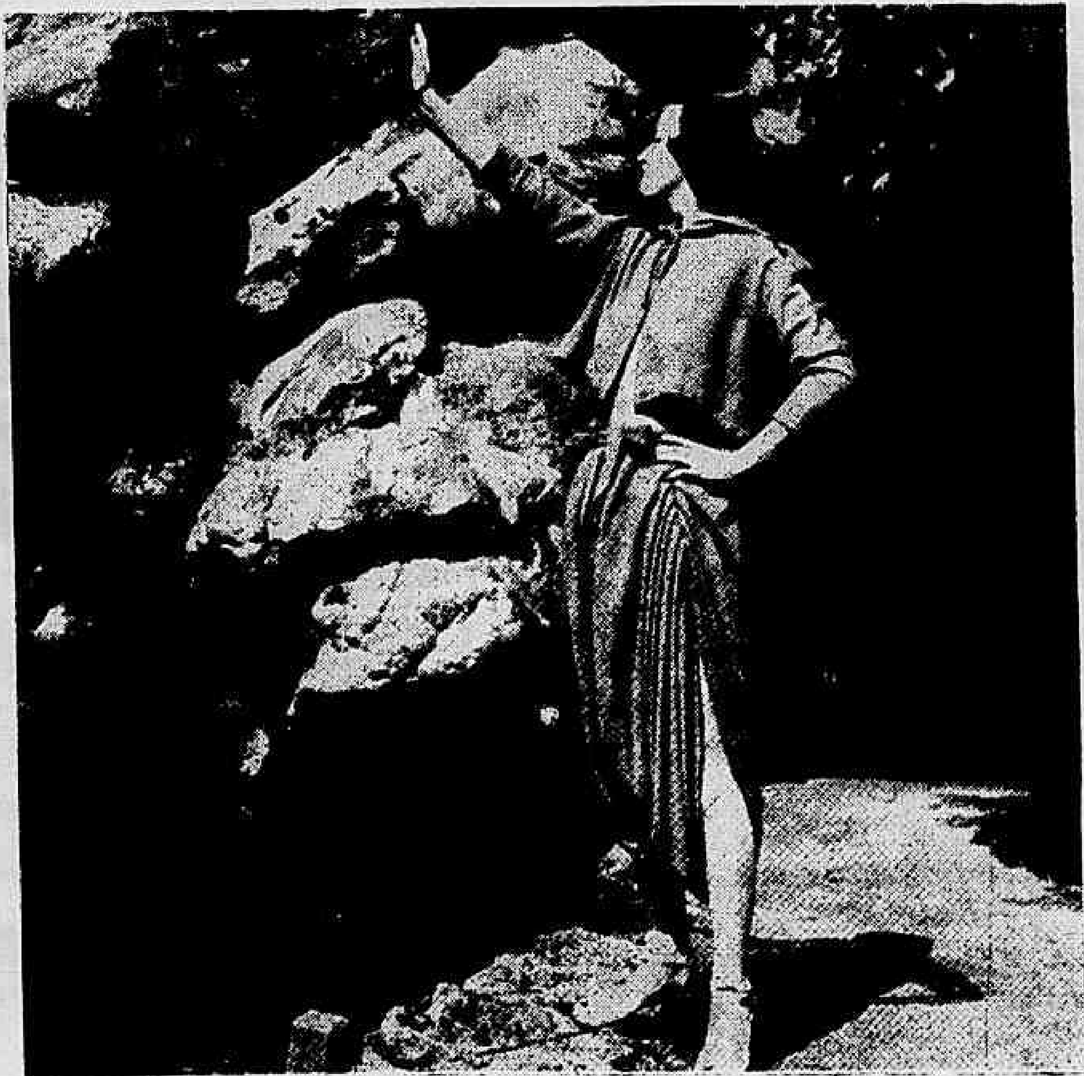






MODELOS DIFERENTES





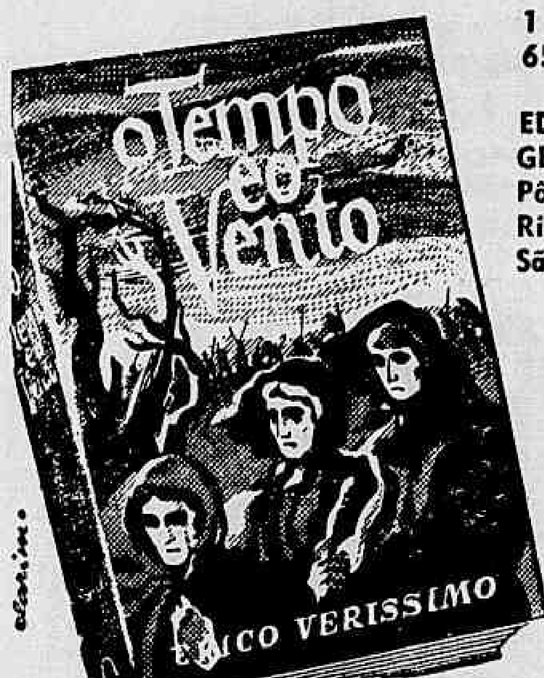
Os motivos africanos estão muito em voga. Tecidos estampados e mesmo modelos são inspirados em motivos da África. Um "sarong", por exemplo, como o que apresenta Carven, em algodão estampado com palmeiras e choças, é completado por pulseiras de contas enroladas no tornozelo, e colar de estilo. Há também a inspiração da Índia, como no traje drapeado de Marcelle Chaumont. Os listrados também são muito usados para a praia, as saias muito longas, abertas na frente, e as aplicações em tons contrastantes.

O Tempo e o Vento

o novo romance que

ERICO VERISSIMO

considera a sua obra mais importante e que seus leitores lerão duas vêzes.



1 volume de 650 páginas.

EDITÔRA GLOBO
Pôrto Alegre
Rio de Janeiro
São Paulo

Em tôdas as livrarias - Cr$ 70,00
ou pelo reembolso postal.

★

Agência da EDITORA GLOBO
México, 128 - 1.ª sôbre-loja n.º 1
Rio de Janeiro



MÚSICA

A TERCEIRA SINFONIA DE CLAUDIO SANTORO - DESPEDIDA DE ELEAZAR DE CARVALHO

ROBERTO LYRA FILHO

NO seu último concêrto de 1949, com a O. S. B., o maestro Eleazar de Carvalho apresentou ao público a obra premiada no Concurso da Juventude, que êle mesmo promoveu, sob o patrocínio da REVISTA DA SEMANA e do Berkshire Music Center e com a colaboração do Ministério da Educação e da Orquestra Sinfônica Brasileira.

O encerramento da temporada de 1949 coincidiu, assim, com a auspiciosa estréia da 3.ª Sinfonia, de Cláudio Santoro, que a Comissão Julgadora, presidida pelo maestro Serge Koussevitsky, distinguira com o 1.º prêmio.

Êsse julgamento, aliás, foi confirmado, com o pronunciamento da crítica que, pelas suas vozes mais autorizadas, assinalou a riqueza e a originalidade do talento do jovem compositor.

A TERCEIRA SINFONIA

Tendo sido divulgado e comentado o afastamento de Cláudio Santoro do grupo de artistas que se prendem ao frio jôgo intelectual de uma técnica pouco acessível, foi com surpresa que alguns encontraram, na 3.ª Sinfonia, se não o mesmo idioma musical, já consideravelmente alterado, pelo menos uma atitude ainda distante dos seus atuais objetivos estéticos.

E' êle próprio, porém, quem se encarrega de advertir que a Terceira Sinfonia marca o início de uma transição que o conduzirá, pela constante pesquisa, aos rumos que a sua atual posição indica.

Tratando-se de um artista honesto em sua atividade criadora, é evidente que êle não se conforma com o simples aproveitamento de fórmulas pre-fabricadas ou cópias de modelos, por mais valiosos que sejam: espera que a evolução de sua arte e as experiências que, por conta própria, vem realizando, ditem, naturalmente, a solução formal para o novo conteúdo que pretende transmitir à sua música. E só por êste processo poderá atingir, sem recursos artificiais, a expressão mais humana e comunicativa que procura.

Evidentemente, trata-se de uma tarefa árdua, penosa, mas prêmio definitivo será a solidez da construção e a autenticidade da música trabalhada com êsse rigor e êsses escrúpulos.

Sem dúvida, tal empreendimento requer grandes qualidades, espírito independente e inspiração fecunda: isso, contudo, não falta a Cláudio Santoro, cujas credenciais artísticas foram reconhecidas por juízes da autoridade de um Koussevitsky ou de uma Nadia Boulanger.

NOVAS CONQUISTAS

Por enquanto, todavia, Cláudio Santoro atravessa uma fase de ansiosa procura, de grandes experiências. Isso bem revela, aliás, o dinamismo e a vitalidade de sua arte, que não repousou nas conquistas do atonalismo, superando-as e buscando nova orientação, com um vigor que o classifica entre os que não se acomodam nos rumos abertos pelos verdadeiros criadores, mas, figurando entre êstes, preferem construir seu próprio caminho. E, por isso mesmo, a Terceira Sinfonia já autoriza a previsão de novas conquistas, porque não falta a Cláudio Santoro a capacidade de enfrentar os difíceis problemas que o desenvolvimento de sua carreira lhe trará, sendo o principal deles a imposição de uma rigorosa disciplina ao seu talento, encaminhando-o no sentido de uma expressão que, sem mutilá-lo, torne a sua mensagem musical mais comunicativa.

DESPEDIDA DE ELEAZAR DE CARVALHO

Regendo com correção e segurança, Eleazar de Carvalho completou o seu concêrto com uma página do compositor americano Virgil Thomson, de hábil orquestração mas de inspiração tênue, as Variações sôbre um Tema de Paganini, de Rachmaninoff, e Scheerazade, de Rimsky Korsakoff.

O regente partiu para os Estados Unidos e seguirá, breve, em "Tournée" para a Europa, onde realizará vários concêrtos. Esperemos que, apesar dessa intensa atividade, não esqueça o seu magnífico plano, no sentido de criar, no Brasil, uma instituição semelhante ao Berkshire Music Center. Seria mais um grande serviço prestado ao Brasil, em prol da nossa cultura artística.



Fotografia apanhada no Auditório Lorenzo Fernandez, do Conservatório Brasileiro de Música, nesta capital, em novembro p. findo, por ocasião da audição anual das alunas da professora Noêmia Navarro Coutinho de Moura

week-end NA COZINHA

RIGOTA IN CAROZZA

Tome 1 pão de fôrma, descasque e corte 24 quadrados de 1 cm. de espessura. Parta 12 fatias de requeijão italiano, de ½ cm de espessura. Passe manteiga no pão e deite o queijo entre duas fatias como sanduiches. Passe ligeiramente no leite depois em ovos batidos e frite em banha quente misturada com manteiga. Sirva com acompanhamento para bifes. Rigota é o queijo mais próprio para êsse fim; o de Vassouras também serve.

★

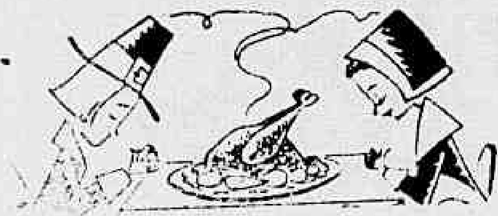
TALHARIM OU MACARRAO DOURADO

Cozinhe em água e sal, ½ quilo de massa. Escorra e deite numa panela quente. Desmanche 3 gemas em 1 xícara de leite quente, despeje na massa e revolva até escar. Junte 2 colheres de manteiga quente, esquente, deite no prato, polvilhe de queijo e sirva.

★

OVOS À MAZARINE

Misture bem 8 ovos com 3 xicaras de leite, junte 1 pitada de noz mos-



cada, 1 de pimenta do reino e sal. Deite em fôrma untada e asse em banho-maria. Sirva com fatias de presunto ao redor e cubra com môlho de tomate.

★

ARROZ COM CAMARÃO

Descasque 1 quilo de camarões, tire os olhos e deite no seguinte refogado: Toste 1 colher de manteiga ou de banha com 1 cebola picadinha, molhe com 1 xicara de água e junte 200 gramas de tomates ou 1 colher de extrato de tomates bom. Deixe cozinhar um pouco, côe e aí deite os camarões inteiros ou partidos, conforme o tamanho. Fara arroz sôlto e quando pronto junte os camarões, revolva com um garfo, tape a panela e deixe em lugar quente. Na hora de servir despeje numa travessa e enfeite com 3 camarões grandes, partidos ao meio pelo comprimento, formando uma flor em cima do arroz e faça o miolo com uma gema cozida e esfarelada com a clara bem picadinha ao redor.

★

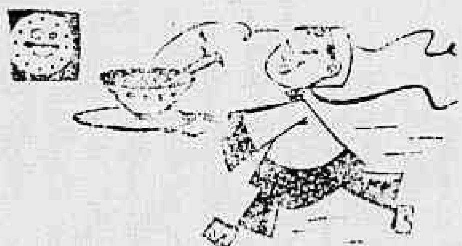
TOASTS COM TOMATES

Corte quadrados de pão de fôrma, deite em cima de rodelas de tomates temperadas com uma mistura de sal, açucar e paprika. Ponha 1 montinho de manteiga em cima, polvilhe com queijo e leve a tostar no fôrno. Sirva com bifes.

★

BANANAS COM NOZES

Tome 12 bananas partidas em rodelas, 100 gm. de nozes, partidas ao



meio, e umas 24 nozes partidas em quatro. Arrume as bananas num prato, polvilhe com açucar, deite por cima as nozes e cubra com 250 grs. de creme de leite gelado e batido. Enfeite com as cerejas e guarde na geladeira.

★

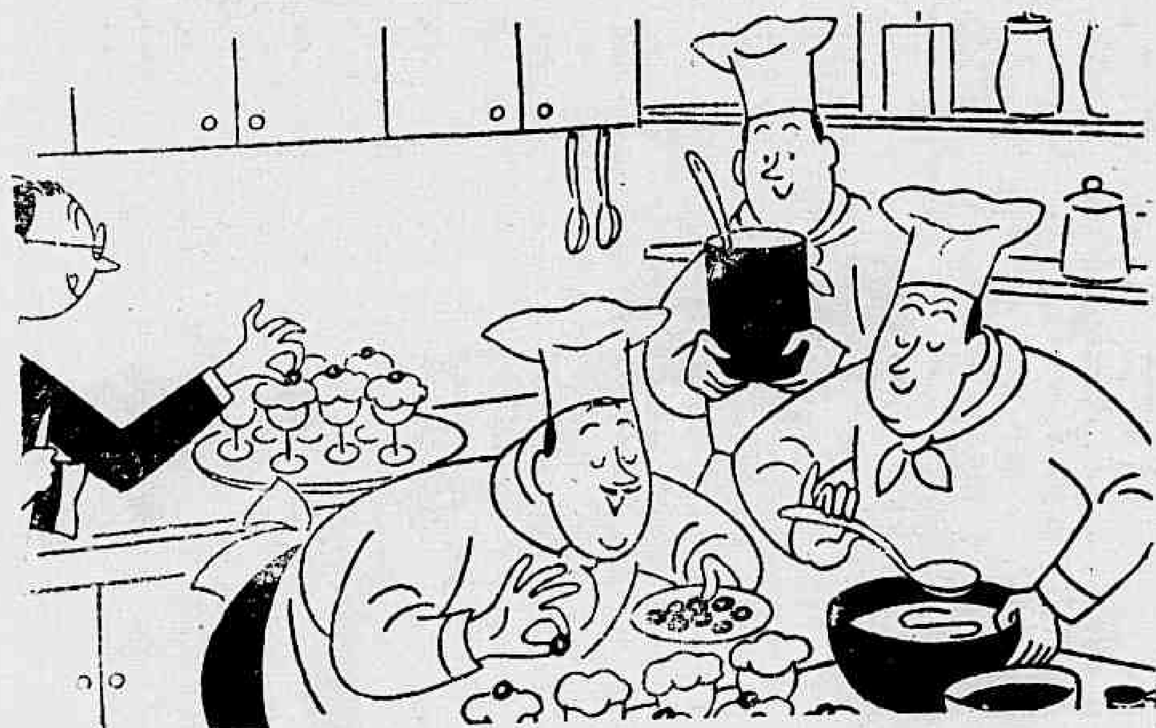
GELATINA DE PERA

Descasque 6 peras grandes, com faca inoxidável, parta em 4, retire os centros, cubra com 4 xícaras de água a ferver e o caldo de ½ limão e deixe no fogo até principiar a amolecer. Adoce a água e retire do fogo. Escorra as peras, tome o caldo.; deve obter 3 xicaras. Junte 1 cálice de vinho do Pôrto, 1 de qualquer licor e 6 folhas de gelatina branca e uma vermelha já dissolvidas no fogo numa xícara de água. adoce bastante, deixe esfriar. Tome 1 fôrma enfeitada, untada de azeite, dentro deite uma camada de caldo, leve a gelar; arrume por cima 1 camada de peras, cubra com o caldo e leve novamente a gelar; e assim, sucessivamente até terminar os ingredientes. Guarde na geladeira e desenforme na hora de servir.

★

PUNCH ÚNICO

3 garrafas de vinho de mesa, 5 garrafas de água mineral, 1 colher de licor de pêssego, e açúcar à vontade. Sirva gelado com pedacinhos de maçãs e abacaxi.

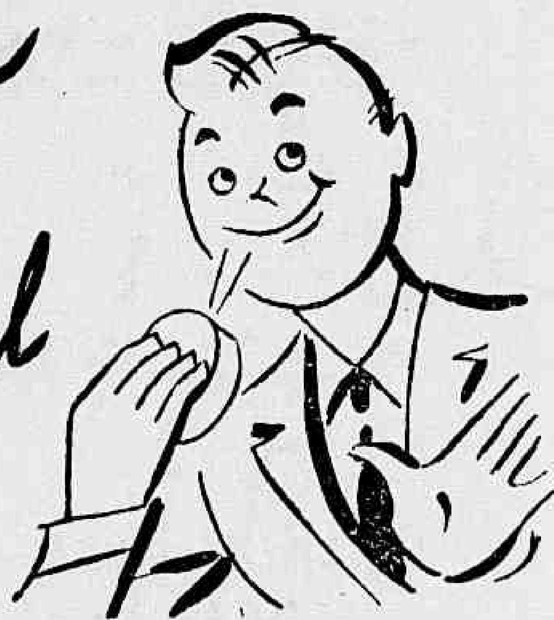




Antes, o cheiro dos inseticidas comuns não permitia seu uso no dormitório, em armários ou guarda-comidas... muitas vezes, manchavam o assoalho e os móveis envernizados.

Agora, NEOCID EM PÓ pode ser usado em qualquer lugar e sobre qualquer superfície, até mesmo sobre roupa branca... não deixa manchas e

...não deixa cheiro desagradável



Peça hoje mesmo NEOCID EM PÓ na farmácia, no armazem ou em qualquer loja de ferragem e verificará, também, como a aplicação é mais agradável para livrar-se de baratas, formigas, pulgas, percevejos e traças.



DESCOBRIDORES DO DDT



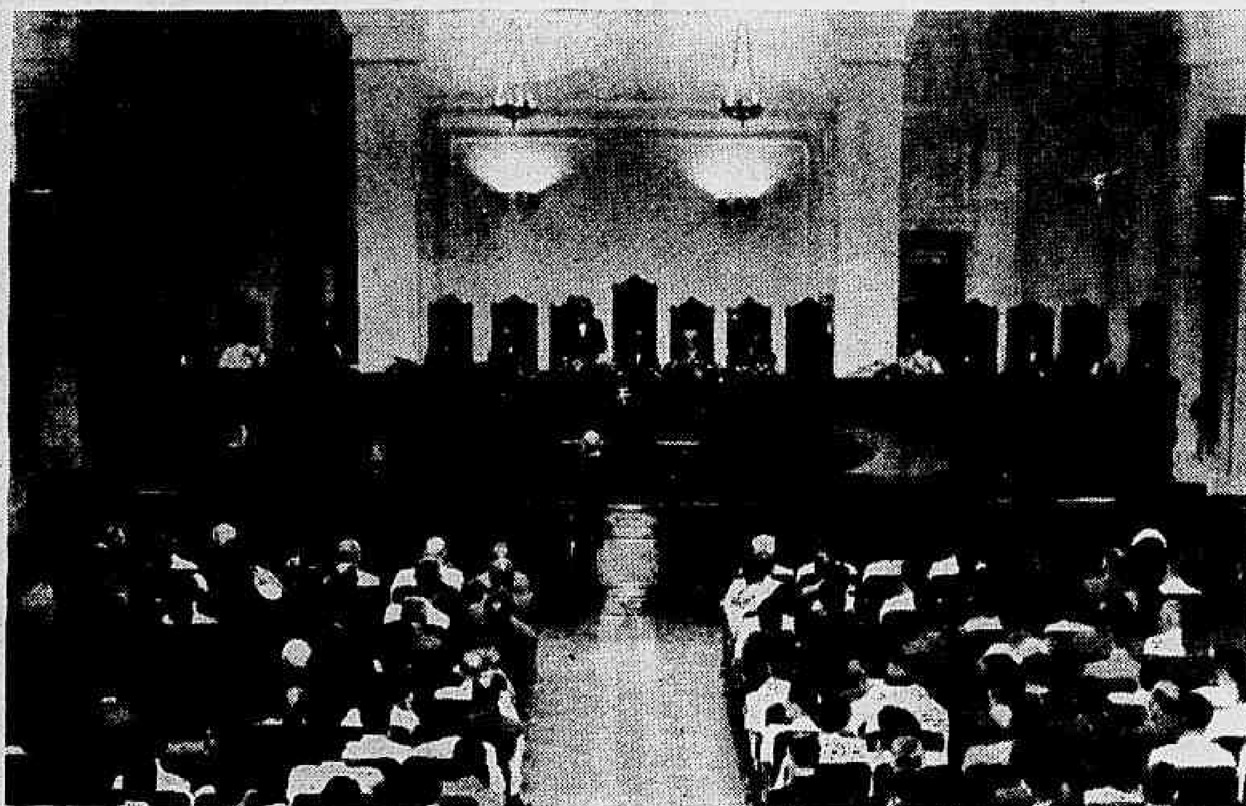
NEOCID *em pó*

CONFERÊNCIA SÔBRE RUÍ BARBOSA

Quando de sua estada recente na Cidade do Salvador, para assistir aos festejos do primeiro centenário de Rui Barbosa, o Sr. Clemente Mariani, ministro da Educação, pronunciou no Forum Rui Barbosa uma conferência sôbre a Águia de Haya, peça que obteve justa consagração nos meios culturais baianos. A conferência do Ministro Clemente Mariani foi assistida por um público seleto e numeroso, que lotou completamente o grande e magnífico salão nobre do monumental Forum, constituindo um dos números de maior realce intelectual das comemorações ruibarbosianas levadas a efeito na Capital da Bahia. Lamentando não poder, por absoluta falta de espaço, reproduzir a palavra do eminente homem público sôbre o Apóstolo, REVISTA DA SEMANA registra a conferência do Ministro Clemente Mariani como uma das mais brilhantes pronunciadas em Salvador, em tôrno de Rui Barbosa.



O Ministro Clemente Mariani lendo sua conferência. À sua esquerda está o governador do Estado, Sr. Otávio Mangabeira



Ao alto: Um aspecto do salão nobre do Edifício do Forum Rui Barbosa. Em baixo: Parte da assistência que o lotou completamente. Ambas as fotografias foram feitas durante a conferência do Ministro Clemente Mariani



CANADA', O BERÇO DO HOCKEY...

(Cont. da pág. 25)

Antuérpia, em 1920, alterou tôda a fisionomia da evolução do hockey europeu. Jogadores e treinadores canadenses foram contratados por muitos países europeus para melhorar os métodos de jôgo, enquanto que muitas nações dedicaram dedicaram considerável atenção ao estilo rápido, colorido e interessante que caracterizava a prática do hockey sôbre o gêlo pelas equipes canadenses. Atualmente existem várias ligas de hockey profissional no Reino Unido como na Europa Continental e a visita de equipes canadenses constitue sempre motivo de grande interêsse, e de aguçada competição desportiva.

Atualmente o hockey constitue um espetáculo de primeira grandeza em qualquer aldeia, vila ou cidade canadense. E' popular igualmente nos Estados Unidos e cresce em popularidade, dia a dia, na Europa. Não obstante os canadenses detém ainda o titulo de reis das pistas de hockey no mundo inteiro e mais de 200.000 ases do hockey aprenderam a praticá-lo no pátio do vizinho, nas pistas de suas aldeias, nos espaços abertos, sôbre a superficie geladas dos rios, tornando assim o hockey sôbre o gêlo o esporte nacional por excelência, do Canadá.

NO MEU TEMPO DE PALHAÇO

(Cont. da pág. 32)

ferradura. Caôlho, escondendo os olhos dentro de uns óculos azuis, com tôda aquela bigodeira, tal monstruosidade seria ótima cobáia para minha experiência. Tôda fábrica possui seu valor. Aquêle produto viera mesmo mandado. Eu queria me livrar da bota que me apertava os calos. Ora, dando ótima oportunidade ao bruto, êle, com paga, arranjaria minha liberdade daquela prisão. Eram vinte e duas horas e meia. Lá para as tantas e lá vão ponteiros, iniciariam o banquete, não se tratando dos discursos e brindes. Eu não havia jantado. Aguardavam a chegada de um sr. Fulano de Tal. Não sabia eu de quem se tratava. Talvez algum milionário menos rico de que meu pai.

Não duvidei do resultado. Não perdi tempo. Não vacilei. Queixando-me de que me achava indisposto depois do drinque no Salão Plenipotenciário, foi o bastante. De bôca em bôca, a noticia correu como fogo açoitado pelo vento. Acercaram-se de mim. Matronas afetadas, enfeitadas e feias, passavam o lenço perfumado em minha testa. Filhas de Generais e de Almirantes no ponto de... casamento, umas tiravam meus calçados. Outras, desapertavam o colête, zelavam por mim, enquanto várias friccionavam a barriga da perna, quando o negócio era na barriga mesmo. Quase, quase, que a mentira ia sendo desmoralizada, coitadinha, se eu não houvesse dado um chilique, para contornar a situação. O tal médico queria a todo transe aplicar-me uma injeção calmante, e olha eu agora com medo do cego! Felizmente, tudo ficou normalizado a contento de todos. Apresentei desculpas ao Diretor do Protocolo, retirei-me seguindo os mesmas caminhos, ouvindo o estardalhaço do locutor papagaio: — Devido a extraordinária emoção proveniente da grande manifestação da qual foi alvo o escritor, poeta, publicista e professor Edmundo, o notável cientista que felizmente está em nosso meio, o dr. Simplicio Quadros, aconselhou ao eminente homem de letras recolher-se aos seus aposentos".

Ah! meu diário, meu diário!...

Teria eu culpa de meus arrebatamentos artisticos divorciados de minha posição social? Não. O que me tornava mais triste, era meu pai ignorar o pendor ser fenômeno inato em nossa vida.

Doutra feita o escândalo fôra maior. Por um triz, ia sendo eu excomungado. O fato se verificara bem frente do altar-mór da catedral, por ocasião de um casamento. Meu velho sempre procurava colocar-me em conflito com o meio ambiente, julgando assim, dissipar meus propósitos. Êle, coberto de razões, possuia suas vaidades. Que prazer poderia advir a minha familia, milionária, sendo eu palhaço? Nenhum. Dai, forçarem meu convivio em lugares completamente antagônicos ao meu verdadeiro convivio.

Estamos num Templo sagrado. Padrinho de um noivo. Ao meu lado, a noiva do amigo sentenciado. O luxo sacro predominava naquelas colunas e naves tradicionais. Muita gente, muito silêncio, muita devoção. Casamento de gente rica até quem não é convidado comparece, para parecer aos convidados que também desfruta da consideração desejada, onde o deslumbramento é notório. Não posso atinar qual a semelhança encontrada entre a beleza emudecida daqueles ângulos misticos trescalando incenso e a vibração de meu anseio artistico. Em mim, com tôdas as formalidades, desenrolava-se uma grande tragédia. Crescendo, crescendo em proporções fantásticas, eu vivia o espetáculo de uma noitada de glória. E o "Clown" detalhe por detalhe, impecàvelmente, caracterizava o suplicio de sincero amoroso. O que se passava dentro de mim, estranho e incompreendido por todos, era a alvorada da arte despertando-me para a jornada do amor à vocação, naquele recinto onde os corações juram amor e pedem perdão de muito haver amado. Cheguei ao ponto culminante da peça. Quando o bom sacerdote sincero, simples, carinhoso, religiosamente abençoava as simbólicas alianças, sem querer, impelidamente, longe de segundas intenções profanadoras, à mercê do incontido desejo de ser palhaço, fiz ecoar pelo teto sagrado da majestosa catedral, estridente, porém, "sui generis" gargalhada, mensagem sincera do primeiro vagido de meu anseio, sofrendo no anonimato cruel, devido ao criminoso indiferentismo da opulência. Foi um quadro pitoresco cheirando a escândalo, porém, jamais horrendo. O que se manifesta em nós contra a vontade ou descrença de muitos, é justamente aquilo que praticamos. Não fui culpado, apenas autômato do ideal. O Padre se assustara. Jogou-me "água-benta". A noiva desmaiou. O pânico não se verificara porque o santo era forte. Mesmo assim, o noivo tivera seus justos receios de ficar viúvo antes de ser marido. O sacristão e convivas levaram-me para o interior da sacristia. Tudo fôra abafado. Tudo o quê? Ninguém tomou conhecimento do acontecido. Os jornais nada transpiraram. Transpirar o quê? O Chefe de Policia, primo de meu velho... O que houve, com todos os FF e RR, foi um grande acontecimento social que a imprensa "paladina" da verdade noticiara minudentemente.

Com tal escândalo, fui parar nas mãos de um médico psiquiatra que gostava de conversar sòzinho, porém, o caso era comigo. O maluco não era êle, que, impossibilitado de identificar minha anomalia psiquica ajudei-lhe, apresentando meu próprio diagnóstico, deixando certa noite, sôbre a mesa do luxuoso consultório do Hospital de doidos ricos, o seguinte bilhete:

"Dr. Hipócrates:

O senhor possui uma psicose bem pronunciada. Pensa que é médico, que é sábio, entretanto, não é capaz de julgar meu pendor artistico. Eu sou palhaço. O senhor o que vem a ser afinal? Ah!... Já sei, é doutor.

Adeus

Edmundo."

Naquela mesma noite, fugi do Hospital, escrevendo outra página para o diário. Ao lusco-fusco matutino, tomei um avião e fui fazer parte de uma Companhia de Circo. Fui viver meu verdadeiro ambiente, correndo mundo em excursões maravilhosas. Tudo ia bem. Depois... Há sempre o "depois" de alcançada a felicidade. O tempo é quem edita o romance real de nossa vida. Sempre somos insatisfeitos, não dominando a ambição, não refreando os impulsos, não aceitando a justiça dos fatos no seu vai-vem embalador de risos e de lágrimas. Corriam as coisas neste ritmo assustador: — ontem, o palhaço de rua, envergonhado devido a uma namorada, abandonara a empanagem do circo. Hoje, outro elemento dominado pelo complexo, com medo do trapézio, pediu sua conta. Amanhã — já estávamos avisados — seria dispensado o terceiro, apaixonado por outro motivo de menor sacrificio para grangear a vida. A Companhia ia caindo aos palmos. Para reagirmos à sua dissolução, rumamos para o recôncavo, utilizando desocupados que tapeavam platéias incultas. Do recôncavo, caimos em cheio no coração do interior. O invio sertão era o abismo do futuro da Companhia, já ameaçada pela concorrência de novos palhaços que conosco aprenderam as primeiras piruetas. O crepúsculo da fama nos atormentava. Era o ocaso da glória. Minha cabeça, juba leonina, estava enfeitada de cabelos brancos. Os artistas restantes, cansados, só a mim

viam; e eu sem tempo para o descanso. Repetidas noites, após noitadas de ingentes sacrifícios na conquista de sensação, eu não dormia, escrevendo peças. Além de palhaço, matava a fome de homens e de animais sob a minha tutela. Eu era o cérebro, o coração da Companhia, eu era, finalmente, o veículo condutor de uma multidão para o fracasso. Fazendo prolongadas viagens, catando platéias para colhêr o pão, eis-nos na capital de meu Estado.

A cidade havia melhorado um pouco. Os mesmos bondes, as mesmas igrejas, os mesmos costumes. Tudo era o mesmo bucolismo patriarcal em minha terra, com alguns arranha-céus sorrindo dos casarões vetustos perto do tradicional bairro das Estrêlas, hospitaleiro pouso das Companhias de Circo. Aí nos instalamos e a primeira visita recebida, como boa política, fôra a dos moleques, para em seguida sermos lisonjeados pela imprensa, não se lembrando de minha pessoa, por gentileza do Mestre, o decano dos artistas, palhaço genial vivendo das migalhas da fama.

Noite e dia trabalhamos com afinco no sentido de entrarmos em contacto com o público, e na primeira noite o circo parecia um cortiço, de superlotado que estava. Contudo, algum mistério agia em surdina dentro de nós. O que seria? A emoção motivada pelo encontro com outra platéia? Não sabíamos. Talvez a psicologia canalha e injusta, estivesse nos agourando. Vinte horas e meia! Nada. A farândula endiabrada era um oceano revôlto. A onda de gritos repercutia tristes presságios dentro da noite. Só se ouvia a algazarra impiedosa:

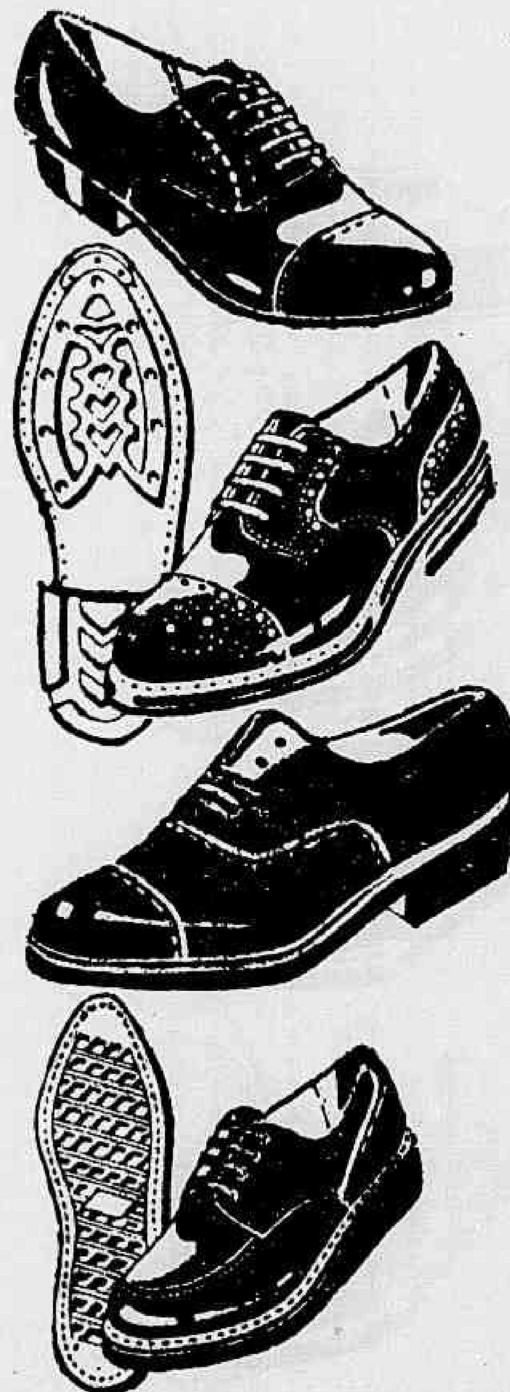
— "Quero meu dinheiro!..."

E' sempre assim: — o apupo em detrimento do artista, parte daquele que desconhece o circo na sua intimidade e ignora o que se passa por detrás dos bastidores teatrais. Se o espectador fôsse menos ignorante, o artista encontraria resignação na própria desdita. Os atritos nos camarins visando maior sucesso, não produzem efeito completo porque o estilête da contrariedade deixa no coração humilhado a impressão da tristeza. Semelhante fato não se dava comigo, porém, problemática estava sendo minha exibição. Considerava o velho palhaço meu povo e minha gente, platéia com os mesmos direitos e qualquer exigência redundaria numa grande humilhação à minha família. Concordaram. Concordei indiferentemente, porque nasci palhaço. Decididamente eu não trabalharia. O cansado truão, sacrificando-se, repetiria seus dias memoráveis, evitando minha família ver minha cara pintada. Mas... coitados de nós. O que ficara determinado seria impossível a realização. Depois de fantasia, apoplexia violenta fizera cadáver o velho palhaço. E' o quadro mais triste de minha carreira de artista, é esta página do diário. Vi os netinhos — dois eram filhos meus — e demais componentes da Companhia, chorarem convulsamente e limparem as lágrimas para enganar o público duas vêzes. Havia um desalento geral. O pranto incessante chegou a despertar o público que julgava ser os retoques do espetáculo e a patuléia ignorando o que vivia no coração de todos, gritava:

— "Tá na hora!..."

Não houve outro recurso. Trabalhar, eis o destino de palhaço. E frente ao meu povo, minha família, minha gente, num grito, num trejeito, num salto e numa gargalhada, dominei a avalanche humana, já em pleno delírio, ante minha impecável conduta de palhaço autêntico. Em tais condições, meu talento superou as grandes noites de vinte anos passados. O espetáculo desenrolava-se magistralmente. Os números, matemàticamente, iam sendo executados no momento preciso. Deslumbrava a dança da luz multicor, ao compasso da música bizarra. Fascinavam as crianças, quais réptis humanos, como se as vértebras fôssem molas elastecendo nos variados e contínuos flexionamentos. Causavam admiração, os cães que trepavam escadas lançando-se do alto à rêde armada. Sensacional era o rítmo do corpo tentador da bailarina morena dançando no arame bambo, enquanto o macaco que acudia pelo nome de PLINDO — não sei por quê — fazia conquistas na platéia, dando bilhetes às moças bonitas, dizendo por gestos que era o número de seu telefone. Dentro da harmonia que a arte exige, o espetáculo arrebatava a grande massa.

(Continua no próximo número)



MODÊLO N.º 1
Numeração de 36 a 44
Até Cr$ 100,00 no varejo
Preço Cr$ 78.00 por par
Pelo Reembôlso Postal Cr$ 90,00 o par

★

MODÊLO N.º 2
Numeração de 36 a 44
Até Cr$ 100,00 no varejo
Preço Cr$ 78,00 por par
Pelo Reembôlso Postal Cr$ 90,00 o par

★

MODÊLO N.º 3
Numeração de 36 a 44
Até Cr$ 100,00 no varejo
Preço Cr$ 76,00 por par
Pelo Reembôlso Postal Cr$ 85,00 o par

★

MODÊLO N.º 4
Numeração de 36 a 44
Até Cr$ 200,00 no varejo
Preço Cr$ 145,00 por par
Pelo Reembôlso Postal Cr$ 180,00 o par

ATENÇÃO
SNRS. LOJISTAS

Oferecemos êstes modelos nas côres preta, marron e havana.
CONDIÇÕES — À vista com 3% de desconto ou 90 dias sem desconto. Despesas de remessa por conta do comprador.
Escrevam hoje mesmo fazendo a sua encomenda para
FABRICA DE CALÇADOS JADE Ltda.
Rua Brito Melo nº 127 — BELO HORIZONTE (MINAS GERAIS)

NA INTIMIDADE DO P. S. D.

(Cont. da pág. 15)

de Gusmão Castelo Branco, conspícuo filho do Território do Acre. A explicação é a seguinte: devido ao nosso sistema eleitoral, que por êsse e outros motivos, está passando por uma reforma completa no Congresso, conforme nossa reportagem anterior, a distribuição das cadeiras pelo critério das legendas majoritárias dava margem a absurdos dêsse quilate; o outro candidato do PSD acreano à Câmara Federal, sr. Hugo Carneiro, obteve 3.775 votos, mais da metade, portanto, de todo o eleitorado que compareceu às eleições de lá — 5.359. Mas também deputados igualmente são Cirilo Jr., atual presidente do PSD nacional, que obteve sessenta e tantos mil votos do povo paulista, Coaraci Gentil Nunes, com mais de 90 por cento das preferências dos eleitores — 2.429 — que compareceram às urnas das lonjuras do Amapá! Não deixa de ser curioso também que um dos candidatos mais votados do PSD catarinense foi a professôra Antonieta De Barros, deputada à Assembléia de Florianópolis. O PSD elegeu ainda o deputado mais velho da Câmara, o sr. Graco Cardoso, dono da apreciável idade de 80 e mais alguns anos. O sr. Graco Cardoso, aliás, depois fêz uma "ursada" ao partido — passou-se para o Partido Social Trabalhista, do senador Vitorino Freire, caudilho político do Maranhão. Mas o PST não passa de uma ala, um filho emancipado do PSD.

★

Quando a notícia veio, ninguém acreditou: Dutra fôra derotado no Território do Rio Branco — imagine-se — pelo candidato do Partido Agrário Nacional! O sr. Mário Rolim Teles lograra obter o primeiro lugar e Dutra... o último. Mas, ficou-se logo sabendo, porque: o general tinha sido vítima do telégrafo... Um telegrama de instruções do diretório nacional pessedista, no Rio, chegara truncado em Bela Vista, a capital do Território, informando que o homem das "agriculturas" de São Paulo era o candidato do partido... e o eleitorado obedeceu. Azar dêles! O fato, ao lado do seu aspecto pitoresco, não deixa de trazer a sua lição: os partidos, os políticos, que olhem menos para a política e um pouco mais para os problemas do país, um dos quais é precisamente êste — o isolamento, a falta de comunicações e transporte. Não será apenas o Telégrafo o culpado de uma traição dessa ordem ou pior ainda nas futuras eleições.

★

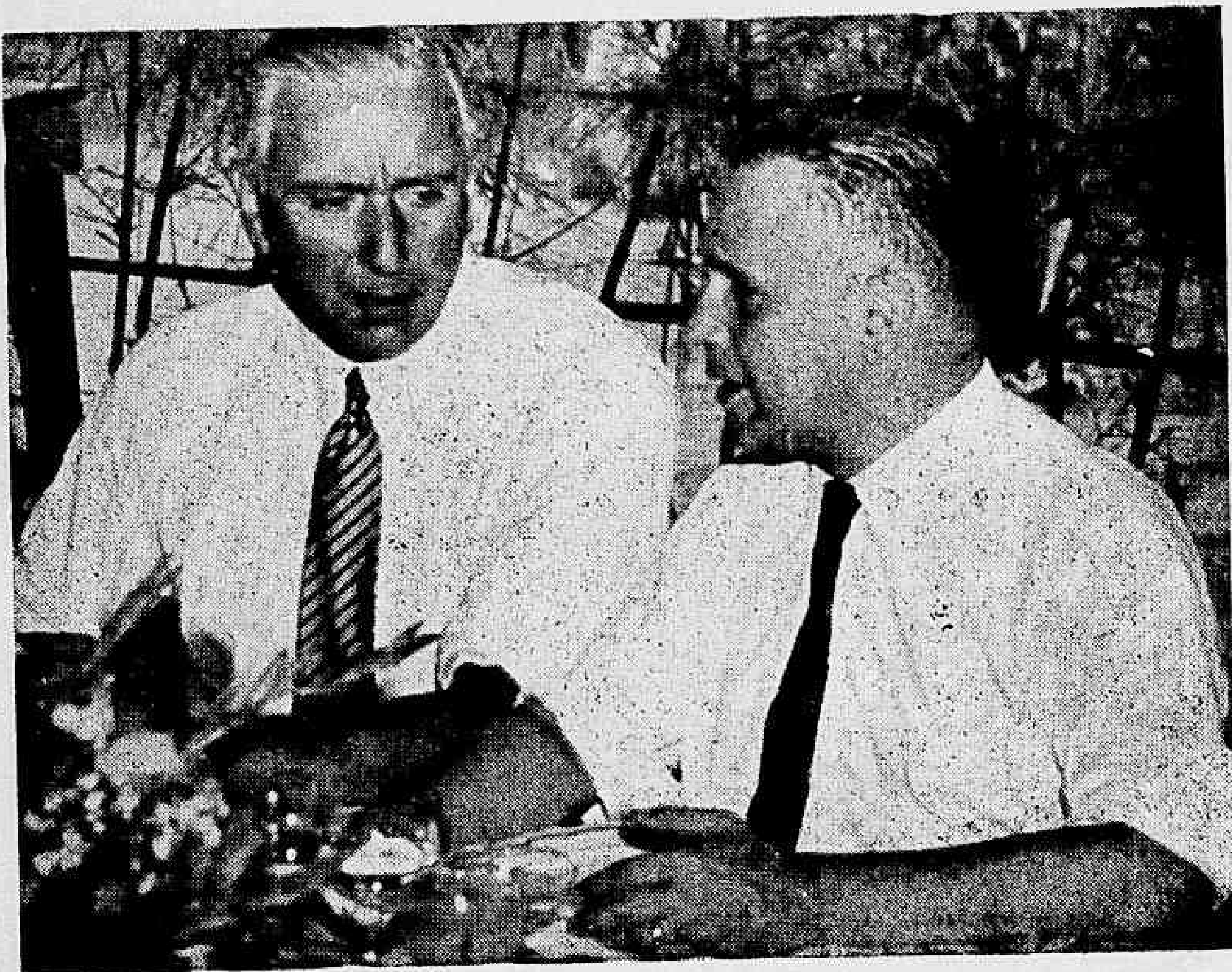
Por falar em traições, vejamos as sofridas pelo PSD. No Senado, passou para o Partido Republicano o senador Atílio Vivacqua, do Espírito Santo; para o PTB, o sr. Getúlio Vargas; e para o PST, o sr. Vitorino Freire, "presidente-proprietário" do novo partido. Êsse carregou ainda o sr. Novais Filho, de Pernambuco. Na Câmara, largaram o PSD, trocando-o pelo PST, os srs. Elizabeto de Carvalho, Afonso Matos, Odilon Soares — todos do Maranhão; Graco Cardoso, já citado, eleito pelo PSD de Sergipe; Abalêmio de Godói, de Goiaz; João Botelho e Carlos Nogueira, do Pará; Aluísio Ferreira, do Território do Guaporé; Altamirando Requião, da Bahia, e Jonas Correia, do Distrito Federal. Em compensação, ingressaram no partido, traindo aquêles pelos quais foram eleitos, os deputados Carvalho Leal, da UDN do Amazonas; Aristides Largura, do PTB de Santa Catarina, e Jurandir Pires Ferreira, da UDN do Distrito Federal.

Mais alguns, tanto do PSD como de outros partidos para êste, estão ensaiando os passos da dança... e a saída de uns ou adesão de outros estão dependendo da solução que fôr dada à atual crise que tomou conta do PSD. Para a bancada gaúcha na Câmara, o partido não tem mais suplentes, pois todos os que foram eleitos já estão empossados, no lugar dos efetivos que trocaram o Legislativo por cargos da administração estadual ou federal. Se por qualquer desventura um deputado federal do PSD gaúcho ficar impossibilitado de comparecer à Câmara, a sua cadeira permanecerá vaga até as eleições de 3 de outubro. Com Getúlio dá-se o seguinte: o ex-ditador eleito senador por dois Estados e deputado por cinco, optou pela senatória pessedista do Rio Grande do Sul, sua terra natal. Mas Getúlio é, antes de mais nada, Getúlio mesmo e o seu partido todo o mundo sabe que é o PTB. Dessa forma, a sua cadeira no Senado, nas suas prolongadas ausências do Rio, é ocupada pelo suplente, o sr. Camilo Mércio, que é pessedista de fato. Um deputado, o coronel Brochado da Rocha, eleito deputado pelo PSD do Rio Grande do Sul, abriu mão do mandato e nas eleições de 1947 candidatou-se à uma cadeira na Assembléia Legislativa do seu Estado e ganhou... mas pelo PTB. Bonito!

No Distrito Federal, dos 6 vereadores do PSD, os srs. Gama Filho e Álvaro Dias largaram o partido, ingressando no PR. Arrependeram-se ou fizeram as pazes e depois, então, voltaram. Já o sr. Levi Neves, que era do PTB, passou-se com armas e bagagens para o partido do prefeito.

★

Como funciona a máquina política e administrativa do PSD? Talvez não haja dúvida entre o eleitorado, que êle é um órgão representativo das classes abastadas do campo — criadores de gado e agricultores — colonos e de uma boa parte dos burocratas do Rio como de todo o país, porquanto o PSD foi o núcleo onde se aglutinaram os antigos elementos da administração do país, dividindo essas honras com o PTB. Visceralmente católico como consequência da sua base eleitoral, é o PSD o partido para o qual recaíram, em maior parte, nas últimas eleições, as preferências da Igreja. O programa do partido, por isso, embora aborde quase todos os itens do progresso nacional, não apresenta grandes inovações. Acham os pessedistas que, bem administrado e com algumas iniciativas de cunho econômico e financeiro, tais como amparo e financiamento da produção, à criação, organização de um banco central para contrôle da moeda e crédito, assistência social ao trabalhador, participação do trabalhador nos lucros das emprêsas (esta a medida mais avançada que apresenta), podem ser resolvidos os problemas do país. Cautela e caldo de galinha não fazem mal a ninguém... Dessa têmpera parecem ser os homens do PSD. Conseqüentemente, o partido não vive pròpriamente da massa, do eleitorado. Os seus candidatos aos cargos eletivos arrancam do próprio bôlso o que podem e precisam para as campanhas eleitorais. Assim foi em 1945 e 47. Não se repete com o PSD o que se vê nos partidos de base nitidamente popular. Mas para os cofres do partido mensalmente corre uma apreciável verba arrecadada entre os seus representantes eleitos para a Câmara, Senado, Assembléias estaduais, ministros, prefeitos, altos funcionários, vereadores, governadores, etc. O PSD nacional arrecada, mensalmente, cêrca de Cr$ 100.000,00 dessa maneira; cada senador ou deputado entra com Cr$ 500,00 por mês, e bem assim os dirigentes nacionais do partido, mesmo que não desempenhem cargo eletivo, como o atual tesoureiro, sr. Pedro Brando; os ministros Adroaldo Mesquita, da Justiça, e Clóvis Pestana, da Viação, cada um contribui com Cr$ 500,00. Da mesma forma, Nereu Ramos, vice-presidente da República e como tal presidente do Senado (todo mundo diz ser senador mas não é); a sua vaga foi ocupada pelo sr. Lúcio Correia, eleito pelo PSD nas eleições suplementares de Santa Catarina). O sr. Dermeval Pimenta, presidente da Cia Vale do Rio Doce, o cel Leoni Machado, presidente das Emprêsas Incorporadas ao Domínio da União ("A Noite" e "A Manhã", entre elas) e outros altos funcionários pessedistas, mensalmente entram também com os seus Cr$ 500,00. E assim alguns outros, sendo poucos os pessedistas que, não tendo uma posição política destacada ou que ocupem cargos públicos por conta do prestígio do partido contribuam. Dentre êstes últimos há, por exemplo, o sr. Carvalho de Brito, diretor de uma conhecida fábrica de pneus. O PSD não tem pròpriamente quadro de associados, embora trabalhe junto aos eleitores e alguns dos seus futuros candidatos ao pleito de outubro já estejam fazendo alistamento. Nem todos os seus deputados e senadores contribuem para o PSD nacional, no entanto, embora assim procedendo desrespeitem os estatutos do par-



EM retribuição à visita que, a convite do Govêrno argentino, realizou àquêle país, o Ministro Daniel de Carvalho, esteve no Brasil, hóspede do Govêrno, o Engenheiro Agrônomo Carlos A. Emery, Ministro de Agricultura y Ganaderia da República Argentina e exma. esposa. O programa de treze dias de permanência nesta capital, Minas, São Paulo e Estado do Rio, permitiu aos ilustres hóspedes a apreciação de vários aspectos do progresso brasileiro.

Professor e ex-dirigente da Universidade Rural do seu país, o Sr. Emery manifestou particular interêsse pela nossa Universidade Rural. E, durante a visita àquêle Centro, o Ministro da Agricultura e a Sra. Daniel de Carvalho ofereceram lauto almôço, servido



sob uma palhoça, com a participação de destacadas figuras da sociedade carioca.

Dada a elevação da temperatura e em vista do ambiente de cordialidade reinante, foi abandonado todo o protocolo, acolhendo-se alegremente a sugestão de os cavalheiros "sacarem el saco".

Na primeira foto, entre um prato e outro, os ministros da Argentina e do Brasil palestram sôbre um detalhe da organização do C.N.E.P.A.; a seguir aparece a Sra. Carlos A. Emery palestrando com o Embaixador Carlos Martins; na última, o ministro argentino ouve atentamente a Sra. Daniel de Carvalho



tido. Cento e trinta e quatro deputados e trinta e dois senadores sagradamente, todos os meses pagam os Cr$ 500,00; muitos até pagam em dôbro. Cinquenta por cento da verba arrecadada pelo diretório nacional pessedista, porém, são distribuídos entre os diretórios estaduais.

Os Cr$ 50.000,00 mensais que restam ao partido no Rio dão, entretanto, para fazer face às suas despesas impresncindíveis e ainda há saldo — segundo nos afirmou o caixa, sr. Carlos Oberg. A maior despesa do PSD é com o pagamento do grupo de salas do prédio onde funciona atualmente, no "Edifício Piauí" — Rua Almirante Barroso nº 72, 8º andar: metade do pavimento, salas amplas e bem arejadas, mobiladas com discrição, mas bem mobiladas, um ótimo auditório para as reuniões dos maiorais e convenções do partido; foi comprado no ano passado ao dentista L. Parker, pela importância de Cr$ 1.400.000,00, sendo pagos Cr$ 600.000,00 à vista e o restante financiado. A parte financiada, por um arranjo do sr. Nereu Ramos, foi hipotecada à Caixa Econômica Federal e está sendo resgatada, regularmente, na importância de Cr$ 8.300,00 mensais. Para o primeiro pagamento, à vista da sede, o partido fêz um apêlo e cada um dos seus deputados e senadores entrou com Cr$ 5.000,00.

Com o funcionalismo, o PSD gasta muito pouco, principalmente porque paga muito mal... A fôlha de pagamentos, de "gratificações", como dizem, atinge a Cr$ 8.700,00 por mês, sendo que o funcionário mais bem remunerado do partido, o contador, ganha apenas Cr$ 2.000,00 mensais; o zelador percebe Cr$ 1.200,00, e pouco menos outros auxiliares, até Cr$ 400,00 — importância paga aos contínuos. Todos que ali trabalham exercem outras funções fora, geralmente um emprêgo público, e tal permite o horário de "batente" do partido, que é revesado, trabalhando uns pela manhã e outros na parte da tarde. Mas trabalham muito, porque a sede do partido é movimentadíssima.

★

O general Dutra, como bom pessedista que é, também contribui com a sua quota para o partido. Mensalmente o tesoureiro recebe os Cr$ 500,00 do presidente da República e lhe entrega o recibo.

★

Eis um pouco da vida do PSD, ou melhor, das suas intimidades, o tanto que foi dado ao repórter observar e recolher em palestra com alguns dos seus elementos mais destacados ou modestos funcionários da sua secretaria. Terá o PSD vida longa? Talvez sim, talvez não... Sua sorte depende das "coisas da política"... — como diz o povo. E êste, afinal de contas, é que decidirá, em última análise. De qualquer forma, não morreria tão cedo, como os seus inimigos mais acérrimos preconizam, a não ser que uma revolução mudasse a face política do Brasil. Mas, alguém está pensando em revolução?

Reconciliação

Cont. da pág. 50)

No primeiro aniversário de casamento haviam ido dançar, quando êle teria preferido festejar a data só com ela, no apartamento. No entanto, tinham ido ao Cassino. Elena estava linda, num vestido de festa, novo, de veludo vermelho-cereja, que a envolvia sedosamente, realçando-lhe a beleza e dando-lhe a aparência de uma chama, viva e crepitante!

Nesse dia, Mauro não se sentira feliz, porque começava a se julgar diminuido e humilhado. O vestido de veludo, assim como o abrigo de peles, deveria ter custado muito dinheiro e tinha sido um presente de seu sôgro.

Seria desde esta noite que êle começara a se sentir tão mudado? Foi desde então que deixara de sentir aquela sensação de triunfo e alegria, que durante tanto tempo o acompanhara, no serviço, quando tomava o ônibus ou o lotação para voltar para casa? Não sabia dizê-lo.

O inegável, porém, era que já não encontrava o mesmo prazer, não tinha a mesma pressa em ir para casa, porque agora sentia-se sempre abatido, derrotado. Talvez fôsse por sua culpa que seu casamento estava falhando. Porque não pensara devidamente na diferença que havia entre a vida de solteira e de casada, para Elena? Ela era rica, mimada, acostumada a receber nas mãos tudo de bom que há na vida!...

TERREMOTO!!! NO MERCADO DE PERFUMES!

N O V A T A B E L A

TIPOS DE PERFUMES	Essências 10 gr. Cr$	Extratos 50 gr. Cr$	Loções ¼ Cr$
Jasmim Super	10,00	22,00	30,00
Crepe A — Super ...	12,00	22,00	30,00
Madeiras A — Super	12,00	22,00	30,00
Rosa Natural — Super	13,00	22,00	30,00
Violeta B — Super ..	13,00	22,00	30,00
Q. Fluers — Super ..	15,00	25,00	35,00
Fl. Amor — Super ..	15,00	25,00	35,00
Mitzko — Super	18,00	25,00	35,00
Arp. S — Super	20,00	35,00	40,00
Tabac B — Super ...	21,00	35,00	40,00
Tabul — Super	25,00	35,00	40,00
Chan 5 — Super	25,00	35,00	40,00
Nuit N — Super	25,00	35,00	40,00
Cuir R — Super	25,00	35,00	40,00
Narcisse N — Super..	25,00	35,00	40,00
Pretx — Super	35,00	45,00	55,00
Rumores — Super ...	35,00	45,00	55,00
Escandalo — Super ..	35,00	45,00	55,00
Tabul GR — Super ..	35,00		
Flor Maçã LF	50,00	70,00	70,00
Soupplesse LF	50,00	70,00	70,00
Biarritz LF	50,00	70,00	70,00
Monte Carlo LF	50,00	70,00	70,00
Arabesque LF	60,00	80,00	80,00
Heno del Campo LF..	60,00	80,00	80,00
Casino LF	60,00	80,00	80,00
Violette Feuilles LF ..	85,00	105,00	105,00
La Rose Rougeatre LF	85,00	105,00	105,00
Despesas Reembôlso..	6,00	6,00	6,00

Não aceitamos pedidos menores de Cr$ 100,00. Os perfumes marcados LF são legítimos franceses

VENDAS PELO REEMBÔLSO POSTAL

A FEIRA DAS ESSÊNCIAS

Av. Marechal Floriano, 67 — Sob.
RIO DE JANEIRO

O mais triste, porém, era essa voz no seu interior — a voz do seu coração, por acaso? — a lhe dizer, incessantemente, que se Elena o amasse deveras, assim como êle a amava, acharia fôrças para mudar. Não é um pouco mais de dinheiro que faz a felicidade de ninguém...

Sentia ódio de si mesmo, por pensar desta maneira, por reconhecer que a mulher amada não correspondera ao seu ideal. E além de tudo, odiava-se mais ainda, por continuar tão prêso aos seus encantos, por desejá-la com tanto ardor!

★

Uma manhã, o gerente da casa onde trabalhava, encarregara a secretária de chamar ao seu gabinete os senhores Morais, Silva e Teixeira.

Mauro levantar-se, com os dois colegas, sem saber o que lhe traria êste chamado. Os três homens haviam entrado na sala do gerente, um pouco assustados, e o chefe lhes dissera:

— Os senhores são os meus melhores empregados. Chamei-os aqui, para saber qual dos três prefere ir a Pôrto Alegre, montar a filial da firma. Aquêle que fôr terá seu trabalho aumentado, mas terá, também, uma elevação nos seus vencimentos. Mas o que precisa ficar claro é que não poderá abandonar a capital gaúcha até que esteja terminado o serviço, isto é, dez ou doze meses sem que possa voltar ao Rio.

Antes que seus colegas pudessem dizer alguma coisa, Mauro levantara-se:

— Estou às suas ordens, senhor Gerente. Poderei partir assim que o senhor desejar.

— Muito obrigado, senhor Ferreira; aguarde as instruções.

Mauro não soube dizer como se resolvera tão depressa a aceitar o novo cargo, mas terminou se convencendo que, no seu subconsciente, há muito tempo criava forma êste desejo: fugir, pôr distância entre êle e Elena, para não assistir à derrocada final de seu casamento.

Só na véspera da partida, porém, foi que pôs a espôsa a par dos acontecimentos.

E como uma pessoa que se liberta de pesado fardo, sentiu alívio em desabafar o que lhe ia dentro dalma, pronunciar as palavras qeu se acumulavam, ansiosas por serem proferidas:

— Eu quis uma espôsa, uma companheira, uma mulher que dependesse de mim, a quem eu desse todo o meu apoio. Queria uma mulher que sentisse prazer em se saber amada e que soubesse me compreender, que procurasse satisfazer meus caprichos, se acaso eu os tivesse.

Você não quis ver, Elena, como eu desejei lhe trazer presentes, ver a sua alegria recebendo o que lhe desse, vendo-a usar um vestido dado por mim, dando-lhe valor e reconhecendo que, se seu valor monetário não era grande, nêle eu teria pôsto um pouco de meu coração, uma parcela do amor que dedicava a você...

Nada disso sucedeu. Desde o início fui me sentindo deprimido, dentro de mim crescia o desencanto, vendo que minha espôsa não adquiria o que necessitava quando eu estivesse em condições de pagar e sim quando recebia um gordo cheque de seu pai.

Você nunca foi uma espôsa, Elena, e eu jamais fui seu marido, conforme a significação que dou a estas palavras.

Você nunca foi a protegida e eu jamais seu protetor...

Você continuou sendo a moça rica que casou com um homem que não lhe podia dar o que estava habituada a ter e nunca procurou viver dentro do meu orçamento.

E é preciso que você saiba que estou farto disto.

Quero ter novamente meu orgulho, confiar outra vez em mim mesmo, na minha capacidade, sentir-me forte e resoluto. Isto só será possível se você voltar para a casa do seu pai, se você pedir o desquite e me deixar livre, alegando o abandono do lar.

Você teve razão não querendo um filho e assim, rapidamente esquecerá êstes meses que viveu comigo, as minhas brigas e o meu egoísmo e logo encontrará um outro homem que pense como você, e com quem será feliz.

Calara-se, satisfeito por ter dito tudo que sentia vontade de dizer e esperara uma resposta de Elena. Mas ela não tentara se defender, admirada da fúria contida nas palavras do marido e ficara sem saber o que dizer, ou, quem sabe? — também ela visse a impossibilidade de serem felizes juntos. Não se mostrara surpreendida è nem apresentara objeções quando êle dissera que ia partir só e que, quando ela desejasse o desquite falasse com o seu advogado, que já tinha ordens a respeito...

A noite se arrastara longamente, parecendo que nunca chegaria a manhã, e a claridade difusa da madrugada viera encontrá-los insone: ela no seu quarto e êle no sofá estufado da sala.

★

A viagem de avião fôra rápida e agradável e após algumas horas depois que deixara o Rio, Mauro chegava a Pôrto Alegre. Não conhecia a cidade e ficou encantado com sua beleza, seu progresso e seus arranha-céus. Vagara a esmo por suas ruas e tivera seus dias ocupadíssimos, trabalhando com afinco, até sentir-se exausto, para não poder pensar na sua vida desfeita, no seu casamento terminado, na saudade imensa que sentiria sempre de Elena.

Os dias se transformaram em meses, passaram ora rápidos, ora vagarosos, sem lhe trazerem nenhuma notícia de Elena; mas às vêzes êle preferia mesmo não saber deja, para não sentir uma tristeza maior ainda.

Aproximava-se, contudo, o término de seu serviço e êle sabia que, voltando para o Rio, a primeira coisa que faria seria procurá-la, vê-la novamente, escutar sua voz doce e melodiosa. Depois, então, haveria de encontrar um meio de esquecê-la, e varrer a imagem dela que parecia gravada, indelevelmente, no seu pobre coração dolorido.

★

As palavras de Mauro e a sua decisão de partir só, colheram Elena de surprêsa e quando êle falou em separação e desquite, ela não quis acreditar. Não era possível que Mauro houvesse mudado tanto, que não mais a amasse.

E como tinha sido tão cega, tão ingênua, que nada a avisara do que sucedia?

Realmente, agora que relembrava a sua curta vida conjugal, notava que o Mauro dos últimos tempos era menos expansivo e apaixonado, porém julgara tudo natural. Pois se a lua de mel já se fôra há mais de um ano, que mal haveria em terem diminuído os beijos, as carícias e as declarações de amor? Acaso não era isto o que acontecia com todos os casais, quando passava a ilusão dos primeiros dias e entravam na realidade da vida?

Depois que Mauro partira, conseguira tranquilizar-se e aguardou com calma um telegrama ou uma carta dêle, pedindo perdão pelas palavras proferidas e renovando-lhe seus protestos de amor e carinho. E então, depois de se fazer difícil, um dia tomaria um avião e iria fazer-lhe uma surprêsa.

Esperou com calma, e a calma transmudou-se em irritação, quando viu que êle não dava sinal algum.

Passou a segunda semana de sua ausência, a terceira, completou um mês que êle se fôra e nenhuma notícia recebeu.

Ofendida então, sentindo-se ferida em seu amor próprio de mulher que se sabe bela e desejável, deu de ombros e resolveu não dar maior importância ao caso, já que êste era o desejo do marido.

Começou a sair tôdas as tardes, e como o mês de janeiro transcorria quente e ensolarado, tornou a frequentar as areias de Copacabana, deixou-se bronzear pelo sol, ficou muito morena e sentiu prazer em pensar que, se Mauro a visse iria ficar muito zangado.

Pensou na raiva que êle sentiria, diariamente, quando ia ao cinema, quando comprava um rico vestido novo, ou ia a alguma festa com as amigas. Tornou-se quase inseparável de Alice, porque dentre tôdas suas amigas era com esta que Mauro menos simpatizava.

Sentiu prazer em ser cortejada, em ter ao seu redor uma onda de homens bonitos e ociosos, cujo tempo era todo dedicado a dizer galanteios e a fazer madrigais.

Sentiu prazer nisto tudo, mas que adiantava, se Mauro não estava perto para sentir ciúmes e brigar?

E porque pensava sempre em Mauro, qualquer que fôsse o lugar onde se encontrava, começou a perceber como era profunda a afeição que dedicava ao marido, e grande o lugar que êle ocupava em sua vida. Começou também a notar como suas amigas eram frívolas, aborreceu as festas e os lanches na Colombo e compreendeu, então, o prazer que Mauro encontrava em ficar em casa, em sossêgo, lendo um livro ou ouvindo o rádio.

Quando o pai lhe perguntava pelo genro, dizia-lhe que Mauro escrevia sempre, muito saudoso e sofria por ter que mentir, por não querer confessar que havia sido desprezada. Não aceitou o convite que êle lhe fêz, para aguardar, na casa paterna, a volta do marido, alegando que preferia ficar no seu apartamento, cuidando de suas coisas.

Pouco a pouco foi percebendo a mudança que nela se operava. Saía menos, foi tomando gôsto pela arrumação da casa, pela limpeza dos móveis, e, um dia encheu de admiração a cozinheira negra, indo à cozinha ver como se preparava a comida...

Passaram-se seis mêses sem que Mauro desse notícia alguma. Elena, resolveu, então que, se precisava transformar-se, para conseguir que o marido voltasse, a transformação haveria de se operar. Por isso, começou a cuidar da roupa, fazendo com que seus vestidos se conservassem mais tempo, saía pouco, dedicando-se ao arranjo da casa e quando iniciou a aprendizagem dos doces caseiros, lembrou-se que poderia aproveitar suas tardes, frequentando um curso de economia doméstica.

Como pensou assim o fêz, e no fim do ano, quando completavam onze meses que Mauro fôra para o Sul, Elena estava diplomada como a perfeita dona de casa.

No Natal telegrafou ao espôso, desejando-lhe boas festas, e não recebeu resposta.

Quando a cozinheira lhe comunicou que ia casar, abandonar o emprêgo, sentiu prazer em ficar sozinha no apartamento, limpando, varrendo e esfregando...

Arrependia-se agora de nunca ter querido um filho, um elo que mais a prendesse ao marido e surpreendia-se do encanto que encontrara na sua vida inútil

Tornou a telegrafar-lhe no último dia do ano, expressando-lhe o desejo que o Ano Novo lhes trouxesse as maiores felicidades e dizendo-lhe que aguardava, ansiosa, o seu regresso ao lar. Não recebeu





Passou a dôr?
-um SORRISO-

graças a
CAFIASPIRINA
O REMÉDIO DE CONFIANÇA


A BELEZA DOS SEIOS
BÉL-HORMON

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON n.º 1; quando fôr ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON n.º 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado modernìssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, ... Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembolso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" n.º

NOME ....
RUA .... N.º ...
CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 3?,00

resposta novamente, mais seu instinto lhe dizia que Mauro voltaria, mais apaixonado do que nunca, depois de um ano de separação.

No dia seis, no mesmo dia em que, há tantos séculos atrás os três Reis Magos haviam adorado o Menino-Deus, ela pensava quando estaria de volta o marido. Era de noite, e ela recostara-se no sofá ouvindo o seu programa predileto no rádio, quando soara a campainha do telefone.

Correu a atender, com a esperança de escutar a voz amada.

*

Nesta mesma noite, Mauro caminhava pensando nos telegramas que havia recebido da esposa e que tanta alegria haviam-lhe trazido. Andava a esmo, desejando falar com Elena, procurá-la, matar as saudades que sentia dela, mas temia a aproximação, pois sabia que se ela lhe abrisse os braços, êle tudo esqueceria, para recomeçar de novo, mesmo sabendo que êste encontro adviriam novos sofrimentos. Que poderia fazer, se a separação parecia ter aumentado sua paixão por ela, se sabia ser impossível esquecê-la?

Chegara na véspera e até agora contivera-se, sem tê-la procurado. Foi jantar e antes de sair do restaurante discou os números do seu telefone, certo de que ela não estaria em casa e sim num cinema ou numa festa.

Quando atenderam o telefone e uma voz macia perguntara:

— Alô! Com quem deseja falar? — o sangue correra mais rápido em suas veias e êle tivera que pigarrear para tornar mais clara a voz, que subitamente ficara rouca:

— Elena! Como vai? E' Mauro que está falando...

— Mauro!

A voz dela se quebrara e através do fio telefônico escutara um soluço. Depois ela dissera:

— Mauro, enfim você voltou, querido!

Não havia necessidade de outras palavras. Com um rápido: Até já amor!, saíra quase correndo do restaurante e tomara um taxi, recomendando ao chofer muita pressa...

Daí a pouco estava no elevador, e logo após à porta do seu apartamento. O coração batia-lhe fortemente no peito e êle tremia de emoção, sabendo-a tão perto.

Antes que batesse na porta, esta se abria e uma mulher, de radiante beleza, se adiantara, os braços abertos para recebê-lo!

Apertando-a fortemente nos braços, o rosto perdido em seus cabelos sedosos e perfumados, Mauro confessou:

— Nunca, nunca poderei viver sem você, meu amor!

As lágrimas corriam dos olhos de Elena, lágrimas de alegria, e ela mal conseguiu dizer:

— Você voltou, meu bem, e me trouxe de novo a felicidade!

E os lábios dêle lhe fechavam a bôca, num beijo interminável, que era a certeza de um novo mundo para ambos!



Publicidade para a
Revista da Semana
em São Paulo
Tratar com
JARBAS DE FREITAS GALVÃO
Rua Brigadeiro Tobias, 613
2.º andar — Sala 217

AQUELE BENTO...

(Cont. da pág. 23)

— E' sim, senhor. Aqui todos são calmos, ninguém reclama. Para êles, tudo está bem. Riem-se da guerra e dos preços altos. — sorri.

Muito serviço? — perguntei.

— Que nada, patrãozinho. Nesta terra quase não há defunto. Os velhos estão aí, vai não vai, mas não morrem, não senhor. Não temos defunto há dois dias. Clima bom, é isto mesmo.

— A capela, está então sempre deserta?

— Bom, o senhor sabe: às vêzes, o morto vem lá de longe, e chega fora de hora; só aí usamos a capela.

— E o senhor não tem medo dêste silêncio, desta solidão? — perguntei, olhando ao redor.

— Qual, a gente acostuma! Os pobrezinhos vêm quietos, calados; não nos amolam.

— E de noite? — perguntei.

— À noite é a mesma coisa. Êles continuam o sono do dia; ninguém se mexe, não senhor. Isso de assombração é bobagem. Eu não acredito. Agora, com sua licença. Vou preparar uma cova; temos gente nova, amanhã. — e lá se foi o coveiro despreocupado, capengando de uma perna e assoviando uma música em voga.

— Que calma! — pensei comigo. E voltei do cemitério vagamente impressionado. Cruzes! O Bento tinha coragem!

Fomos encontrarmos à noite, como de costume, no bar junto ao cinema.

Olhei em redor e pus-me a pensar. A vida, assim mesmo, com aquela gente a beber, com aquêle egoísmo estampado nas fisionomias endurecidas, com os seus ódios e as suas paixões, era bem melhor do que aquêle silêncio que eu vira de manhã, aquela impressão do nada, do tudo acabado. Fitei o Bento. Era forte, bonito e tinha um ar valdoso na fisionomia morena.

Só mesmo, por vaidade, êle consentiria naquela macabra e audaciosa exibição de coragem, e que nós outros íamos explorar.

— Deixa-o — pensei. — Sua alma, sua palma.

E aquela foi a noite em que mais nos divertimos. Brincamos e dançamos sem parar. Eu já namorava, naquele tempo, a Lourdinha, que Deus haja; foi muito depois que ela apanhou a moléstia que a matou.

Bom, a turma, depois de muito beber, de muito cantar, combinou a brincadeira do cemitério para o dia seguinte.

O Bento sempre prosa, arrogante e firme no seu propósito. Combinássemos a hora, porque êle estava pronto. E combinamos. Onze horas. Não éramos tão ruins assim; meia-noite seria muito pior.

Esperaríamos do lado de fora do cemitério e aguardaríamos a sua entrada na capela, onde se demoraria cinco minutos. Dei um pulo, ia falar, mas calei-me. No dia seguinte a capela estaria ocupada. Chamei o Menezes à parte e contei-lhe. O rapaz exultou.

— Ótimo! — exclamou êle. Porém, não descansei enquanto não avisei o Bento. — "Que não fôsse bôbo, que a capela teria um defunto, e uma porção de coisas mais."

O moço não me quis ouvir, e no dia seguinte, com a consciência aliviada, fui com os outros apreciar a tôla valdade do Bento.

Fazia uma noite bonita e clara; êle tivera sorte, apesar de mesmo cá de fora, sentir-me arrepiado com aquelas sepulturas brancas, que já, por si mesmas, pareciam assombrações paradas.

Poucos ruídos; só um ou outro sapo, o piar das corujas, os nossos passos e as nossas vozes; o mais, tudo silêncio. Esperei, ainda, que o rapaz se arrependesse ante aquêle lúgubre espetáculo, aquela noite cheia de mistérios, mas o Bento era duro; e eu começava a admirá-lo.

De vez em quando, um cochicho e uma risada faziam tremer a gordura do Menezes. O que era não me contavam. Encolhi os ombros, e, arrepiado, vi o Bento subir no muro baixo e ouvi o barulho que fêz ao cair no chão, do outro lado; um barulho sêco e triste como aquilo tudo que nos cercava.

— E' agora! — disseram os outros rapazes.

Uma gargalhada acompanhou-lhes as palavras.

Cismei com aquilo; guardei, porém, e ficamos a espiar, cá de fora os passos do rapaz, lá dentro.

Êle já se encaminhara, resoluto, para a capela, por onde se escoava uma luz fraca.

Vimo-lo parar, abrir a porta; e a sua figura elegante desenhou-se na claridade que se fêz, e sumiu lá dentro.

Mas, senti-me nervoso. Já naquele tempo tinha um coração de manteiga. Eu estava cá de fora, mas era eu quem tinha medo; medo e pena. E aguardei. O Brandão ria-se a mais não poder e os outros confraternizavam numa barulheira enorme. E' claro que tinhamos bebido muito, mas, o meu espírito conservava-se bem lúcido; eu me continha quando bebia. Bem. Escoaram-se dois minutos entre risos e graçolas; depois, dois gritos horrorosos que eu nunca mais pude esquecer, vararam a noite e vieram até nós. Logo após, o vulto do Bento, tropeçando e correndo como louco, voou para o muro. Custou, porém, a subi-lo; mas conseguiu.

E nós ouvimos, pálidos como um defunto, gaguejando como uma criança e os olhos esgazeados, o pobre rapaz contar com voz entrecortada:

— Eu entrei e fiquei dois minutos, depois...

O Bento apertou o rosto com as mãos, horrorizado.

Os outros acotovelavam-se com olhares de inteligência.

— E depois? — perguntaram loucos de curiosidade.

— Depois... aquilo se mexeu. As pernas do morto começaram a pular. — e o Bento fugiu de nós correndo como um louco. E êle quase ficou mesmo.

O rapaz esteve ruinzinho, numa casa de saúde.

Passou lá três meses e só depois disso voltou ao normal. Disseram-me que tem até hoje, pavor a cemitérios. Coitado! Eu tive pena. Mas, para que quis êle fazer-se de valente? Com a morte não se brinca.

Tio Jerônimo olhou ao redor. Parecia ter acabado.

As crianças arregalavam uns olhos espantados. E a mais velha, perguntou:

— Mas o que aconteceu, tio Jerônimo? Por que é que o morto pulou?

Tio Jerônimo esperava a pergunta, antegozava o espanto que as crianças iriam ter, e demorava-se de propósito.

— Ah! — Eu não lhes contei. O caso é que os tratantes dos meus amigos, em segrêdo, entraram no cemitério, na capela, e dentro do caixão colocaram três sapos enormes enrolados em panos pretos, que cobriram de flores. E' claro que ao ouvirem barulho, os bichos pularam, mas não podiam sair. E o pano subia e descia como se o pobre defunto estivesse a brincar com o Bento, para amedrontá-lo.

— Ih! Tio Jerônimo, que horror!

As crianças estavam pasmadas a olhar para o nosso amigo.

Parecia-lhes aquilo, um sacrilégio.

— Que pecado! comentou um.

— Que pecado, que nada! — exclamou Tio Jerônimo.

O que vocês não sabem é que o caixão estava vazio. Haviam-no levado escondido, de noite para o cemitério. Dentro dêle só havia os sapos, panos pretos sobertos de flores, e um lenço branco cobrindo uma suposta cabeça.

— Ih! — maravilharam-se de novo as crianças. — Que coisa, hein, Tio Jerônimo?

— Pois é! — concluiu o nosso amigo contente com o efeito produzido. E foi verdade.

— E vocês aí, não precisam me olhar com essa cara!

Aquilo era conosco. Tivemos que rir. E a história acabou com uma das suas gargalhadas que faziam quase a casa tremer.

Aquêle tio Jerônimo!

Londres vista de uma...

(Cont. da pág. 31)

ele. Além disso, para os dias de hoje, isso parece ser um trabalho demasiadamente áspero. Os jovens preferem dirigir automóveis, a oitenta ou cem quilômetros de velocidade por hora; expõem a vida sem se aperceber disso, mas ganham mais. Entretanto — acrescenta o velho cocheiro britânico — os "chauffeurs" estão muito longe de aprender o que pude recolher no meu livro de apontamentos diários, pois enquanto se comanda uma diligência o pensamento trabalha mais vagarosamente e melhor. Dirigindo um carro puxado a gasolina o tempo é pouco para pensar em fugir aos desastres mais prováveis...

Mas Yorkie não vê muitas possibilidades de Londres continuar gozando por muito tempo a vista saudosa e agradável de "um bonito coche, com um passado de cento e cinquenta janeiros, em que as senhoras e os cavalheiros desciam, barulhentos, alvoroçados, mas felizes, a Constitution Hill"...

Na verdade, os ingleses conservam por princípio um bom senso de tradicionalismo. Reparem que ainda hoje o coche real é uma das mais famosas e espetaculares coisas que se podem admirar em Londres, nos dias de gala. E se alí existem muitos milhares de automóveis do último tipo, não é menos verdade que andar de carro a tração animal, constitue um agradável entretenimento para a gente da terra.

Na fase mais angustiosa da guerra, com o racionamento da gasolina, muita gente passou a fazer excursões em velhas carruagens puxadas por dois pangarés de passo lento, vagaroso e enervante. Mas depois a gasolina apareceu em quantidade, o racionamento teve seu têrmo, e nem por isso aquêle gênero de passeios desapareceu. E' que os londrinos sentiram o prazer de um recuo nos hábitos da sua gloriosa metrópole. E aos domingos, principalmente, muitas dezenas de carruagens transitam pelos arredores da cidade. E muita gente que tem automóvel, se dá ao luvo de excursionar pelos arrabaldes e subúrbios, num troly, num tilbury, numa carruagem de vime. Só as diligências é que pareciam ter desaparecido de uma vez por tôdas, até quando, agora, vem de se fundar a referida emprêsa dessa especialidade. Há dois escritórios no centro de Londres, onde funcionários dessa companhia aceitam reserva de lugares para o dia seguinte e principalmente nos fins de semana é que as carruagens a tração animal têm mais procura.

Ilustres personalidades estrangeiras, turistas endinheirados, titulares, artistas, boêmios, preferem conhecer Londres dêsse modo, do alto da boléia de uma diligência, mesmo sabendo que vão gastar mais tempo e pagar maior quantia. Por menos de uma libra gastam-se duas horas num giro muito saboroso, e ainda mais quando ao nosso lado, por acaso, vem sentar-se uma bonita garota. Os artistas cinematográficos de Hollywood frequentemente vem em visita a Londres, são os maiores aficionados das diligências.

E se o leitor, que agora pôsa os olhos nestas linhas, tem projetada também sua visita à capital britânica, não se esqueça — encontrará por êstes lados uma diligência às suas ordens.

A SAÚDE DO BEBÊ

USO DA CHUPETA, SEUS PRÓS E CONTRA

DR. SABÓIA RIBEIRO

Não existe uma só opinião entre médicos sôbre o uso da chupeta, na idade infantil.

A opinião mais sensata, porém, aliás constituindo maioria, a êsse respeito, partilha francamente da que antes condena o seu emprêgo quando mais não seja, porque se há vantagens, sem dúvida discutíveis subsistem inconvenientes, por outro lado, que podem redundar em sérios perigos para a criancinha. Nós nos colocamos entre êstes.

E' verdade que êstes perigos não devem ser exagerados e são devidos, antes, não à chupeta em si, mas a poucos cuidados com a mesma, falta de asseio, contaminação com os dedos, com objetos e superfícies poluídas, o assento, o chão, o pousar das moscas, etc..

Alegam os que condenam o uso da chupeta:

— Que constitui mero vício, uma vez instituída.

— Que, após algum tempo, acarreta uma notável secreção e deglutição de saliva, tonando o suco digestivo do estômago muito ralo, com o que a digestão do leite se faz menos pronta.

— Que, ainda, com a chupeta, a criança engole muito ar, dilatando o delicado estômago da criancinha.

— Que, afinal, é também capaz de tornar a criança protusa, isto é, com a boca de "chupar ovo", na expressão pinturesca do povo.

Há, ao contrário, os que lhe reconhecem uma ação estimulante sôbre a secreção gástrica e subestimam aquêles males apontados, ou mesmo o negam.

Um grande pediatra alemão foi ao ponto de escrever textualmente: "Na minha opinião não se demonstrou ainda sua nocividade.

Sem dúvida, a coisa não vai ao ponto de causar deformidades, como a alegada boca de "chupar ovo", pois se assim fôsse, "existiriam deformidades maxilares e dentárias na maioria dos homens".

Mas, que benefícios traz a chupeta?

Na verdade nenhum. Se é certo que ela tem a propriedade de acalmar a agitação da criança, também é certo que o faz após estabelecido o costume, e por mero vício.

Quando a criança não foi acostumada ao bico ou à chupeta, de seus próprios dedos ela se vale, sugando-os numa tendência instintiva. Essa tendência se manifesta sobretudo por ocasião da sensação de fome, e vale por um sinal de fome.

No caso do hábito da chupeta, a criança a reclama por uma espécie de vício que se estabeleceu, e tão só porque a ensinaram a isso, desde as primeiras horas. Dizer, portanto, que a adoção da chupeta é meio idôneo de evitar que se estabeleça o hábito de chupar os dedos, não é dizer nada, porque, na melhor hipótese, é apenas implantar um vício substituindo uma tendência que, aliás, só se manifesta mais no momento de fome da criança.

E' evidente, assim, que não milita a favor do uso da chupeta nenhuma razão aceitável. Mas não é só. Acontece, ainda, que a chupeta nem sempre é cercada de certos cuidados, ficando exposta, inclusive à poeira e às moscas, e outras vezes caindo e rolando no chão menos asselado ou contactos suspeitos.

Evidentemente, êsse reparo não se aplica, indistintamente a todos que lidam com a criança, senão a certos meios domésticos de higiene precária.

Consignamos o fato, porém, porque é ocorrência frequente no uso da chupeta, o que faz ainda condenar como fonte de possível contágio da criancinha, e a que se podem atribuir muitas vezes certas lesões da mucosa, da boca da criancinha.

— A fervura da chupeta não deve, por isso, ser esquecida, e conservá-la suspensa do pescoço da criança é outro elementar cuidado.

CORREIO DA REVISTA

Afonso Magno — Ouro Preto — Muito fraco o seu conto "A fôrça de uma lembrança". Mande-nos alguma coisa dessa cidade, transformada em contos literários. Há aí muita fonte de ótimos efeitos.

M. D. — Rio — Não consegue despertar interêsse o seu conto "Dia de Casamento".

C. B. P. — Belo Horizonte — Fraco o seu "A Declaração".

O. T. O. — Agulhas Negras — Estado do Rio — Não foi possível aprovar o seu "O que o destino dá, êle mesmo tira". Muito monótono.

E. M. — Curitiba — Os assuntos devem ser nacionais. Contos sem excessos de vida real e que não causam censuras.

P. O. V. — Blumenau — E' êrro de português a construção não se o faz.

F.M.R. — S. Paulo — Não foi aprovado o seu conto "A Convicção".

E.F.S. — Hamburgo Velho — R. G. do Sul — Não houve meios de aproveitar "O Véu". Procure dar à narrativa uma clima de interêsse mais geral e evite preciosismos como ternura e enganos da espécie de a modela, esdruxulo feminino de modêlo. Melhore o seu português.

F.M.F. — S. Paulo — Seu conto "Sombras Crescentes" não pôde ser aprovado. Melhore o estilo. Veja que nenhum leitor teria coragem de prosseguir uma leitura que começa assim: "Jamais Vitor Alexis sentiria tais preocupações, que acutilam a alma num isocronismo impiedoso, como o tic-tac de relógio ancestral..." Não lhe parece?

Odete Cisneiros — Carangola — Minas — "Renúncia" foi aprovado. Continui.

M.A. de A.M. — Rio — Cientes Agradecemos e retribuimos os seus votos de Feliz Ano Novo.

H.G. — Rio — "Sob a luz de quatro velas" não passou.

J. N. — Rio — Recebemos "A Fobia de Margarida". Aguarde. Quanto às emendas de que nos fala, não têm importância para o julgamento. Muitas vezes até ajudam...

T. Negrais — Bauru — São Paulo — Muito gratos pelos cumprimentos que retribuímos cordialmente. Quanto ao conto "Poço de Pedras", vamos lê-lo com prazer.

N.N.O. — Maceió — Não recebemos.

M.A. — Recife — Sempre às ordens.

B.O.C. — Curitiba — Esta Revista aceita contos nas condições do programa que vai publicado em todos os seus números. Não tenha medo, pois aqui não se humilha ninguém. E' de principiantes que se fazem os grandes escritores.

V.A. — Fortaleza — Ceará — Seu conto "Uma vida" ainda não chegou às nossas mãos".



Que será seu filho AMANHÃ!

advogado
engenheiro
médico ou...?

Seu futuro depende do presente - da sua capacidade para dedicar-se aos estudos. Depende das energias que o Tônico Infantil fornece ao organismo da criança. Contendo em sua fórmula fósforo, cálcio, arsênico, iôdo, tanino e vitaminas - os elementos de que as crianças mais necessitam na idade escolar - Tônico Infantil permitirá a seu filho ser, hoje, um colegial exemplar... amanhã, homem de verdade.



TÔNICO INFANTIL

PARA NÃO FUGIR

Por que os detentos condenados a penitenciárias usam uniformes e casquete vistosos, com fundo branco e listras largas, horizontais e negras?

Apenas para que, na hipótese de fuga, sejam identificados sem maior dificuldade.

Ao tempo da escravatura, costumavam os senhores e autoridades ligar aos negros fujões campainhas e libambos armados em peças de ferro, de forma que os desgraçados não pudessem livrar-se de tais "enfeites" e se denunciassem em qualquer parte onde surgissem.

Liquidada a escravidão com todos os seus horrorosos processos de crueldade, não pôde a humanidade deixar de usar certos processos quanto a delinquentes metidos em penitenciárias.

O uniforme de "zebra" com linhas horizontais é de uso quase universal e já não simboliza apenas a famosa Sing-Sing.

Mas, ao que parece, muitas autoridades não concordam com êsse processo de dificultar a fuga de seus detentos.

Em Campos, por exemplo, o critério é outro muito diferente. Em lugar de meter o prêso em uniformes berrantes e denunciadores de fugitivos mesmo dentro da noite mais escura, o prêso fujão é libertado de tôdas as suas roupas e jogado completamente despido no fundo do cubículo.

E' isto que a Asapress nos informa: "A polícia de Campos conseguiu deitar mão no perigoso larápio Amaro Gomes Machado, fugitivo da prisão da cidade. Como é a segunda vez que êle foge, a polícia o deixou agora completamente despido no xadrez, para evitar nova fuga".

Na verdade, com que roupa vai Amaro fugir?



AS VIRTUDES DO CAFÉ



Não se pode negar que a nossa preciosa rubiácea possui virtudes sem limites. O café é tônico para o coração, estimula os nervos em casos de entorpecimento, esquenta o corpo nas noites frias, anima os doentes, faz enriquecer muita gente e uma série de outras tantas coisas.

Mas há nos Estados Unidos uma cidade que instituiu êste hábito singular: sempre que eram encontrados ébrios pelas ruas, os guardas os levavam para o xadrez do distrito onde dormiam para passar a ressaca.

No dia seguinte, ao invés de conselhos ou algumas "lembranças" epidérmicas no lombo dêsses alcoólatras, a polícia com a maior solicitude lhes dava alentadas xícaras de café fresco e gostoso, com o fim de curar os malandros da carraspana do dia anterior.

O processo gentil e humano adotado pelas autoridades de Pittsburgh correu mundo. Muita gente amante do cafèzinho pela manhã, não podendo tomá-lo com os seus próprios recursos, tudo fazia para embriagar-se e ser levada à prisão.

Dormiam êsses vadios e, ao amanhecer, o carcereiro, com tôda a urbanidade e cortesia, apresentava aos presos farta bandeja de café fumegante e cheiroso.

Era para curar-lhes a ressaca.

Os sabidões bebiam e se iam. Não durava muito e ei-los que regressavam. Mas, com a alta do café, as autoridades não puderam oferecer café aos bêbedos em ressaca e agora é uma zurrapa tão indigesta que êles preferem umas vassouradas da mulher...

OS ROMANCES DA ESPANHA



As pessoas amantes dos folhetins de romances ao luar, de raptos entre fidalgos e moças pobres, de donzelas encerradas em castelos medievais e fugas dramáticas de jovens que fazem de lençóis as cordas que as levam aos braços dos seus amôres, — as pessoas que apreciam tais episódios estão de parabens.

Em plena metade do século XX, sem nenhum cavaleiro andante, sem castelos feudais, sem trovadores de capa e espada, acaba de verificar-se um dêsses atos rocambolescos tendo o amor como "pivot".

Angelina, belíssima espanhola filha do aristocrata duque de Pino Hermoso, apaixonou-se pelo toureiro Luis Miguel Dominguim e, para não fazer tolices, foi encerrada em seu quarto de dormir até que o "matador" se ausentasse para Caracas.

Mas o amor a tudo vence, já diziam os latinos. Não suportando as saudades de sua "Dulcinéia", o toureiro tomou um avião e veio louco até Madrid, deixando os seus empresários em apuros.

Logo que chegou à capital da Espanha, Dominguim se comunicou com ela, sabendo então que Angelina estivera sofrendo constrangimento paternal, aprisionada em seus aposentos e que se êle fôsse descoberto na capital ela iria novamente para a solitária...

Então o rapaz não teve dúvidas. Fugiriam. Já que o aristocrata Hermoso era tão feio para seus amôres, que ela e êle enfrentassem a vida com coragem, gritando **a los toros!**

Concertaram um plano e, uma bela noite, estourou a bomba sob os pés do duque. A filha tinha sido raptada pelo toureiro! Tôda a cidade comentou o fato e se descobriu que ela havia fugido por meio de uma escada de tiras do próprio lençol. E agora... o duque tem que se munir de farpas, pois se há touro, não é êle...

O FIM DE UM MACUMBEIRO



Não são poucos os registros nas crônicas policiais que atestam os perigos que correm as pessoas ingênuas colocadas à mercê de macumbeiros, chefes de catimbós e feiticeiros de tôda espécie.

Nosso país teve a infelicidade de, ao lado do benefício do braço escravo das costas africanas, receber também os seus hábitos religiosos bárbaros, cujas crenças ainda hoje ocupam larga seara no campo da credulidade humana. Mais um registro doloroso acaba de ser feito pela polícia na localidade de Mamarim, no Estado do Rio.

No sábado, dia 17 de dezembro, um lavrador, em companhia de sua filhinha de seis anos, foi à sessão do macumbeiro José Maria, famoso "pai de santo" daquelas redondezas, a fim de tirar os maus espíritos que o perseguiam.

O terreiro estava animado. Os "cambonos" e as "filhas" cantavam e dançavam no ritmo bárbaro, relembrando os festejos e sessões dos nossos velhos mandingueiros africanos.

O tempo, porém, estava ameaçador. Vento, chuvas intermitentes perturbavam as homenagens a "Exu", antecipando a retirada de muitos dos adeptos.

A menina estava muito gripada, razão por que o roceiro achou mais prudente não levá-la para casa com aquela chuva. O macumbeiro ofereceu a casa para que êle e a filha dormissem aquela noite. O homem aceitou. Alta noite, porém, o "pai de santo" cometeu um crime hediondo. Perseguido pelo hóspede, fugiu o delinquente, sendo, ao amanhecer, retirado de um pântano pelo povo indignado. Deram-lhe tremenda surra e o amarraram à cauda de um cavalo, levando-o à delegacia, enquanto era a criança internada num hospital de Nova Iguaçu.

OS ANIMAIS SE REVOLTAM



Não faz muito tempo noticiou a imprensa desta capital que um pobre roceiro fôra assassinado a faca pelo seu próprio cavalo.

O trabalhador rural, tendo seviciado a montada de maneira severa, foi surpreendido com inesperado gesto do animal: retirou êste, com a bôca, um punhal que o dono trazia à cinta e, ato contínuo, cravou a arma no fígado do camponez, matando-o imediatamente.

Contam as crônicas de Ouro Prêto que, certa vez, uma imagem de S. Jorge, desfilando numa procissão, foi jogada em baixo pelo seu cavalo e, atingindo um senhor, matou-o com o choque.

Essa imagem está ainda desmontada e exposta no Museu da Inconfidência daquela cidade.

Dizem também os mais entendidos que foi promovido processo penal contra o santo, não se sabendo se houve condenação dêle ou do cavalo que montava.

Agora nos chega de Cuiabá esta notícia sensacional:

"Verificou-se nesta capital um caso inédito que causou forte impressão. O pescador Antônio Armindo da Silva foi morto por um peixe. Trata-se de um "pintado", peixe de regulares proporções do rio Cuiabá. Tendo o pescador lançado a tarrafa, colhendo-o, e havendo rebentado o cabo ou corda da mesma, que o pescador traz prêso ao pulso, Antônio Armindo da Silva não se conformou com o acidente que resultaria em perda total do belo pescado, lançou-se nágua e se agarrou com o peixe. Nesse instante, porém, como que vendo o perigo em que estava diante do bicho homem, o "pintado" recorreu à sua arma de defesa e ataque — grande ferrão que tem à frente e o enterrou em pleno coração do pescador, matando-o instantaneamente." Um dia é do pescador, outro é do peixe...

RESPEITO ÀS CRIANÇAS

Aí está um caso doloroso ocorrido nesta grande e leal cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro. Um jovem operário, depois de passar pelo transe cruel de ver seus dois primeiros filhos morrerem logo após o nascer, fêz uma promessa às almas. Se o próximo bebê vingasse, êle acenderia, todos os anos, no dia do aniversário do filho respeitado pelas Parcas, uma vela em intenção dos mortos.

No primeiro aniversário do garotinho, Francisco José de Oliveira, que é êste o nome do pai, radiante de alegria, procurou um lugar ermo e acendeu uma vela para as almas.

Isso vinha ocorrendo anualmente, na mesma data.

Ms êste ano, apesar de o mundo estar mais adiantado em civilização, havendo menos analfabetos, mais indústrias e uma Legião da Decência, o pobre trabalhador não pôde cumprir em paz a sua confortadora promessa.

Ao deixar o pôsto de vigia de obras, já com a vela propiciatória no bolso, Francisco procurou um lugar deserto para oferecer a vela às suas almas, em agradecimento pela defesa que fizeram da vida de seu filhinho que já tem seis anos.



Estava o bom homem a fixar o espermacete numa pedra em local ermo, um dêsses campos de futebol para as "peladas" aos domingos e feriados, quando é abordado por seis malandros que o interpelam. O pai lhes pede que o deixem em paz. Aquilo é uma promessa às almas. Mas os desocupados o agridem a socos e pontapés. O vigia, que só tem um braço, lembrou-se do seu revólver e fêz uns disparos para afugentar os atacantes, o que conseguiu. A vela ficou acesa e êle foi para casa. Horas depois a polícia o prendia. Um dos sacrílegos fôra ferido. Agora, amigo, acrescente à promessa: "E que as almas me protejam dos incrédulos"...

COMÍCIO DE CÃES

Não é história do barão de Munchausen, nem foi visto isso em descrições de planetas imaginários. Os cães, leitor amigo, foram à praça pública com o objetivo de protestar contra impostos para viver.

E' verdade que foram levados pela mão dos seus donos; mas, seja como fôr, portaram-se como se fôssem gente.



O caso se passou na grande e movimentada cidade de Milão, na Itália.

A Municipalidade, para aumentar suas rendas ou coibir essa mania de todo mundo estar aumentando a família com várias cabeças caninas, criou no novo orçamento para 1950 um impôsto sôbre cães.

Quem quisesse possuir cachorro em casa que pagasse uma taxa de tantas liras por ano.

Como era natural, os proprietários de cães de todos os tipos protestaram. Mas de que valia protestar apenas o dono? Era necessário que os cães também aparecessem em praça pública e unissem os seus gritos aos berros dos donos. Ou vice-versa.

E na manhã do dia 18 de dezembro, na vasta praça da Municipalidade de Milão, trezentos cachorros, desde os lulus aos enormes dinamarqueses, se reuniram e protestaram em incrível algazarra. Latiam, gemiam, uivavam, rosnavam, numa cena digna de Dante com seu inferno. Os guardas estavam alarmados. Bastava que os donos daquela cachorrada fizessem um gesto para que tôda a guarda fôsse reduzida a postas. E enquanto os cães latiam furiosamente, os donos vociferavam contra a lei. E venceram...

CIDADÃO DO MUNDO

Conhece o leitor o sr. Garry Davis? Não importa. Trata-se de um cidadão norte-americano, ex-pilôto durante a última grande guerra, e que renunciou, há pouco tempo, à cidadania de sua pátria para tornar-se "cidadão do mundo".

Tem lá suas concepções filosóficas e respeitáveis. Acha êle que não há brasileiros, nem chineses, nem poloneses, nem italianos. O que há é unicamente é "cidadão do mundo". Todos somos do mundo e não de uma determinada zona dêste planeta.

Como foi recebida essa teoria?

Com tôdas as hostilidades, Garry Davis, zangado, renunciou à sua qualidade de norte-americano, fixou-se em Paris e começou a propagar suas idéias.

Como um novo regenerador da humanidade, Davis se preparou para ir à Alemanha e pregar suas idéias. Mas lhe foi negada a entrada ali. Agora Garry empreendeu a viagem por terra, em direção da fronteira germânica, disposto a atravessar as linhas limítrofes, dê no que der.

Para isso não se serviu de nenhum veículo de locomoção. Nem avião, nem trem, nem ônibus, nem automóvel, nem carro de boi. Foi a pé. Sim, senhor! A pé.

São 332 quilômetros de Paris à fronteira alemã. Vai até à Alemanha Ocidental para fazer agitações entre os teutos contra a guerra.

Já haverá alguém aderido a Davis?

Como não! Dentre muitos acaba de registrar-se o nome de Lord Orr, Prêmio Nobel da Paz, o qual, depois de conferenciar com o presidente da França e membros do govêrno, inscreveu-se também como "cidadão do mundo", patrício de Garry Davis!



Nº 31

A MULHER SCARLET INVISIVEL

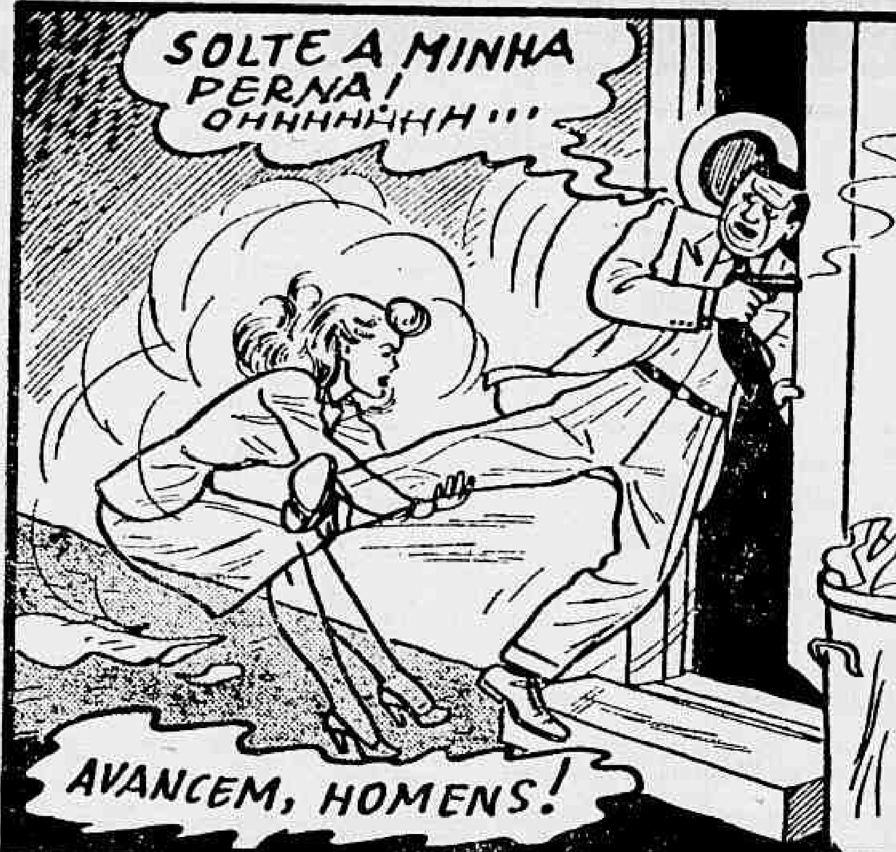
POR RUSSELL STAMM













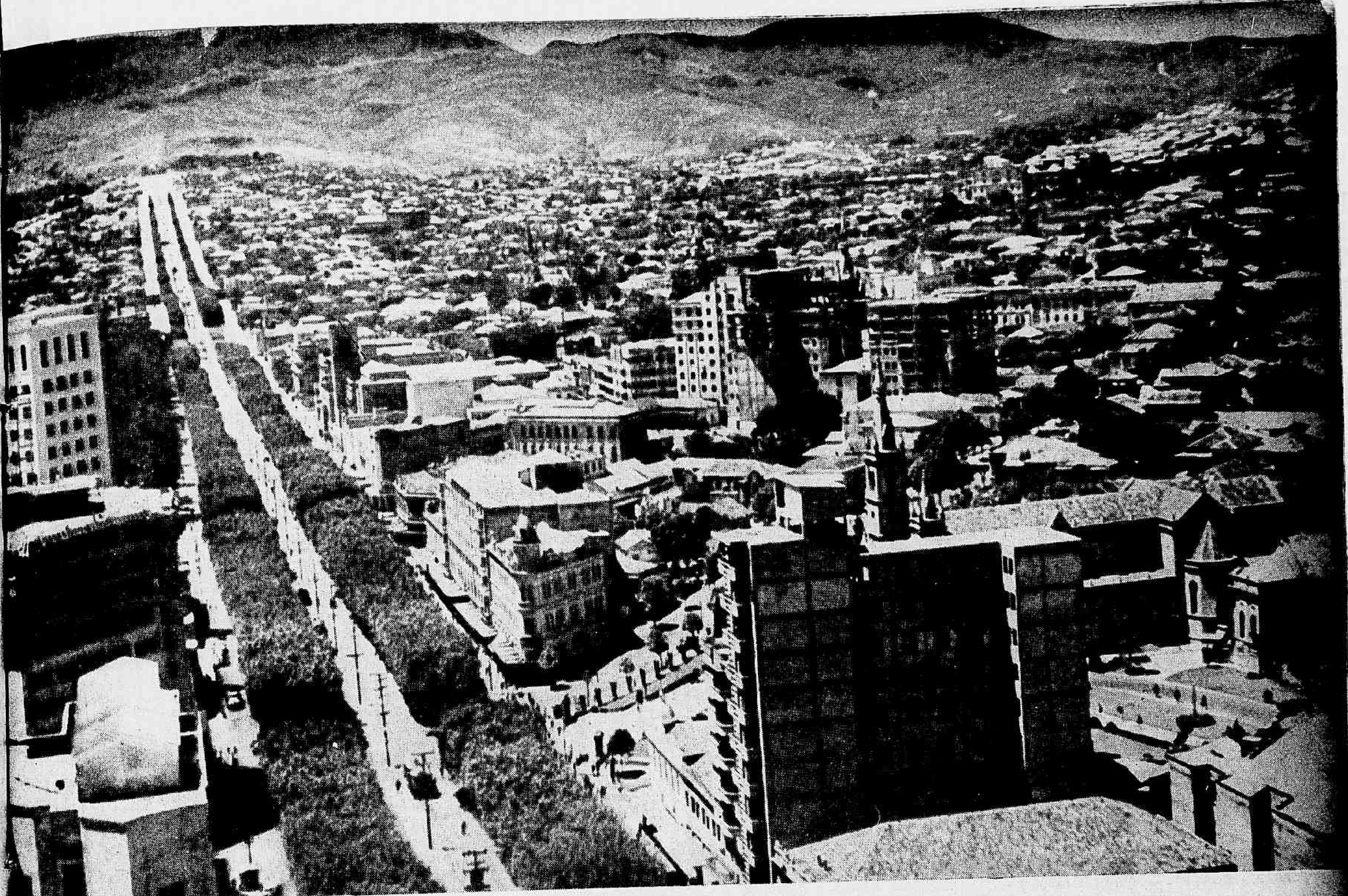












FUNDADA POR DECRETO

Panorama de Belo Horizonte, descortinando-se a majestosa reta da Avenida Afonso Pena. Foi a capital mineira fundado por decreto, em 1898. Tinha 13 mil habitantes em 1900, 55.000 em 1920, 108.000 dez anos mais tarde e, hoje, aproximadamente 350.000 almas. Em 20 anos ultrapassará a casa do milhão. O povo mineiro tem orgulho de sua capital

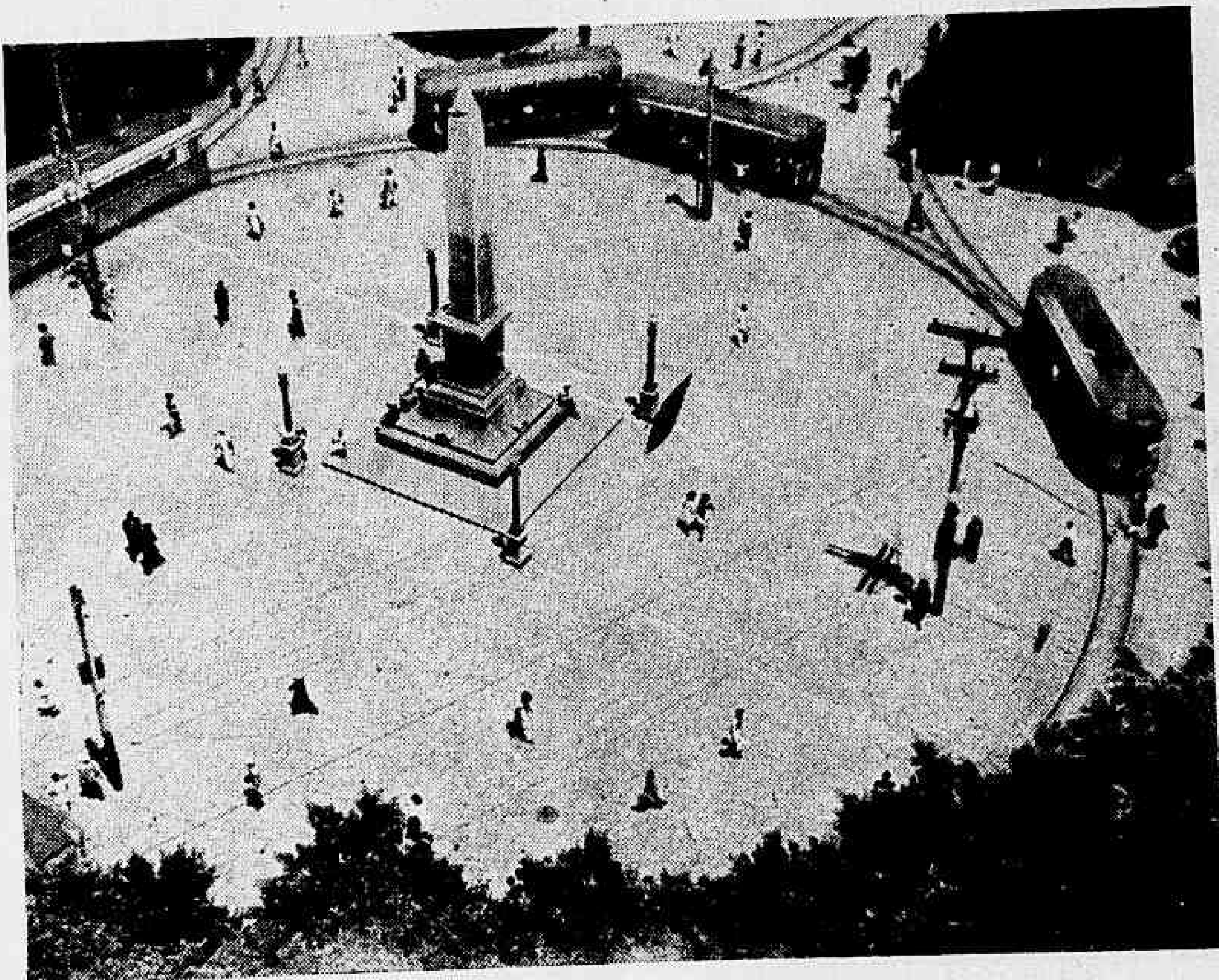
BELO HORIZONTE
CIDADE-COGUMELO

De PIMENTEL GOMES

VOÁVAMOS. Olhei para baixo e vi os arranha-céus, as praias, as avenidas, as fábricas. tôda a agitação trepidante e febril do Rio de Janeiro que se afastava e se esbatia no horizonte. As ilhas rebentaram, por curtos instantes, das águas tranquilas e azuladas da Guanabara. A baixada fluminense alargou-se chata e verdejante, cortada por uma rede cruzada e entrecruzada de rios navegáveis, canais de drenagem e estradas de rodagem. Alguém falou alto, como se quisesse se rouvido por todos os passageiros:

— Estão aí 15.600 quilômetros quadrados de terras ora mais ora menos férteis em tôrno de uma cidade de dois e meio milhões de habitantes e que cresce aos pulos, de uma aglomeração humana de mais de três milhões, se incluirmos, como se deve, como se faz para calcular a população da Grande Paris, as populações das localidades que circundam, que a tocam, que participam de sua vida quotidiana — Niterói, Duque de Caxias, Nova Iguaçu e outras. Gastaram-se centenas de milhões de cruzeiros de drenagem. E não aproveitaram as terras senão em parcelas míninas, e no entanto poderiam ser divididas em milhares de sítios, granjas e chácaras exploradas racionalmente por colonos brasileiros, italianos, portuguêses e espanhóis que produzissem grande parte do arroz, das frutas tropicais, das hortaliças e do leite de que todos nós tanto necessitamos. Assim se fêz nas terras da campanha romana. Os pântanos de outrora são hoje pomares e trigais. Drenamos uma área dez vezes maior do que Mussolini; não concluímos, porém, a grande obra que se tinha em vista.

Os contrafortes da serra do Mar ergueram-se florestados e pitorescos. A serra dos Órgãos atirou para o alto os seus píncaros de dois mil e tantos metros de altitude, que o avião venceu facilmente, alçando-se ainda mais. Esfriou. Nuvens esbranquiçadas enchiam o fundo dos vales. Cidades alargavam-se nas várzeas e subiam os morros. Além, amplo e fecundo, o vale do Paraíba do Sul, magnificamente lançado entre as duas maiores cidades do Brasil, fecundo e ameno, capaz de, com suas águas, movimentar turbinas hidroelétricas com milhões de quilovátios de capacidade, isto é, várias vezes mais do que o faz atualmente. Os cafezais do Paraíba do Sul foram, em grande parte, substituídos por pastagens, enquanto os arrozais alastram-se nas várzeas. A indústria aumenta e enriquece as aglomerações urbanas. Os cafezais podem e devem, porém, ser restaurados, utilizando-se, para isto, os novos ensinamentos técnicos. Os vinhedos e pomares de fruteiras de climas temperados e subtropicais, quando devidamente fomentados — só fomento tem faltado — aproveitarão grandes trechos das encostas, permitindo um adensamento muito maior da população rural e um extraordinário aumento no padrão de vida.

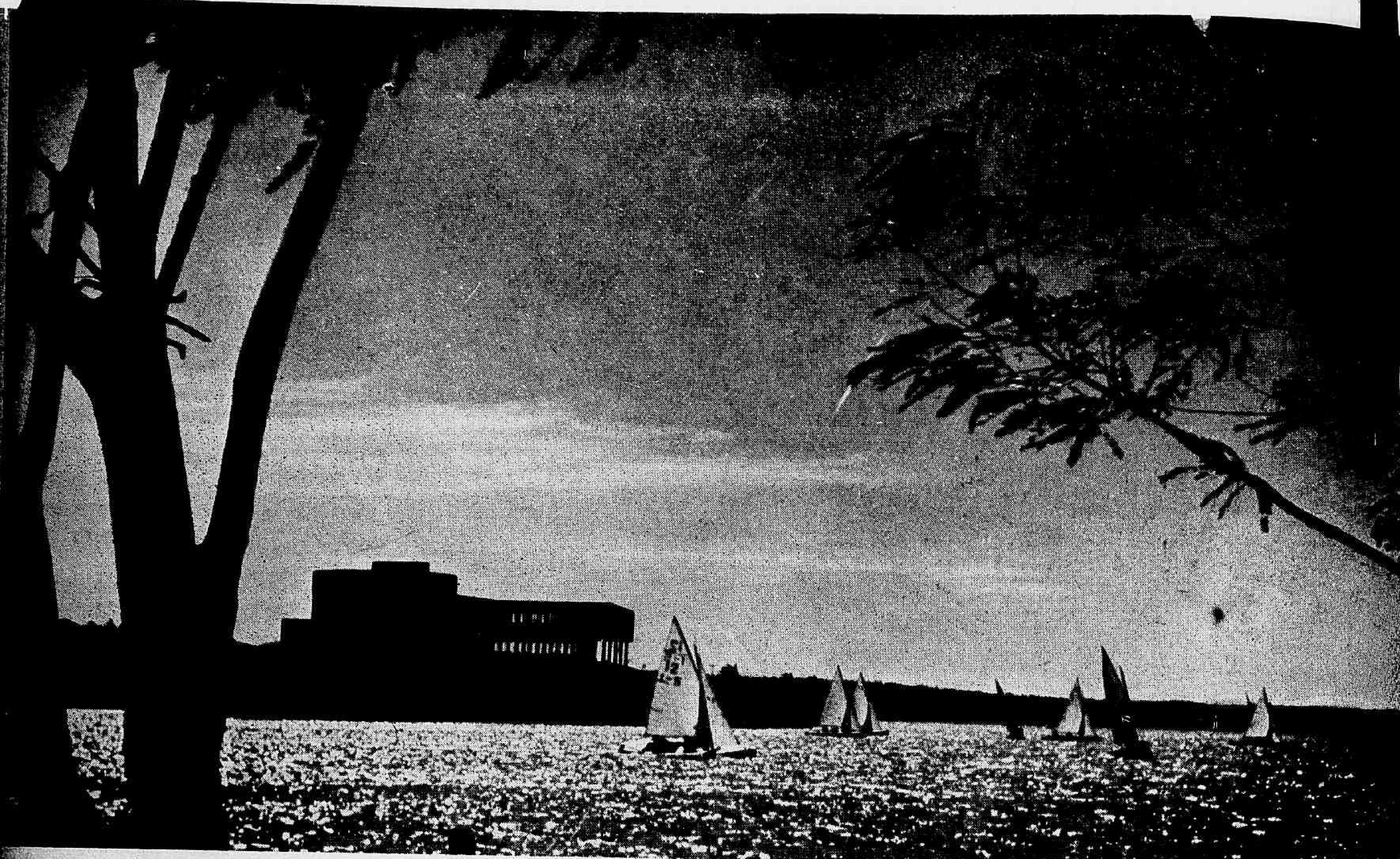


PRAÇA 7

E' o coração belo-horizontino. Todos os bondes passam pela Praça 7, onde se discute política, realizam-se negócios e se aprecia o monumento denominado "Pirolito"

Galgamos as últimas ondulações da Mantiqueira e demos em cheio com as terras tremendamente desflorestadas de Minas Gerais. Bosques raros dispostos nas nascentes dos rios. Pastarias e pastarias, na exploração mais extensiva, sem que à pecuária se alie, uma agricultura equivalente, para melhor equilíbrio pedológico e econômico.

Mas já ao longe surgia a mancha esbranquiçada de Belo Horizonte, uma das mais interessantes cidades — cogumelos que se conhecem. Do alto, nota-se a pujança da urbs pelos casarios novos que se alastram em todos os sentidos, pela Cidade Industrial que fumega ao lado, pelo espetar de arranha-céus cada vez mais altos e mais numerosos. Tem-se, olhando-se Belo Horizonte do avião, uma idéia de São Paulo, a metrópole trepidan-



PAMPULHA

Uma vista do lago artificial em que se pratica o iatismo. Ao fundo, a silhueta do Cassino da Pampulha. Em baixo, o mesmo Cassino visto de perto. Deslumbrante jardim serve de moldura a êsse bonito e pitoresco recanto traçado pelo senso artístico de Oscar Niemeyer. A linda capital mineira já possue, também, um prédio de vinte e seis andares



OUTRA arrojada concepção arquitetônica de Oscar Niemeyer é a igreja da Pampulha, cuja construção provocou os mais desencontrados comentários.. Vista de frente, com as obras ainda inacabadas

te e incansável, prenhe de iniciativas arrojadas e fecundas. Além, à esquerda, Pampulha, com seu açude, seu cassino, seus clubes de regatas, a igreja modernista que o catolicismo repeliu — o pequeno mar que é o orgulho e o enlêvo da cidade do planalto que não esquece Copacabana, Ipanema e Leblon.

Aterrissamos. Outros aviões deslizam nas pistas. Terceiros sobrevoam o campo aproximando-se ou afastando-se. O ar é leve e acariciante. Há alegria de viver na multidão sadia e bem vestida que enche as salas da estação e os automóveis. E a cidade encanta aos viajores com suas longas e belas ruas esplendidamente arborizadas, asfaltadas e movimentadas, os jardins bem cuidados, o tráfego intenso, as lojas de moda que não são inferiores às do Rio e São Paulo, os hotéis que se instalam em arranha-céus e os cinemas numerosos e bons, dando várias sessões diariamente.

— Belo Horizonte progride — disse-nos um belohorizontino entusiasta, o engepasseávamos pela bela avenida Afonso Penheiro Alves Baeta enquanto, à noite, na, olhando as montras das livrarias que mostram, de princípio, a intensidade da vida intelectual da grande cidade. Belo Horizonte é uma cidade-cogumelo como São Paulo e como o Rio de Janeiro do século XX. Não existia em 1890. Fundaram-na por decreto, em 1898. Tinha 13 mil habitantes em 1900; 55 mil, em 1920; 108 mil, em 1930; 212 mil, em 1940. Tem hoje, 51 anos depois de fundada, 350 mil habitantes. Se o progresso continua — e por que não há de continuar? — contará com 700 mil habitantes em 1962 e com um milhão em 1970. Quero ver isto.

Sorriu deliciado e convidou-me para um cafezinho. Acendeu mais um cigarro e puxando-me pelo braço para tomarmos o bonde que vai à rua do Chumbo, acrescentou:

— Compare o progresso de Belo Horizonte com o do Pôrto.

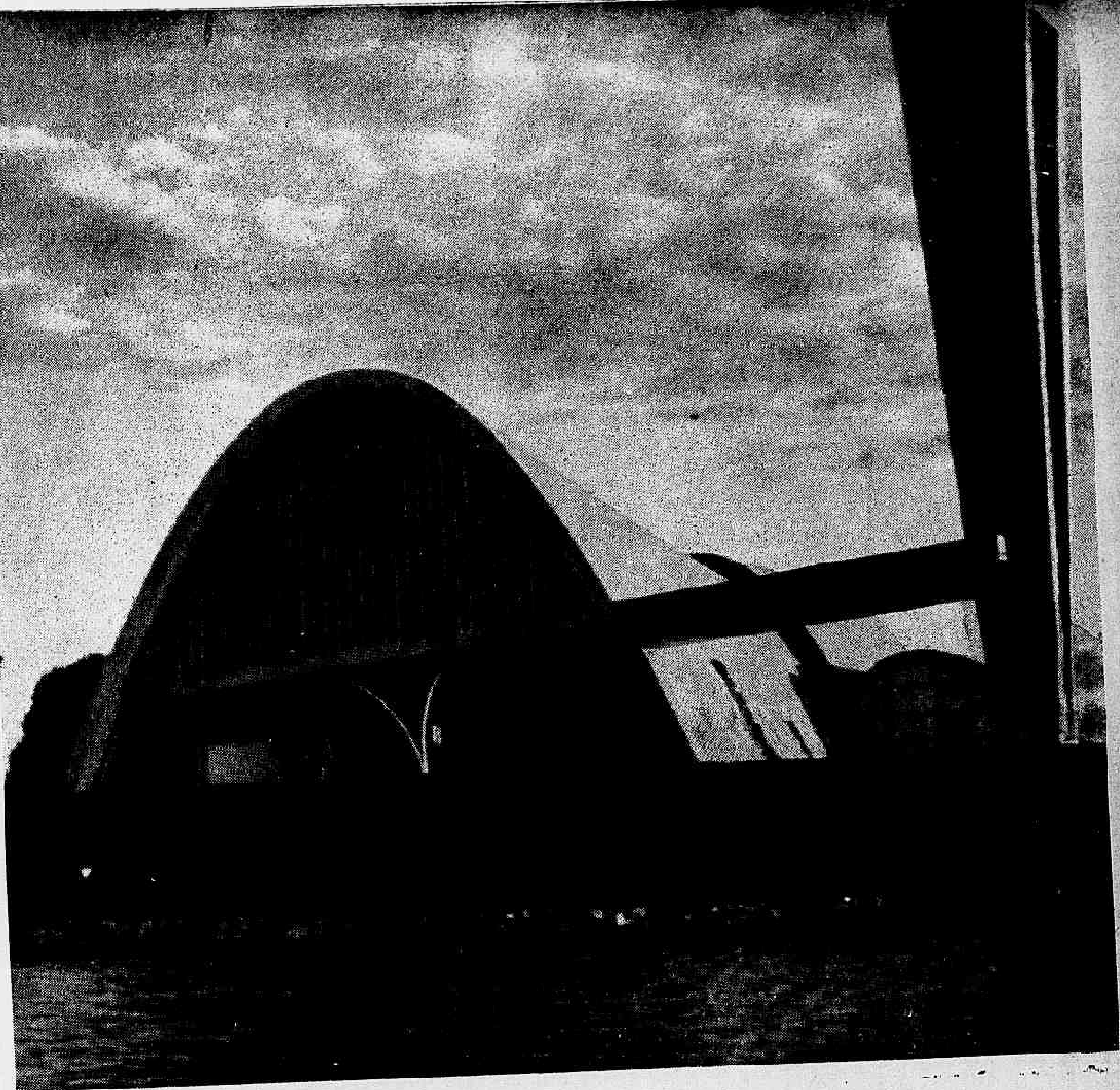
— Que Pôrto?

— A cidade do Pôrto, em Portugal. E' a segunda do país. E' o seu grande centro agrícola, industrial e comercial. E' a capital do vinho e do melhor vinho lusitano. E' um grande centro livreiro e intelectual. O Pôrto é uma potência. E por isso mesmo quero comparar o seu crescimento com o de Belo Horizonte, essa metrópole que lhe encanta.

— Vamos à comparação.

— O Pôrto tinha 70 mil habitantes quando o Brasil se tornava independente. Em 1860, alcançara, penosamente, os 80 mil habitantes. Em 1890, oito anos antes da pedra fundamental de Belo Horizonte, o Pôrto era uma grande cidade com 108 mil habitantes. Em 1920, aos 55 mil belohorizontinos opunha 195 mil portuenses, quase quatro vezes mais. Em 1930, para os 108 mil belohorizontinos havia 232 mil portuenses. Agora, o Pôrto tem uns 270 mil habitantes, muito menos que Belo Horizonte. Em 1962 talvez tenhamos quase duas e meia vezes a população da grande, próspera e rica segunda cidade portuguêsa. Belo Horizonte é ou não uma cidade-cogumelo? Olhe para aquêle prédio de vinte e seis andares e responda.

— Você está com tudo, Alves Baeta, mas está bastante prosa.





JARDIM da Praça Rui Barbosa, de maravilhoso efeito na primavera, quando repleto de flôres perfumadas e de côres variegadas. Outro recanto de extraordinária beleza que a capital mineira oferece

O TIO Jerônimo

NÃO sei bem por que, lembrei-me hoje do tio Jerônimo, irmão solteiro de meu avô. Revejo-o com nitidez, a barba rala, os olhos azuis, o andar trôpego. Morava na velha casa, fora do cercado, e todos os dias à hora do almôço e do jantar, chegava para as refeições. Depois, não podia mais andar. E quando morreu, não sei como aconteceu. Aí a memória falha por completo. O tio Jerônimo que aparece agora é o dos concursos, o das referências. Logo que o meu tio Henrique adoeceu, todos falaram que o mal era o mesmo do tio velho. Assim principiara, assim caminhara, assim sofria aquelas dores terríveis.

Mas se me falha a memória, não me falharam os negros da cozinha. Êstes de tudo sabiam e o que sabiam vinha sempre através de exageros, medos e mentiras que completavam a realidade. Muitas vêzes ouvi a negra Generosa dizendo: — "O seu Jerônimo não era homem para aguentar isto ou aquilo. Era homem de muito gênio, homem de dizer e fazer, capaz de briga, de mandar dar surras, de não levar em conta as grandezas de ninguém". Havia também a versão das tias. Para estas, o tio doente não aparecia nas conversas com insistência. Apenas quando saíamos da casa-grande e juntos passávamos pela "casa velha" ouvi muitas vêzes: — "A casa do tio Jerônimo está se acabando". E, a folhear o album dos retratos antigos desde que chegavam à figura do homem de barba rala, dizia-se: — "E' o tio Jerônimo". E só.

Uma tarde, porém, apareceu no Engenho um negro velho, retinto, de olhos esverdeados, mais sujos do que verdes, e todo cheio de mesuras para a minha avó. Generosa, que estava sentada no banco da porta da cozinha, foi logo dizendo: — "Que veio fazer aqui esta "peste"? Negro do diabo".

Era Domingos Ramos. Havia sido escravo do pai da minha avó e viera em herança para o Engenho. Aquela raiva da Generosa ficou comigo. Por que não gostava ela do negro velho? Vi a minha avó dando-lhe tôdas as atenções, a gritar lá para a cozinha: — "Generosa, bota jantar para Domingos".

A negra levantou-se com o gemido das dores do seu reumatismo e logo que o conviva se foi, andei atrás da Generosa para que ela me dissesse alguma coisa sôbre o velho. Generosa fugiu da minha curiosidade. E só muito mais tarde fui encontrar o fio da meada. Tudo se passara nos tempos do tio Jerônimo. A minha avó, que era uma natureza violenta, inimizara-se com o cunhado. Mais do que com o tio Jerônimo, com a mulher que com êle vivia, sem casamento. E quando a minha avó criava raiva, era raiva eterna. E as coisas chegaram à parte crítica. O meu avô, o mais brando dos homens, não acreditava nas raivas da minha avó. E no entanto eram verdadeiras raivas que lhe consumiam a vida.

O tio Jerônimo não temia a cunhada. Recolhido aos tormentos das suas dores, devia pouco cuidar das impertinências da prima. Teria que guardar as suas raivas para o seu tio Manuel César, do Itaiqui, para os filhos do tio Chico Leitão, do Engenho Novo. Que a cunhada Generosa ficasse no seu lugar de mulher, que mulher só servia mesmo para as serventias da casa e do parto.

Não pensaria assim a minha avó. E foi aí que encontrou Domingos Ramos. O caso se deu ali mesmo, no Engenho Corredos. A minha avó concebeu o seu plano e encontrou o seu instrumento no negro que viera de seu pai, que a acompanhara como uma peça de estimação. A "tipa". do Jerônimo precisava de uma boa pisa. E dito e feito. Lá uma tarde, quando o velho Jerônimo saíra de casa para o jantar, apareceu o negro Domingos Ramos no terreiro a provocar a teuda e manteuda. Sinhá Germínia viu logo no negro atrevido a raiva da Senhora e não quis conversa. Fechou-lhe a porta. Mas o negro era um pau mandado. E insistiu. Aí aconteceu o fato. O filho mais velho da Sinhá Germínia, não se conteve. Saiu para o terreiro para castigar os atrevimentos do negro. E mal botou os pés fora de casa, Domingos Ramos se sacudiu para êle armado de faca. Lutaram. O rapaz ficou com uma facada e o negro fugiu para o Engenho Jardim, onde se acoitou.

Mas antes, na sala de jantar, chegou a notícia do crime. O tio Jerônimo estava sentado ao lado do irmão. A cunhada levantou a voz para defender o negro. O meu avô ergueu-se da mesa e deu ordem para que se pegasse o negro. Iria para a "mesa do carro", o maior castigo para os escravos. Foi quando o tio Jerônimo, de voz mansa, sem que o tivessem perturbado:

— Nada disto, Cazuza. Nada disto. Quem devia ir para a "mesa do carro" era a sua mulher. O negro não. Deixe o negro sôlto.

E saiu, trôpego, com o andar de tabético, amparado nos dois cacetes, à procura do filho ferido de morte.

Êste era o tio Jerônimo segundo os negros da cozinha.

JOSÉ LINS DO RÊGO

NESTE NÚMERO

REPORTAGENS

Abertura do Ano Santo 3/6
Na intimidade do PSD (Carlos Duarte) 10/15
Renata e César voltam (Sabino Canalini) 16/19
Aspirantes da Aeronáutica .. 20/21
Vinte e cinco anos de rádio (A. Migueis) 34/37

ATUALIDADES

Londres vista de uma diligência (N. Press) 29/31
Belo Horizonte, cidade-cogumelo (Pimentel Gomes) .. 55/57

LITERATURA

Gandhi, o melhor da índia (Lin Yutang) 9
Aquêle Bento... (Maria A. d'Avila Miranda) 23
No meu tempo de Palhaço (Enéas Dourado) 32
Tio Jerônimo (José Lins do Rêgo) 58

CURIOSIDADES

Canadá, o berço do hockey sôbre o gêlo) 24/25

HUMORISMO

Sete dias em revista (Theo) 22
O bicho-homem (Nicodemus) 33
Bom Humor 38
"Charge" de Rafael 53

FEMININAS

A opinião de um solteirão (O. B.) 39
Modelos praianos 40
Quatro golas originais 41
Estampados modernos 42
Modelos diferentes 43
Week-End na cozinha 45

SEÇÕES PERMANENTES

Puxe pelo cérebro 7
A Semana em Revista — Personagem da Semana 8
Música (Roberto Lyra Filho) 44
A saúde do bebê (Dr. Carlos Saboia) 51
Tudo isto aconteceu 52/53

FOLHETIM

Scarlet 54

★

FOTOS: Arnaldo Vieira
News Press
Avulsas

★

ILUSTRAÇÃO: Renato Souza

★

NA CAPA:

ANE BAXTER
(20th. Century Fox)

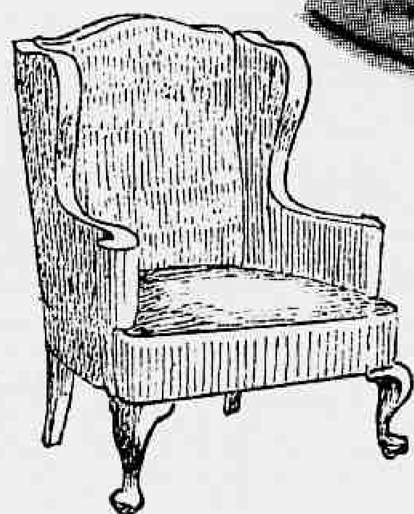
PUXE PELO CÉREBRO

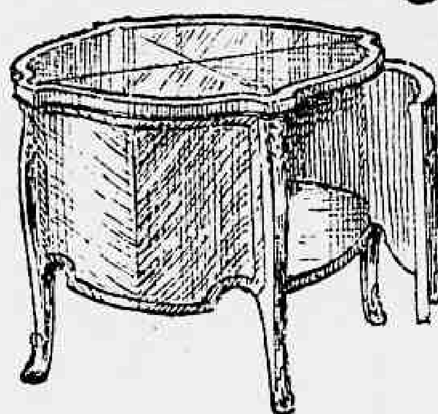
(Respostas às perguntas da pág. 7)

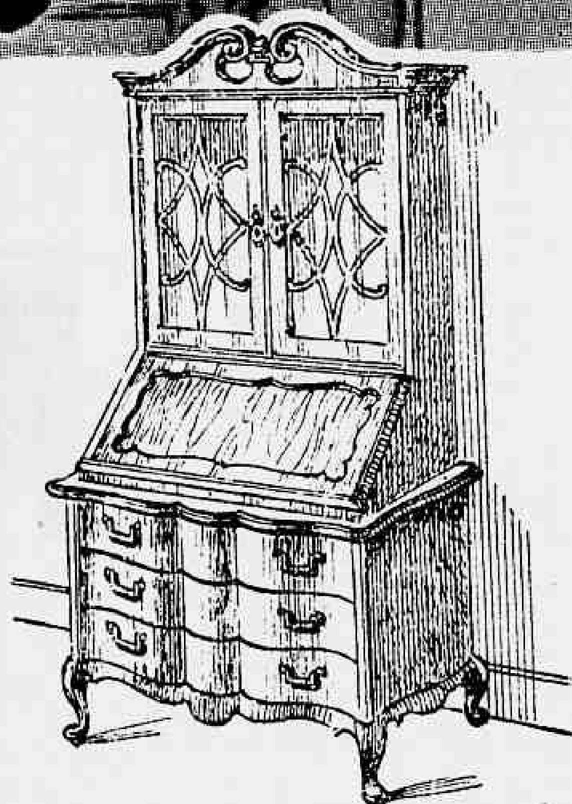
1 — 1901.
2 — Gêmeos que nascem ligados.
3 — Cirrus (8 a 9 mil metros).
4 — Instrumento musical.
5 — Denis Papin.
6 — América do Sul.
7 — Sadi Carnot (24-6-1894).
8 — Xavier Cordeiro (português).
9 — 14-12-1864.
10 — No México (um cipreste de cinco mil anos).
11 — Apagar riscos de lápis.
12 — Da batata.
13 — Tartaruga-gigante (cêrca de 300 anos).
14 — O papagaio (100 anos).
15 — Bolivar (acentuação na sílaba li).
16 — Ladronius.
17 — Aos 58 anos.
18 — Joaquim Maria Machado de Assis.
19 — Paraná.
20 — José do Patrocínio.

TRADICIONAL VENDA ANUAL

PONY





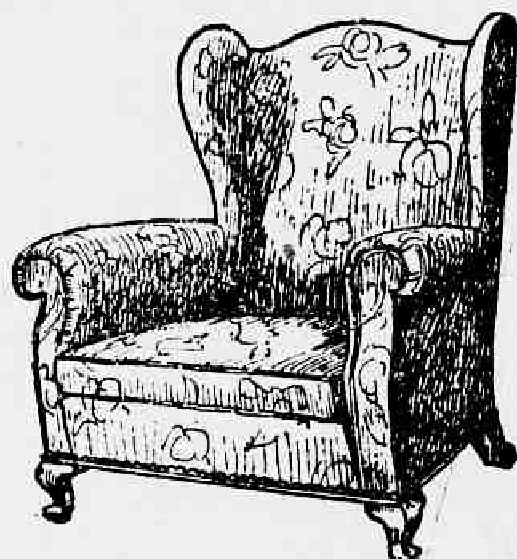


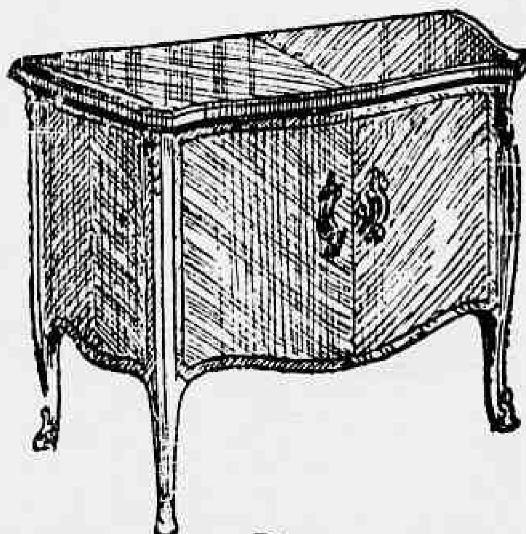
PRESENTES UTEIS

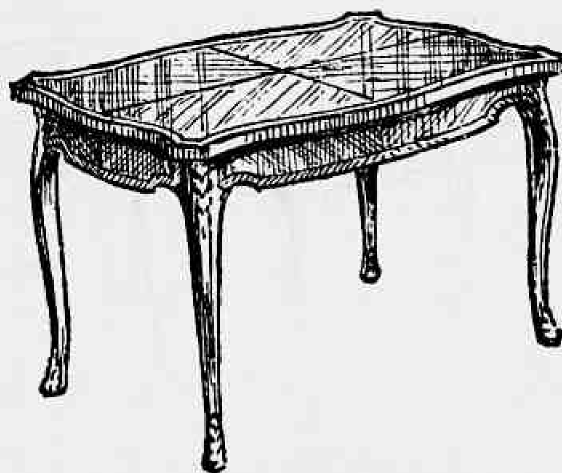
a preços excepcionais

Escrivaninhas — Poltronas — Bares — Cômodas — Carrinhos para Chá — Móveis avulsos — GRUPOS ESTOFADOS e

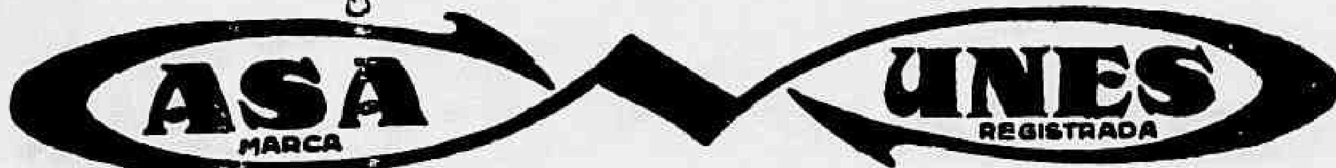
"Tapetes de todo o mundo"











65 RUA DA CARIOCA 67 ★ RIO



Onde se divertem pessoas de bom gosto...

A Sociedade Hípica Brasileira, no Rio de Janeiro, é o ponto de reunião predileto dos amantes da equitação.

aí se encontram os cigarros Hollywood

Antes e depois da competição... cabe um Hollywood, o cigarro elegante por excelência. Hollywood torna ainda mais aprazíveis as horas de lazer. Fumos escolhidos e hàbilmente combinados fizeram de Hollywood o cigarro-tradição da sociedade brasileira. Seja, V. também, do grupo elegante dos que fumam Hollywood!



cigarros

Hollywood

uma tradição de bom gosto

Companhia de Cigarros **SOUZA CRUZ**

S8.030-11